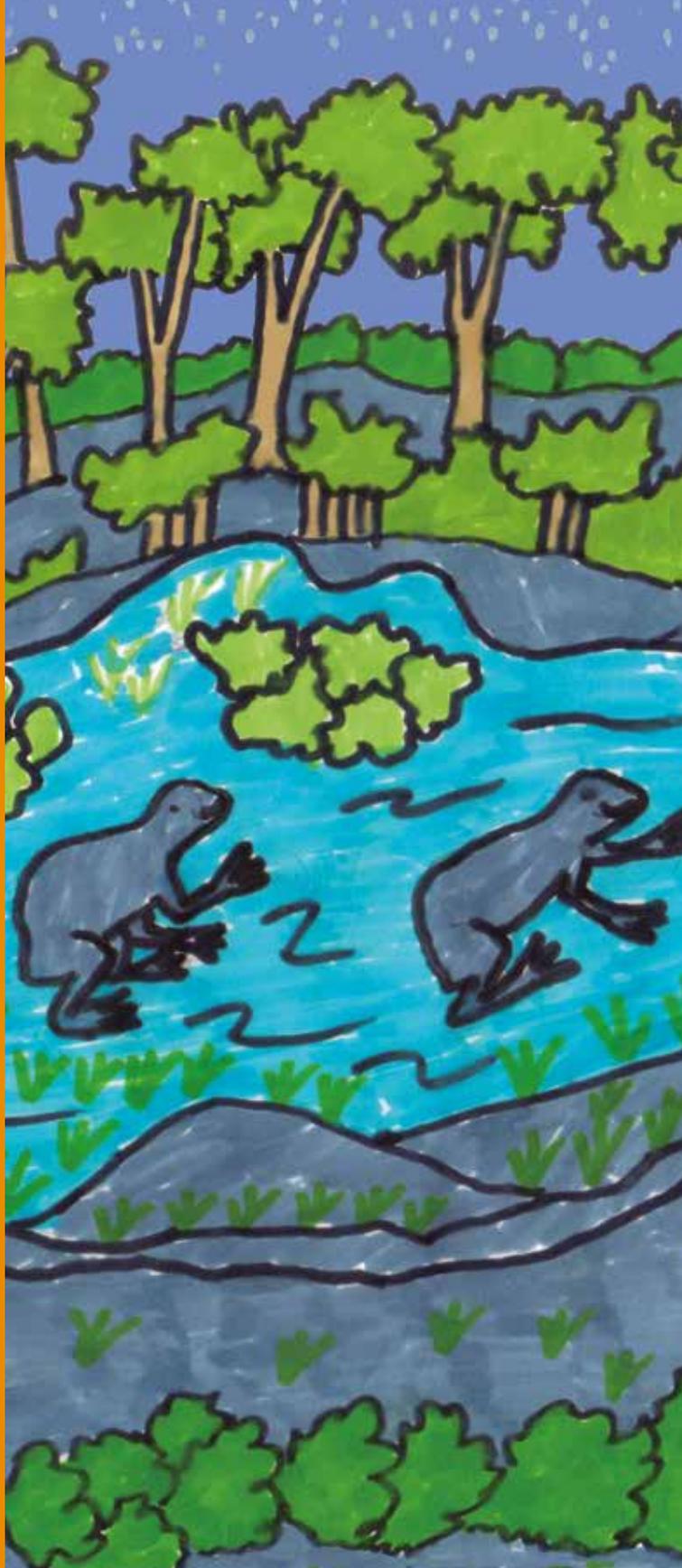


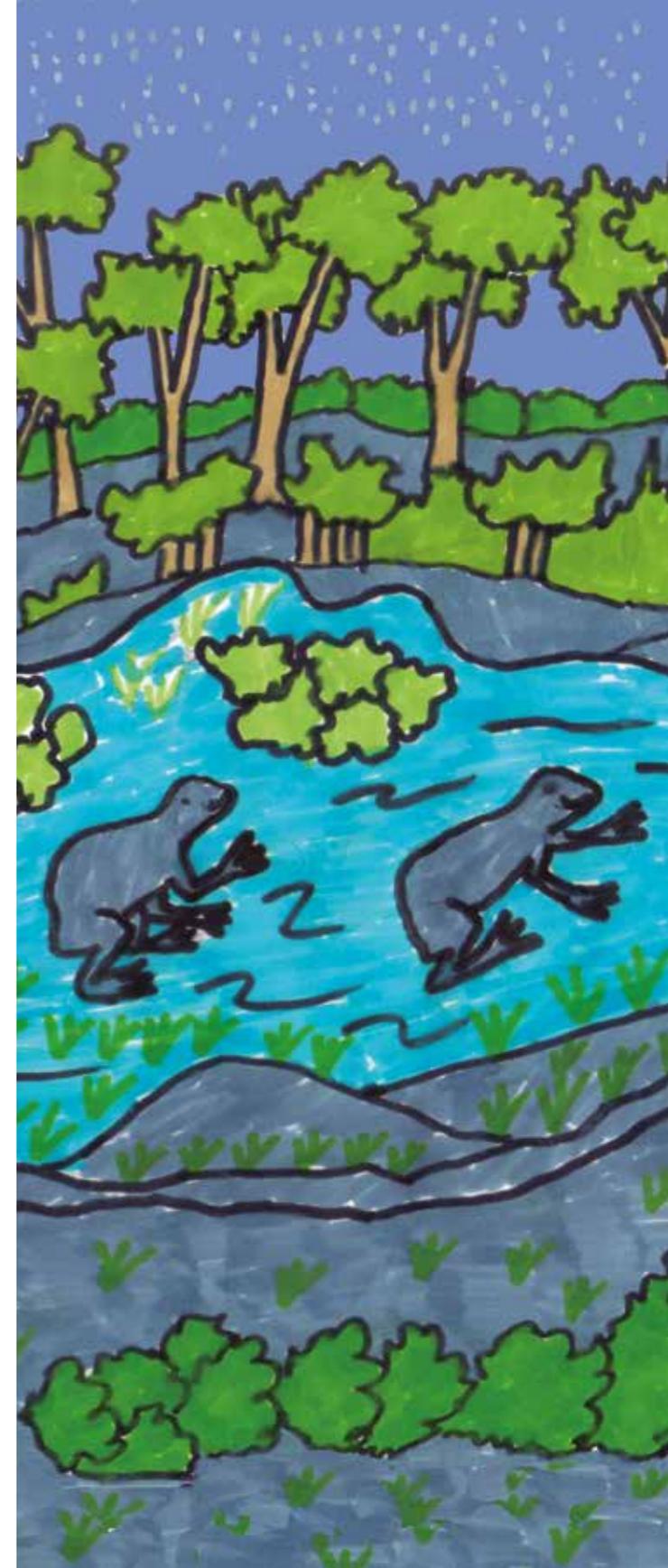
Saberes wajãpi
sobre transformações
ambientais e
climáticas



Este livro é resultado de uma pesquisa coletiva dos agentes socioambientais wajãpi (ASA), realizada na Terra Indígena Wajãpi (TIW) com apoio do Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena. A pesquisa, desenvolvida como parte da formação continuada dos ASA, investigou algumas transformações ambientais observadas e consideradas fora dos padrões usuais pelos moradores da TIW. Assim como outras populações indígenas e tradicionais em várias localidades do planeta, os Wajãpi vêm percebendo em seu território alterações expressivas nos ciclos sazonais e nos regimes de chuvas característicos das duas estações que ocorrem no bioma amazônico: o verão – época da seca – e o inverno – época chuvosa.

As alterações ambientais e sazonais levantadas na pesquisa vêm sendo observadas especialmente a partir da última década, mas já têm impactado o comportamento dos animais, dos vegetais e também as atividades cotidianas dos moradores das aldeias. Com a finalidade de tentar entender, dimensionar e qualificar essas transformações, os ASA escolheram pesquisar vários sinais e marcadores considerados importantes para anunciar e para configurar as mudanças ambientais sazonais – incluindo animais, vegetais, astros e outros seres da cosmologia wajãpi.

Saberes wajãpi sobre transformações ambientais e climáticas



O Iepé é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2002, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento cultural e político e para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas que vivem no Amapá e norte do Pará. O Iepé proporciona assessoria especializada e capacitação técnica diversificada, para que se organizem e possam enfrentar, de forma articulada, os desafios crescentes que se colocam hoje às suas comunidades e organizações, para a defesa de seus direitos e interesses.

CONSELHO DIRETOR

PRESIDENTE: Marina Kahn

VICE-PRESIDENTE: Lúcia Hussak Van Velthem

TESOUREIRO: Ruben Caixeta de Queiroz

CONSELHO EDITORIAL

Denise Fajardo

Dominique Tilkin Gallois

Luis Donisete Benzi Grupioni

Lúcia Hussak Van Velthem

Lux Boelitz Vidal

COORDENADOR EXECUTIVO

Luis Donisete Benzi Grupioni

PROGRAMA WAJÁPI

COORDENADORAS:

Juliana Rosalen e Lúcia Szmrecsányi

ASSESSORES:

Giovani Musial, Gutcha Ramil Magalhães, Lorena de Lima e Rodrigo Siqueira Ferreira

APOIO ADMINISTRATIVO E LOGÍSTICO:

Daniel Maciel, Valdemir Furtado e Yasmin Oliveira (estagiária)

Para saber mais sobre o Iepé consulte: www.institutoiepe.org.br

Iepé MACAPÁ

Avenida dos Caramuru, 281-A – CEP 68902-100 – Macapá - AP

Iepé

Saberes wajãpi sobre transformações ambientais e climáticas

Agentes Socioambientais Wajãpi

2023



Saberes wajãpi sobre transformações ambientais e climáticas

Agentes Socioambientais Wajãpi

© Iepé, 2023

AUTORES E AUTORAS DO LIVRO

Agentes Socioambientais Wajãpi (ASA):

Ajãreaty Waiãpi,
Akitu Waiãpi,
Ana Waiãpi,
Jakamy'yi Waiãpi,
Jakyri Waiãpi,
Janaimã Wiãpi,
Japukuriwa Waiãpi,
Jatuta Waiãpi,
Kapu Waiãpi,
Kariki Waiãpi,
Kenajãrõ Waiãpi,
Kupenã Waiãpi,
Marãte Waiãpi,
Masakão Waiãpi,
Megõ Waiãpi,
Motã Waiãpi,
Nuwara Waiãpi,
Pasiku Waiãpi,
Pauri Waiãpi,
Sakyrã Waiãpi,
Sikumã Waiãpi,
Sinu Waiãpi,
Tini Waiãpi e
Tuwai Waiãpi

ENTREVISTADAS E ENTREVISTADOS

Ajãreaty Waiãpi, Aka'upoty Waiãpi, Japarupi Waiãpi, Jawapini Waiãpi, Jeremanã Waiãpi, Joapirea Waiãpi, Jowatonã Waiãpi, Jurara Waiãpi, Kanyra Waiãpi, Kapera Waiãpi, Karara Waiãpi, Kasiripina Waiãpi, Korõpe Waiãpi, Kumarawãni Waiãpi, Kumare Waiãpi, Marãte Waiãpi, Marity Waiãpi, Matã Waiãpi, Matapi Waiãpi, Matia Waiãpi, Miwã Waiãpi, Mojauka Waiãpi, Nawyka Waiãpi, Ororiwa Waiãpi, Pajari Waiãpi, Piriri Waiãpi, Pisika Waiãpi, Ripe Waiãpi, Romã Waiãpi, Romanã Waiãpi, Sare Waiãpi, Sawerã Waiãpi, Seki Waiãpi, Seremete Waiãpi, Sígau Waiãpi, Sirarã Waiãpi, Siro Waiãpi, Sisiwa Waiãpi, Suinã Waiãpi, Taoka Waiãpi, Tapajonã Waiãpi, Tawato Waiãpi, Teju Waiãpi, Turuku'ã Waiãpi, Waivigatu Waiãpi, Waivisi Waiãpi, Waiwai Waiãpi, Wei Waiãpi, Wyrakatu Waiãpi

ORGANIZADOR

Igor Scaramuzzi

ORIENTADORES DAS PESQUISAS

Aikyry Waiãpi, Igor Scaramuzzi e Seki Waiãpi

EDIÇÃO E REVISÃO DOS TEXTOS

Igor Scaramuzzi, Jatuta Waiãpi, Juliana Rosalen, Lílian Abram dos Santos e Lúcia Szmrecsányi

ILUSTRAÇÕES

Agentes Socioambientais Wajãpi

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Renata Alves de Souza – Tipo Gráfico Comunicação

REALIZAÇÃO



PARCERIA



APOIO AO TRABALHO DOS AGENTES SOCIOAMBIENTAIS WAJãPI (ASAs)



APOIO À PUBLICAÇÃO DO LIVRO

GESTÃO EXECUTIVA

GESTOR DE CONTRATO

GESTOR DE CONTRATO

APOIO INSTITUCIONAL



6 Apresentação

14 Introdução

16 Trovão e sol

24 Canto da rã *juwe*

28 Canto da rã *murawa*

34 Reprodução e vida das aves

42 Aves cantam, se reproduzem e marcam o tempo do inverno

50 Gordura das caças

56 Época de flores no verão e no inverno

60 Árvores florescem no inverno e no verão

64 Frutas das árvores avisam o tempo do inverno e do verão

76 Frutificação das árvores no inverno e verão

80 Reprodução das caças

90 Reprodução das caças que vivem no chão da floresta

96 Piracema

100 Canto do *tawatõ miti*

104 Assovio do *tõtiãkãsere*

110 Canto da preguiça

114 Cantos das cigarras

118 Canto da cigarra anuncia o verão

124 Cigarras avisam sobre o tempo do verão

130 Aparecimento das borboletas avisa a chegada do verão

138 Canto do *tarutaru*

144 Canto do gafanhoto *sryr*

148 Aparecimento das estrelas *sirike*, *akãgwerã* e *eju*

Apresentação

Igor Scaramuzzi



Este livro é resultado de uma pesquisa coletiva dos agentes socioambientais wajãpi (ASA), realizada na Terra Indígena Wajãpi (TIW) entre os anos de 2019 e 2021 com apoio do Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena. A pesquisa, desenvolvida como parte do processo de formação continuada dos ASA, investigou algumas transformações ambientais que estão sendo observadas e consideradas fora dos padrões usuais pelos moradores da TIW. Tal como vem sendo constatado por diversas populações indígenas e tradicionais em várias localidades do planeta, os Wajãpi vêm percebendo em seu território alterações expressivas nos ciclos sazonais e nos regimes de chuvas característicos das duas estações que ocorrem no bioma amazônico: o verão – época da seca – e o inverno – época chuvosa. Estas dinâmicas, presentes em cada uma das estações, orientam e assinalam as mudanças ambientais e ecossistêmicas que ocorrem anualmente nos lugares onde vivem os Wajãpi.

UM POUCO SOBRE OS WAJĀPI

Os Wajāpi são um povo falante da língua Wajāpi, que pertence à família linguística Tupi-Guarani. No Brasil, a maioria dos Wajāpi habita a Terra Indígena Wajāpi (TIW), situada no oeste do estado do Amapá, na Amazônia, onde são cerca de 1700 pessoas (DSEI-ANP, 2021), vivendo em aproximadamente 140 aldeias (Iepé, 2023). A TIW foi homologada em 1996 com pouco mais de 607 mil hectares. Fora da TIW, alguns Wajāpi moram nas Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru d’Este e nas cidades de Macapá e Pedra Branca do Amapari. Também há grupos e comunidades wajāpi na Guiana Francesa, no entorno dos rios Oiapoque e Camopi, nas proximidades da fronteira com o Brasil. A língua wajāpi é a primeira língua dos habitantes da TIW e o português também é falado pela maioria das pessoas jovens e adultas.

Os Wajāpi estão organizados em subgrupos configurados por relações territoriais e de parentesco, denominados *wanā kō*. Na TIW e na Guiana Francesa, os diversos *wanā kō* se encontram distribuídos em diferentes regiões de seu território. O povo Wajāpi passou a manter contato contínuo com a sociedade não indígena a partir da década de 1970. No Brasil, isso se deu principalmente pela abertura da Rodovia Perimetral Norte (BR-210), que cortou parte do território tradicionalmente ocupado por seus subgrupos.

TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS E SEUS IMPACTOS NA TERRA INDÍGENA WAJĀPI

De acordo com os Wajāpi, as alterações ambientais e sazonais levantadas na pesquisa que originou essa publicação estão sendo observadas especialmente a partir da última década. Mesmo sendo notadas recentemente, elas já têm impactado o comportamento dos animais, dos vegetais e também as atividades cotidianas dos moradores das aldeias. No processo de pesquisa, uma das transformações ambientais que ganhou destaque foi o aumento da quantidade de chuvas no tempo do verão, que vem tendo influência importante nas atividades agrícolas, especialmente nas queimadas de áreas florestais, que devem ser feitas anualmente para dar vida às novas roças e plantações. Também foram mencionadas alterações significativas no comportamento de certos animais, de peixes e no

florescimento e frutificação de algumas árvores, com impactos na caça, na pesca e na coleta em algumas regiões da TIW.

Com a finalidade de tentar entender, dimensionar e qualificar essas transformações ambientais, os agentes socioambientais escolheram pesquisar vários sinais e marcadores elencados como os mais importantes tanto para anunciar, quanto para configurar as mudanças ambientais sazonais. Na cosmologia wajāpi, esse conjunto de marcadores e sinalizadores é constituído por várias espécies – incluindo seres que não indígenas classificam como animais, vegetais, entes sobrenaturais e astros (particularmente, estrelas e constelações). De acordo com os dados das pesquisas, existe uma série de comportamentos e fenômenos associados a cada um ou a conjuntos desses seres, que acontecem em consonância com dinâmicas ambientais específicas, inseridas em redes de relações complexas que envolvem os próprios Wajāpi. Esse conjunto de interações e fenômenos interdependentes indica e concretiza as mudanças ambientais durante o ciclo sazonal.

Cada agente socioambiental escolheu um ou um conjunto de marcadores e sinais do ciclo sazonal para desenvolver, mais aprofundadamente, a pesquisa sobre seus comportamentos, manifestações e relações com outros seres. Assim, em um primeiro momento, foram realizadas entrevistas com os conhecedores e conhecedoras das aldeias para uma caracterização geral e para a coleta de informações sobre como os sinais e marcadores escolhidos para a pesquisa se comportavam ou se manifestavam usualmente. Nas entrevistas, além dessa caracterização, também foi questionado se havia alguma percepção de mudança nos comportamentos ou manifestações dos sinais. Por fim, caso houvesse sido constatada alguma mudança, foi indagado se as conhecedoras e os conhecedores sabiam os motivos pelos quais as mudanças estavam acontecendo.

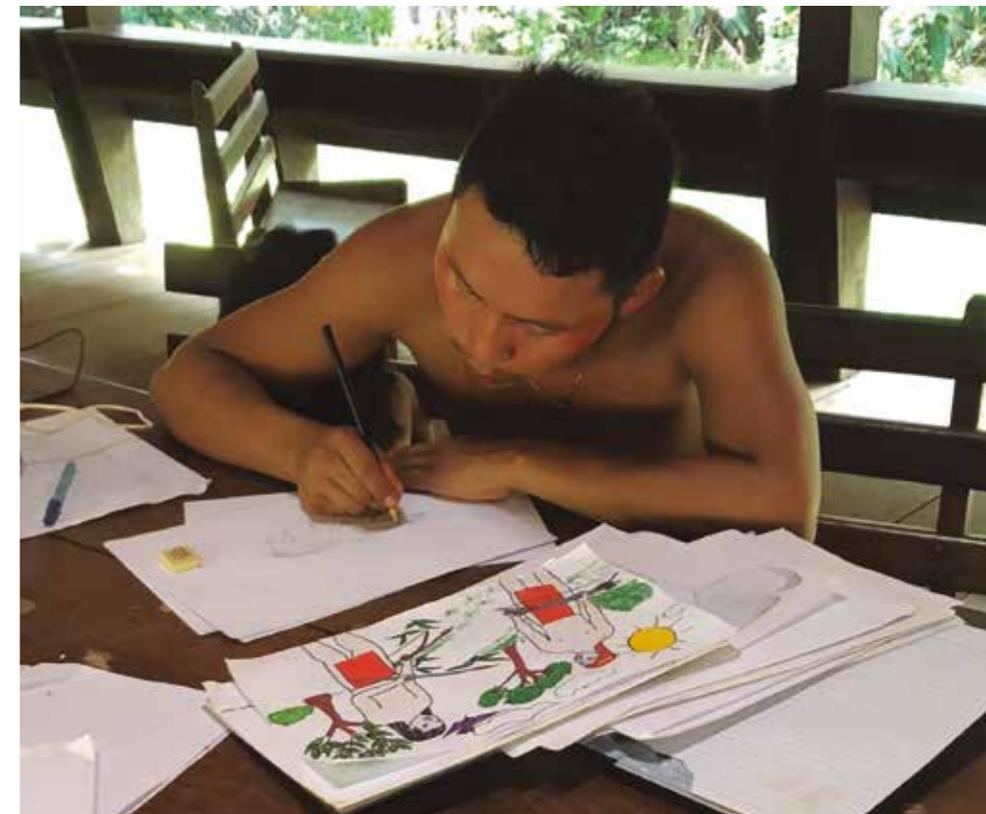
Observações e interpretações pessoais dos pesquisadores foram acrescentadas às informações obtidas nas entrevistas, sendo possível notar que muitas dessas interpretações se construíram no diálogo com discussões sobre mudanças climáticas em escala global, com as quais os agentes socioambientais wajāpi vêm tendo contato dentro e fora da Terra Indígena, especialmente em reuniões com diversos segmentos não indígenas.

Assim, logo no início do processo, justamente por perceberem que o tema que estavam pesquisando era de grande interesse e importância para as comunidades wajãpi, para outros povos indígenas e para os não indígenas, os ASA se propuseram a tarefa de elaborar a publicação na língua wajãpi e esta versão em português, para que os resultados de suas pesquisas alcançassem um público mais amplo e diversificado. Tendo essa proposta como meta, foram sendo elaboradas, ao longo do tempo, versões em língua portuguesa das pesquisas realizadas e escritas na língua wajãpi. Vale observar, entretanto, que os textos em português aqui apresentados geralmente são mais resumidos e simplificados do que aqueles produzidos em língua wajãpi.

UM POUCO MAIS SOBRE O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa se iniciou no final do ano de 2019 e fez parte da formação continuada dos agentes socioambientais wajãpi, que, naquele mesmo ano, haviam concluído sua formação como técnicos em meio ambiente, conduzida pelo Instituto Iepé em parceria com o Instituto Federal do Amapá. A pesquisa e a formação integram um conjunto de atividades desenvolvidas pelo Iepé junto aos povos indígenas do Amapá e Norte do Pará, abordando a gestão socioambiental sustentável das Terras Indígenas, que também inclui a formação continuada e o desenvolvimento de pesquisas sobre temas semelhantes pelos agentes socioambientais e outros pesquisadores e pesquisadoras dos povos indígenas do Oiapoque.

No final de 2019, as atividades junto aos Wajãpi foram conduzidas e orientadas pela então coordenadora adjunta do Programa Wajãpi, Isabel Mesquita. Devido ao isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19, as atividades ficaram paralisadas em boa parte do ano de 2020. No início de 2021, os trabalhos foram retomados e assumi a orientação das pesquisas no formato remoto até abril de 2022, realizando reuniões virtuais com os agentes socioambientais, enviando e recebendo deles textos, áudios e imagens via internet.



Elaboração dos textos e ilustrações nas oficinas presenciais. Foto: Igor Scaramuzzi.

Nesta etapa, também realizamos algumas reuniões virtuais para apresentação e discussões de resultados parciais das pesquisas com participação de outros Wajãpi interessados no tema. Em algumas dessas reuniões, anciões e anciãs, convidados pelos agentes socioambientais, responderam perguntas e fizeram observações sobre os trabalhos apresentados. Todas as reuniões feitas nesse formato contaram com a presença dos professores Aikyry Waiãpi e Sekĩ Waiãpi, que tiveram um papel fundamental na orientação e aprimoramento das pesquisas.

Em 2022, as atividades no formato remoto continuaram com menos constância do que na etapa anterior e foram realizadas duas oficinas presenciais no Centro de Formação e Documentação Wajãpi, na Terra Indígena Wajãpi, nas quais discutimos os resultados das pesquisas e concebemos, elaboramos e pré-finalizamos esta publicação.



Debates e elaboração coletiva dos textos da publicação. Foto: Igor Scaramuzzi.

RESULTADOS PRELIMINARES E REFLEXÕES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES AMBIENTAIS

Durante a leitura do livro, será possível observar que os agentes socioambientais fizeram uma caracterização detalhada de cada marcador ou sinal das transformações ambientais sazonais, das relações que mantêm entre si e das maneiras pelas quais os Wajãpi se relacionam com eles. Outro ponto bastante evidenciado é sua importância para as atividades cotidianas dos habitantes das aldeias e comunidades. Os sinais e marcadores orientam e definem decisões importantes que os Wajãpi precisam tomar a respeito dessas atividades e das melhores maneiras de desempenhar ou aplicar os conhecimentos e práticas associados a cada uma delas.

Em relação aos resultados das pesquisas, os agentes socioambientais não elencaram uma única causa, e tampouco definiram um conjunto consolidado de causas e fatores para as transformações que estão sendo percebidas pelos habitantes das aldeias e comunidades. Até o momento, o que foi feito foi um levantamento de possíveis fatores e uma série de reflexões sobre as possíveis causas das transformações ambientais na TIW. Algo interessante e facilmente constatado com a leitura do livro é que quase todos os fatores e causas levantados estão relacionados com os modos de vida dos não indígenas. Essas relações e conexões foram feitas tanto como uma alusão aos impactos das sociedades urbanas e industriais sobre o meio ambiente e sobre as vidas dos povos indígenas, de uma maneira geral, como, também, pensando e refletindo sobre o quanto a proximidade cada vez maior dos não indígenas tem impactado a vida dos Wajãpi e como os habitantes das aldeias e comunidades têm lidado com essa influência.

Esperamos que a pesquisa sobre os conhecimentos ambientais e sobre a biodiversidade dos Wajãpi possa contribuir para o debate sobre as transformações ambientais no mundo contemporâneo, que é tão importante para os povos indígenas, para o meio ambiente e para as vidas de todos nós.

Obrigado e boa leitura!

Introdução

Agentes Socioambientais Wajãpi



Nós, Wajãpi, temos muitos sinalizadores e marcadores – animais, vegetais, astros, donos e espíritos da floresta – que nos avisam e orientam sobre as mudanças no tempo e nos ambientes e que são importantes para nosso jeito de viver nas nossas aldeias.

Neste livro, nós, agentes socioambientais wajãpi, falaremos principalmente dos sinais e marcadores que nos avisam e orientam sobre a chegada do tempo do inverno – época das chuvas – e do tempo de verão – época da seca. Também vamos falar do trovão e do sol, que avisam sobre as mudanças no tempo no nosso dia a dia.

Todos eles mostram para nós, Wajãpi, os melhores momentos para fazermos nossas atividades como caça, pesca, abertura e plantio de roças, abertura de novas aldeias, deslocamentos e expedições pelos nossos caminhos.

Para fazer este livro, cada agente socioambiental wajãpi escolheu um ou um conjunto destes sinais e marcadores das mudanças do tempo e entrevistou os conhecedores e conhecedoras wajãpi sobre as histórias deles e como eles mostram as mudanças que vão acontecer nos ambientes da nossa Terra Indígena.

Nos últimos tempos, estamos percebendo que as épocas de inverno e de verão estão ficando diferentes do que eram no passado e isso também está mudando os jeitos de alguns de nossos sinais e marcadores se comportarem. Hoje em dia, no verão, está chovendo mais do que chovia antes e isso está atrapalhando a queimada das áreas para abertura de novas roças que fazemos todos os anos. O inverno também está cada vez mais chuvoso, o que está atrapalhando as caçadas, as mudanças de aldeias, a coleta das frutas e as nossas festas.

Então, este livro é uma pesquisa sobre esses sinais, marcadores do tempo e suas histórias. Ele fala também das transformações ambientais que nós estamos percebendo na nossa Terra Indígena, que são diferentes daquelas mudanças que aconteciam antigamente, todos os anos. Queremos contar essas histórias e descobrir e explicar essas transformações que estão acontecendo na nossa Terra Indígena para os Wajãpi, para outros povos indígenas e para os não-índios.

Trovão e sol

Pauri Waiãpi



Eu sou Pauri Waiãpi, tenho 29 anos de idade e moro na aldeia Kwapo'ywry, na Terra Indígena Wajãpi (TIW). Sou casado com a Koni Waiãpi, tenho cinco filhos – três meninos e duas meninas. Minha mãe é a Kurikaje e meu pai é o Aka'upoty. A Terra indígena Wajãpi já foi demarcada e homologada em 1996 e fica nos municípios de Pedra Branca do Amapari e Laranjal do Jari. Sou agente socioambiental wajãpi (ASA).

Durante as oficinas de pesquisa da nossa formação, cada ASA escolheu um tema para fazer sua pesquisa. O tema que eu escolhi foi o sol e o trovão. Eu entrevistei quatro sábios sobre este assunto: Seremete, Ripe, Sekĩ e Sisiwa. O meu tema de pesquisa é muito importante e a gente precisa entender ele muito bem.

Objetivos

- Entender melhor o funcionamento da luz e do trovão;
- Compreender o surgimento da luz e do trovão;
- Conhecer as mudanças na luz do sol e do trovão depois do surgimento;
- Avaliar o que mudou no jeito de viver dos Wajãpi.

Hipótese

Eu acho que o sol e trovão estão mudando, porque o sol fica quente demais e foi circulado pela sucuri também. Quando trovão está aparecendo, ele está cada vez mais forte.

Perguntas de pesquisa

1. Como surgiram o sol e o trovão?
2. Tem donos (*jarã*) de cada um deles?
3. Por que o sol está ficando vermelho às vezes?
4. Por que a sucuri circula o sol?
5. O sol e sua luz mudaram hoje em dia?
6. O que avisa o trovão?
7. Por que surgiu o trovão?

TROVÃO

Trovão é como se fosse gente, ele fala igual gente, tem boca, tem olhos, ele anda. Ele vive só com sua esposa, mas ele tem muitos filhos, como se fosse a população dos não indígenas (*karaikō*). Ele sempre esteve no mundo, não tem histórias sobre como ele surgiu. Nós sabemos que nosso dono *Janejarã* que fez ele.

Trovão fica bravo também, ele fala muito forte e faz muito relâmpago e raio. Quando ele fala muito alto, o trovão fica forte e faz muito barulho. Quando ele fica bravo, fecha e abre seus olhos, por isso que acontece muito relâmpago e raio. Quando ele está bravo mesmo, derruba o angelim com raio e outras árvores também, que caem como chumbo. Quando ele fala baixo, o barulho é pouco, o relâmpago aparece muito pouco também.

Por que ele fica bravo? Quando os filhos dele ficam doentes, quando alguma coisa dá errado para ele também. Quando os filhos se recuperam e se curam, aí o trovão não faz mais barulho. O trovão mora dentro do céu.

Só os pajés que conseguem ver como ele é realmente e se comunicar com o trovão. A pessoa comum não vai conseguir se comunicar com ele. Mas aqui na terra a pessoa consegue ver filhotes do trovão, podemos ver eles como cobras. Quando um pajé mata um filho do trovão, o pai fica bravo com ele, e fala para o pajé: “Por que você matou meu filho? Eu vou te matar também!” Isso que ele diz para o pajé. Gente comum pode matar um filhote do trovão também.

Nós não conseguimos pegar o trovão, apenas percebemos ele pelo relâmpago e pelo seu barulho. Relâmpago pode aparecer no céu igual a um tipo de fogo. Mas para o pajé, o trovão é igual gente.

Trovão tristeza (*Topã ware'ã*)

Quando as pessoas morrem, o trovão faz barulho também; o som chega muito devagar e baixo e, com isso, a gente percebe que uma pessoa pode ter morrido em outra aldeia. Quando a pessoa que morreu namorou com algum parente dela, o trovão fala alto e bravo com ela. Se não namorou com seu parente, quando a pessoa morre, o trovão pode não aparecer .

Queixada ficou com trovão também

Antes de aparecer queixada, faz muito trovão. Onde teve muito trovão, nesse lugar vai aparecer queixada. O dono das queixadas é o *Murumurukarã*. Ele que abre caminho para os outros, e ele é dono do trovão.

Sem seu dono (que chamamos de “dono do caminho”), as queixadas não vão conseguir chegar na outra aldeia delas. Quando os caçadores encontram um bando de queixadas, não podem matar a queixada que é o dono do caminho. Se matarem, as outras queixadas vão se espalhar para todo canto, porque não sabem o caminho certo, ficam sem saber para onde devem ir.

Quando o caçador vai caçar no lugar onde teve muito trovão, o caçador vai ver rastro da queixada ou vai achar as queixadas.



Trovão avisa a chegada da chuva

Trovão avisa também a chegada da chuva. Antes de chover, vem barulho do trovão, vem vento, e com isso a gente percebe que vai chover. Quando não vai chover, acontece só relâmpago à tarde. Durante a época do inverno, acontece muito barulho do trovão e relâmpago.

Minha observação sobre trovão

Quando eu estava na aldeia Awala com a minha família, teve muito trovão forte e muitos relâmpagos – isso aconteceu em novembro de 2020. Me deu medo, porque foi a primeira vez que vimos trovão tão forte assim. Ele nos atrapalha durante a caçada de noite, porque quando tem muitos relâmpagos e a gente foca a lanterna, parece que vai dar choque na lanterna. Nesse dia, soubemos que o trovão queimou toda a energia de Macapá.

Na aldeia Manilha, teve trovão com raio muito forte, que cortou um galho de embaúba. Embaúba é uma árvore pequena que nasce na capoeira. Isso aconteceu em janeiro de 2021, na parte da tarde. As comunidades das aldeias ficaram assustadas.

Desde muito tempo atrás, o trovão age desse jeito. Hoje em dia, nada mudou, não mudou o relâmpago e nem o barulho. Não tem mudança nas manifestações do trovão, isso não atrapalha muito o modo de viver wajãpi. Mas, pela minha observação, às vezes acontece algum problema de trovão que atrapalha os Wajãpi: ele assusta as pessoas, que pensam que ele vai queimar a terra e a casa. Durante a caçada da noite, ele atrapalha também.

Sol

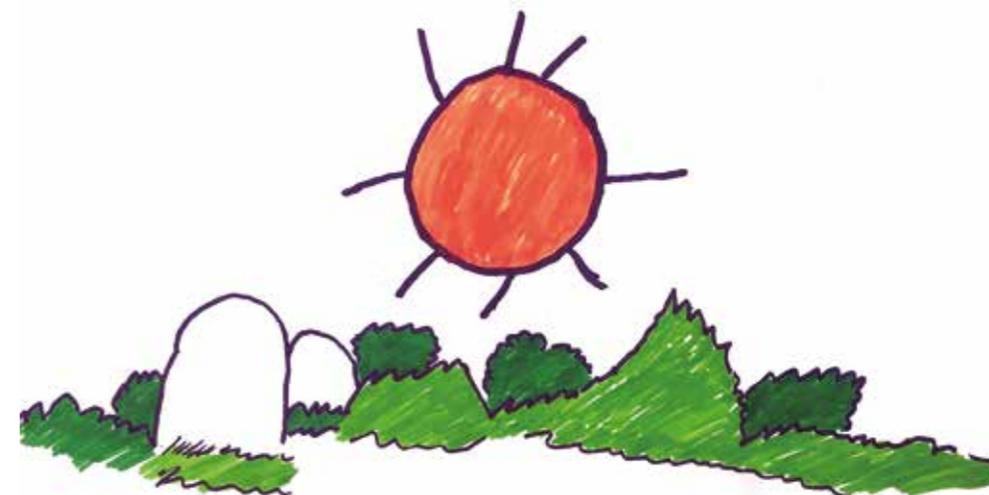
Existe o dono do sol, ele mora onde acaba a terra. Ele é o dono verdadeiro do sol, ele é igual gente, ele fala, tem filhos. O sol que está iluminando a terra é filho desse dono. O sol fica no céu, ele tem flechas.

Foi de lá do céu que os nossos antepassados conseguiram trazer a flecha *vyva*. Pedimos para o sol trazer essa flecha, ela não existia para nossos antepassados. Eles usavam só as flechas que chamamos de *juu* e *morototojyva*. Com isso que nossos antepassados caçavam.

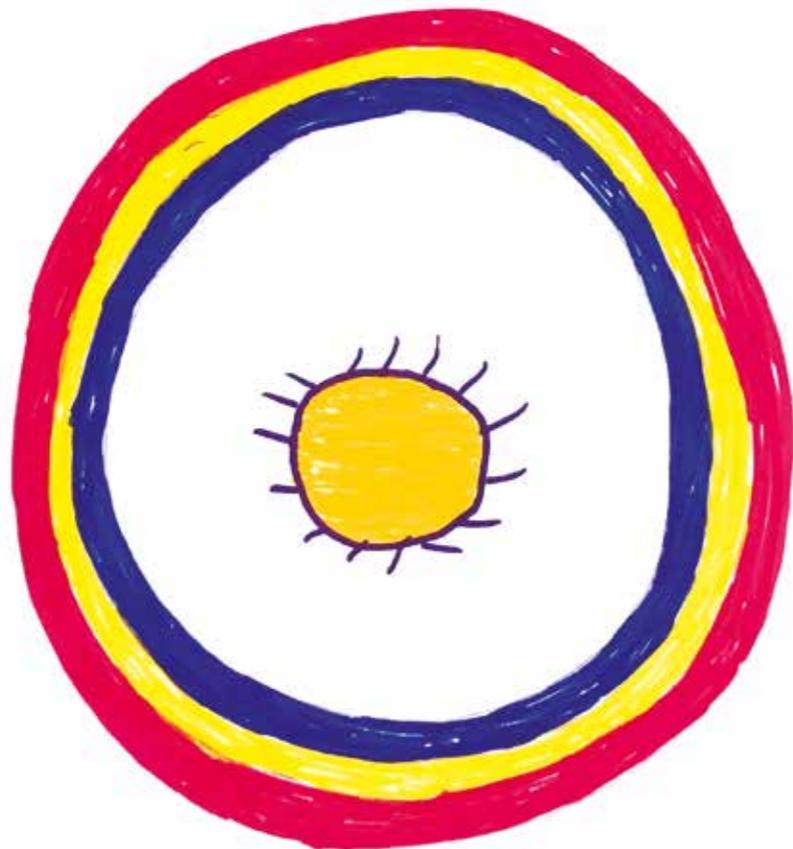
Nossa história conta que, antigamente, uma criança brincava com uma flecha de *juu* e de repente o filho do sol apareceu para a criança e falou: “Eu tenho uma flecha melhor do que a sua, mas a flecha é do meu pai. Eu posso buscar ela para você”. A criança pediu também as mudas do pé de flecha para plantar na roça. Nossos avôs plantaram a flecha no pátio da casa. Depois, quando nasceram, eles distribuíram para seus parentes plantarem. Por isso a flecha que usamos não é nossa, pegamos do dono do sol. Onde ele mora, onde acaba a terra, não tem noite, só dia.

Sol fica vermelho

Onde começa a terra, ela está queimando. Nesse lugar, faz muita fumaça e é muito quente também. O sol passa por cima da queimadura do fogo e faz tudo ficar vermelho. A nuvem também fica vermelha. Quando a gente vê o sol ficando vermelho, percebemos como *arai*, que é um sinal de guerra ou da morte de uma pessoa. Às vezes, esse sinal não quer dizer isso. Desde muito tempo acontece isso, não é novidade.



Sucuri circula o sol



O pajé é quem faz o círculo no sol com a sucuri (*moju*). O pajé coloca um cocar no sol. O cocar do sol é o círculo da cobra *moju*.

Quando a gente vê o sol com círculos em volta, dizemos que ele está rodeado pela sucuri. Esse também é um sinal ou aviso de que algumas coisas ruins vão acontecer, de que alguém vai morrer ou de que vai acontecer briga entre nós.

A gente também conversa com o sol antes de ir à caçada, para não escurecer rápido, quando a caça está longe. Falamos para o sol que ele não está pronto para cozinhar seu alimento. O sol se alimenta dos peixes aracu e *tārāni*.

Conclusão

Eu cheguei nas conclusões da minha pesquisa.

Sobre o trovão, sei que acontece trovão forte de dia e de noite no mundo inteiro, pois existem diversos lugares onde moram muitos povos. Muitas pessoas do mundo morrem todo dia, por isso acontece trovão, indicando que as pessoas estão morrendo. Porque o espírito da pessoa chega no trovão e conversa com ele. Ele também faz raios e barulho quando algum filho dele adocece.

O sol fica vermelho e está mais quente por causa da mudança climática. Porque tem muita indústria no mundo que queima combustíveis fósseis. Às vezes acontecem queimadas nas matas, por isso acontece de o sol ficar vermelho e a nuvem ficar vermelha.

Comparando com os Wajãpi, quando a gente queima nossas roças, o sol fica meio vermelho, e, com isso, a gente percebe que alguém está queimando sua roça. Mesma coisa acontece com as indústrias, mas existem muitas indústrias no mundo e isso provoca a mudança climática.

Quando o sol fica rodeado pela sucuri, é sinal de guerra e de doença, mas não é somente para nós, Wajãpi. Esse sinal vale para todos os povos de todos os países, pois sempre está acontecendo guerra em algum lugar do mundo. Através desse sinal, nossos antepassados já sabiam que isso iria acontecer.

Canto da rã *juwe*

Jakamy'yi Waiãpi



Eu sou Jakãmy'yi Waiãpi, sou casado e o nome da minha esposa é Ypisu Waiãpi. Eu sou filho do Jowatonã Waiãpi e o nome da minha mãe é Kapu'a Waiãpi. Tenho quatro filhos e 27 anos de idade. Eu nasci dia 6 de fevereiro de 1995. Eu comecei a estudar com cinco anos de idade, com o professor Moropi Waiãpi e, com dez anos, comecei a estudar com o professor Evilazio, na Escola Indígena Estadual Ytuwasu.

Depois fui escolhido pela comunidade para participar do curso de formação de agentes socioambientais, no ano de 2015. Eu acho muito importante a pesquisa que estou fazendo para valorizar os nossos conhecimentos, e ajudar a todos a entender como nossos conhecimentos funcionam na prática.

Meu tema de pesquisa é o canto da rã *juwe*. A rã *juwe* canta e marca o tempo do inverno. Ela avisa o início do inverno. Ela vive sozinha e não marca o tempo do verão.

Ela vive nos buracos e a cor dela é cinza. O alimento dela é gafanhoto, ovos dos ninhos de passarinho, minhoca, mosca. Os predadores dela são gavião, cobra de trairão e cobra de cutia. O canto dela é assim: *Juwe! Juwe! Juwe!*

Para fazer minha pesquisa entrevistei os conhecedores Jowatonã e Miwã.

Objetivos

Eu quero descobrir se a rã *juwe* está marcando certo o início do inverno.

Hipótese

Eu acho que a rã *juwe* não está marcando o início do inverno igual ela fazia no passado.

RÃS JUWE, MURUWA E TÕ

O chefe Miwã me explicou sobre o canto das rãs. Ele falou que, hoje em dia, as rãs não cantam mais em alguns dos lugares em que, antigamente, elas cantavam muito. Ele falou que hoje em dia mudou o tempo. As rãs não estão avisando bem o tempo do inverno que vai chegar, porque elas não estão cantando muito. Ele disse que, quando era jovem, morava em uma aldeia chamada Aruwa; nesse lugar, as rãs cantavam muito.

Ele também disse que existem vários tipos de rãs diferentes – a rã branca, a rã vermelha. A rã branca canta em qualquer tempo, ela não avisa quando o inverno vai chegar.

Tem um tipo de rã que nós chamamos de rã *juwe*. Esta sabe avisar o tempo do inverno e que a chuva vai cair; ela canta durante a chuva e antes da chuva cair. Ela gosta de cantar de tarde e de noite, nunca canta de manhã. Ela não gosta de cantar perto da aldeia, principalmente das aldeias ocupadas há muito tempo, mas ela gosta de lugares perto dos igarapés e de lugares onde moram menos pessoas, como no caso das aldeias novas. Foi isso que ele explicou sobre a rã *juwe*.

O Miwã falou também que, antigamente, algumas rãs tinham uma canoa, que existe até hoje, porque sempre que o rio fica cheio a canoa da rã leva ela. Nós chamamos essa rã *uruwa*. Essa rã não canta no verão, ela canta sempre quando a chuva começa a cair.

Ele falou que a rã *uruwa* canta principalmente na encosta das montanhas. É nesses lugares que elas gostam de morar.

Ele falou que está muito preocupado porque, hoje em dia, cada vez mais, o tempo está mudando, as rãs não estão cantando no inverno. Antes, elas cantavam muito – isso mudou de antigamente para os dias de hoje. Antigamente, as rãs *uruwa* não cantavam no verão, mas hoje elas estão cantando.

Antigamente, primeiro a rã *juwe* avisava que o tempo de chuva ia chegar, igual a cigarra que avisa o tempo de verão. As rãs *uruwa* cantavam no mês de março, quando o rio fica cheio. Essas rãs nunca cantam sozinhas, ao contrário da rã branca (*juwe siã*), que canta sozinha e canta em qualquer época do ano.

Antigamente, o nosso dono *Janejarã* criou a rã *juwe* para marcar o tempo de inverno. Ele pediu para a rã *juwe* marcar só o tempo do início do inverno. Antigamente, ela marcava o tempo certo, hoje em dia não marca mais. Isso está acontecendo porque os não índios estão desmatando as florestas e por isso o tempo está mudando. Tem um tipo de rã que chamamos *tõ*, que canta junto com a rã *juwe*, no início do inverno, e, depois, tem a rã *uruwa*, que canta para avisar que o meio do inverno está chegando.

O que eu descobri até agora com a minha pesquisa?

Eu já terminei de fazer a minha pesquisa sobre o canto da rã *juwe*. Eu cheguei à conclusão de que a época do inverno está mudando cada vez mais. Eu estou interessado em fazer mais pesquisas sobre os conhecimentos wajãpi. Através da pesquisa, a gente descobre muitas coisas e isso ajuda a gente a comparar o passado com o presente. Eu descobri que a rã *juwe* não está avisando bem o início das chuvas e do inverno, mas eu ainda preciso aprofundar mais a minha pesquisa.

Os agentes socioambientais estão ajudando as comunidades a entender e a pensar sobre as mudanças no tempo. Nossa pesquisa está servindo para entender melhor esse assunto, por isso estamos pesquisando sobre os marcadores.

Canto da rã *muruwa*

Japukuriwa Waiãpi



Meu nome é Japukuriwa Waiãpi, sou casado e tenho seis filhos. Sou técnico em meio ambiente e terminei o Ensino Médio completo. O nome da minha aldeia é Embaixada Verde e eu moro junto com meus pais.

Quando teve oficina de pesquisa para os agentes socioambientais, cada um escolheu um marcador para fazer a pesquisa sobre os marcadores do inverno e do verão. Eu escolhi pesquisar o canto da rã *muruwa*, que marca o tempo do inverno.

Objetivos

Eu quero aprender mais sobre o canto da rã *muruwa*, por isso entrevistei os conhecedores Suinã e Turuku'ã sobre sobre essa rã, para saber mais sobre o canto, sobre a vida dela e como ela surgiu de acordo com o conhecimento wajãpi.

Hipótese

Eu acho que a rã *muruwa* não está mais cantando atualmente como cantava no passado.

Perguntas da pesquisa

1. Como é a rã *muruwa*?
2. Quem sabe as histórias da rã *muruwa*?
3. Existe mais de um tipo de rã *muruwa*?
4. Qual é a comida da rã *muruwa*?
5. Qual o tamanho da rã *muruwa*?
6. Onde a rã *muruwa* mora?
7. Quando ela canta?
8. Por que ela canta?
9. Como ela surgiu?
10. Como ela se reproduz?
11. Ela canta sempre ou canta em um período certo?

VIDA DA RÃ MURUWA

Rãs *murua* são parecidas com sapos, mas elas são coloridas. A cor azul faz o desenho do corpo delas. Elas são iguais aos sapos que andam no chão. Elas gostam de morar no topo da montanha, na encosta da montanha, nos lugares planos. Elas moram dentro do buraco, que é a casa delas. Elas ficam no buraco e sempre moram dentro dele. A rã *murua* vive sozinha. Ela come açai, bacaba, banana, cupuí e pequiá e ela tem a plantação de mandioca dela também. São dessas comidas que ela se alimenta. Elas se reproduzem durante o inverno.

A rã *murua* começa a cantar durante o inverno, mas ela não canta no início do inverno. Ela começa a cantar no meio do inverno. Antigamente, a rã *murua* falava uma língua igual à dos Wajãpi. Nosso dono *Janejarã* foi quem criou essas rãs para cantar durante o inverno. As rãs *murua* tinham canoas de madeira, elas foram descendo o rio e seguiram para conhecer a borda da terra, onde a terra termina.



HISTÓRIAS DOS WAJÃPI SOBRE A RÃ MURUWA

Antigamente, não existia nenhuma rã, quando era terra nova, no começo dos tempos. O nosso dono *Janejarã* pensou em criar as rãs para cantar durante o inverno. Depois disso, ele criou as rãs. Muitas delas cresceram. Elas começaram a cantar no tempo do inverno, as rãs falavam: “nós vamos cantar”, elas dialogavam com suas famílias, eles falavam igual a nós, Wajãpi, como falamos hoje.

Hoje em dia, as rãs não falam mais igual à gente. *Janejarã* mudou a língua delas. Elas começam a cantar em qualquer lugar da floresta, elas cantam assim: waa, waa! Elas esperam o rio ficar mais cheio, quando se criam os remansos nos rios e igarapés.

Antigamente, as rãs começaram a construir as suas canoas e cada uma delas terminou de construir a sua canoa. Levaram-nas para a beira no rio, e cada uma delas embarcou na sua canoa. Elas seguiram para baixo do rio, elas foram vistas na borda da terra, onde a terra termina. Elas não cantaram mais, elas pararam de cantar.

As rãs tinham as roças delas e plantavam banana e mandioca. Hoje em dia, elas ainda têm roça. Elas plantam vários tipos de cultivo nas suas roças e cultivam as plantações para alimentarem as suas famílias. Elas plantam banana, mandioca e colhem frutas nativas que dão em cada época do ano, como o açai, pequiá etc.

O CANTO DA RÃ *MURUWA* ESTÁ MARCANDO O INVERNO COMO ANTIGAMENTE?

Hoje em dia, a rã *uruwa* não canta mais no tempo certo de inverno, ela mudou os seus sinais. Cada vez mais o tempo está mudando, por isso, que os marcadores não marcam o tempo certo de inverno em relação àquele tempo de antigamente. Não somente o canto da rã *uruwa* está mudando, mas também outros sinais do tempo do inverno, como as flores das árvores.

Hoje em dia, os não indígenas estão desmatando cada vez mais as florestas. Eles vendem madeira que foi derrubada, contaminam a terra com agrotóxicos, deixam áreas degradadas e, por isso, os donos da terra ficaram revoltados com eles. Por isso que os donos da terra não querem marcar o tempo certo, ficaram com raiva.

Os donos da terra dialogam com o mundo inteiro, com outras terras. A mesma coisa fazem os donos das árvores, eles dialogam entres eles. Até os marcadores do tempo ficaram com raiva por causa dos ambientes que foram destruídos e eles se comunicam entre si e falam sobre o tempo. "Agora nós não vamos marcar o tempo certo", disseram.

Os não indígenas construíram fábricas grandes, de dentro delas sai fumaça. A fumaça se espalha com o vento forte e está contaminado ambientes, ar, rio, terra, marcadores, donos da terra e donos das árvores. Por isso que está mudando o tempo do inverno. Antigamente não era assim, as rãs cantavam no tempo certo.

O que eu descobri até agora com a minha pesquisa sobre a rã *uruwa*?

Eu descobri com a minha pesquisa que a rã *uruwa* estava marcando o tempo certo antigamente e descobri que ela não marca mais o tempo igual antigamente.

Descobri também, na minha pesquisa, que cada vez mais não indígenas desmatam os ambientes e usam agrotóxicos que contaminam o solo e o ambiente. Descobri também que o inverno mudou, não está igual àquele tempo mais antigo em que chovia certo. Por isso que, hoje em dia, já sabemos que não vai ter inverno certo e nem verão.



Reprodução e vida das aves

Sikumã Waiãpi



Eu me chamo Sikumã Wajãpi, sou Agente Socioambiental formada. Eu sou casada com o Jatuta Wajãpi, tenho seis filhas, que se chamam Saniuta, Najiuni, Kinaita, Majiumi, Majiana e Maiana. Eu já concluí o Ensino Médio na Escola Indígena Estadual Aramirã, na Terra Indígena Wajãpi. Moro na aldeia Pairakae, no limite da TIW, e nasci na aldeia Aramirã, no dia 01 de dezembro de 1993.

Em 2015, eu entrei no curso de formação de Agentes Socioambientais Wajãpi (ASA). Durante o curso de Formação de ASA, eu estudei sobre legislação ambiental, produção e sustentabilidade, instrumentos de monitoramento e gestão territorial e outros assuntos. Esse curso de formação foi realizado pelo Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena.

Durante a nossa oficina de pesquisa, primeiro eu escolhi pesquisar sobre os recursos que estão acabando nas aldeias, e essa pesquisa eu já terminei. Depois, escolhi o segundo tema da minha pesquisa, que é sobre a reprodução das aves, porque tem relação com as transformações ambientais. Eu estou muito interessada em fazer pesquisa sobre esse tema porque quero aprender com os conhecedores sobre a época de reprodução de cada ave, de acordo com os conhecimentos dos Wajãpi. Eu entrevistei os conhecedores S'gau, Kumare e Seremete.

Objetivo

Eu quero aprender a época de reprodução das aves com os conhecedores wajãpi.

Hipótese

Eu acho que as aves não se reproduzem mais na época certa, porque os caçadores wajãpi estão matando muitas aves durante a época de reprodução.

Perguntas de pesquisa

1. Em qual época (inverno/verão) os tipos de aves botam seus ovos?
2. Quando que as aves começam a botar os seus ovos?
3. Onde vivem os tipos de aves e onde botam seus ovos?
4. O que cada tipo de ave come?
5. Hoje em dia, as aves se reproduzem bem e botam seus ovos na época certa ou houve mudança?
6. Antigamente, as aves se reproduziam bem e botavam bem os seus ovos?
7. No começo dos tempos, como as aves se pintaram com as cores de cocô de cobra grande?

Eu, Sikumã, entrevistei os conhecedores Kumare e Sīgau Wajāpi, na aldeia Pairakae, sobre a época de reprodução das aves. Eu não entrevistei outros conhecedores de outras regiões, porque teve o perigo da pandemia. Eles me contaram muitas coisas sobre a vida de muitos tipos de aves.

Esses conhecedores me contaram que existem aves (*sumi, namu, uru, namu pijōnā*) que botam os seus ovos no chão, perto das árvores. Quando os filhotes saem dos ovos, as aves levam as frutas e sementes de frutas para os seus filhotes se alimentarem.

Existem as aves que fazem ninho em cima do galho de árvores, como mutuns, jacus, kujubins, juritis, aracuãs e sabiás. E cada ave leva os vários tipos de frutas e sementes para os seus filhotes se alimentarem.

Existem também as aves que botam seus ovos nos buracos de árvores como, por exemplo, os tipos de araras, os tipos de tucanos, os tipos de papagaios e jacamins. Existem algumas aves (tipos de araras, de juritis e papagaios) que engolem as frutas e depois vomitam para os seus filhotes se alimentarem.

Os tipos de araras botam os seus ovos no buraco de angelim; outras aves (os tipos de tucanos e tipos de papagaios) botam os seus ovos em buracos de quaisquer árvores.

Existem os tipos de ambientes onde cada tipo de ave habita e vive. Por exemplo: o nambu preto (*namu pijōnā*) vive na mata fechada e na capoeira; a juriti (*jirusi*) vive também na mata fechada e na capoeira; *makukawa* é um tipo de nambu que vive na mata fechada e na capoeira também. Os aracuãs vivem na mata fechada e na capoeira.

Existem algumas aves que vivem em qualquer lugar como, por exemplo, jacamins, mutuns, jacus, sabiás, *uru, sumi*, os tipos de araras, os tipos de papagaios e os tipos de tucanos. Estas aves vivem nas montanhas, matas fechadas e nas matas baixas.

Os conhecedores me contaram, também, que existem as aves que andam em grupos, como, por exemplo, jacamins, *sāvē'ē* (um tipo de papagaio), mutuns, aracuãs, *aruwa'i* (outro tipo de papagaio), maracanãs (também um tipo de papagaio) e *uru*.

Existem algumas aves que andam em dupla ou em casal como araras, papagaios e *kasawa*, que é um tipo de arara. Existem aves que andam sozinhas como *namu, sumi, namu pijōnā* e *makukawa*.

Existem algumas aves que dormem no chão e algumas aves que dormem em cima de galhos de árvores. As aves que dormem no chão são *sumi, makukawa* e *namu pijōnā*.

Cada tipo de ave vive então no seu próprio lugar, bota ovos de um jeito e anda em grupo, casal ou sozinha. Os jacamins, por exemplo, vivem nas montanhas, no plano e matas fechadas. Eles botam os seus ovos no buraco de uma árvore e têm muitos ovos. Depois, quando nascem os filhotes, as jacamins-fêmeas empurram os seus filhotes do buraco da árvore para caírem no chão. Os filhotes de jacamins se alimentam de açai, buriti, *jaja'y* e outros tipos de frutas.

Os jacus vivem nas matas fechadas, no plano e nas montanhas. A jacu-fêmea faz seu ninho em cima do galho da árvore para botar os seus ovos, depois, quando nascem os filhotes, ela empurra eles para caírem no chão. Os filhotes de jacus se alimentam de açai, buriti, *pasisi* e outras frutas.

O *makukawa* vive somente nas matas fechadas, não vive nas montanhas e nem no plano. *Makukawa* é um tipo de nambu. Ela bota os seus ovos perto de uma árvore, depois quando nascem os filhotes, eles se alimentam com as frutas como *kupi'y* e outras frutas. As *makukawa* botam os seus ovos na época de inverno, isso marca o tempo de inverno.

HISTÓRIAS DE ANTIGAMENTE SOBRE AS AVES

Os conhecedores Kumare e Sīgau me contaram que existem histórias antigas sobre as aves. No começo dos tempos, *sumi, namu pijōnā* e *makukawa* assaram batatas, juntamente com outras aves, como os jacamins, nambus, mutuns e *uruva*, que é um tipo de pássaro de perna fina.

As aves *uruva*, jacamim, nambu e mutum terminaram de assar as batatas e carás bem cedo, aí subiram em cima do galho das árvores. As outras aves - *sumi, namu pijōnā* e *makukawa* - não terminaram de assar as batatas e carás, demoraram muito para assá-los, então,

elas resolveram dormir no chão. Por isso, até agora essas aves vivem dormindo no chão.

Eu aprendi muito mais coisas importantes com os conhecedores Kumare e Sīgau: como cada ave se reproduz, onde elas vivem, quando e onde se reproduzem.

Os conhecedores Sīgau, Seremete e Kumare também me contaram que, no começo dos tempos, o jacamim avisou várias aves e caças para se pintarem com vários tipos de cores de cocô de cobra grande. Cada ave se pintou à vontade com as cores de cocô de cobra grande. Essas aves eram todas iguais e quando elas se pintaram ficaram diferentes umas das outras. Foi o jacamim quem avisou todas as aves para se pintarem com as cores de cocô de cobra grande. Foram várias as aves que se pintaram, como, por exemplo: araras, *wyname*, papagaios, tucanos etc. Até hoje nós conhecemos as marcas das aves que se pintaram.

Existem narrativas sobre as marcas de algumas aves, como *wyname*, *takiriri* e jacamim. Durante a festa primordial, gente *wyname* brigou e empurrou gente jacamim para cair na cinza; por isso, as costas dos jacamins são de cor cinza. A esposa do jacamim jogou caxiri de cará no pescoço de *wyname* e do *takiriri*; por isso, o pescoço deles tem uma marca roxa.

No começo do tempo, as gentes aves, os pássaros, falavam. Depois, o nosso dono *Janejarã* mudou a língua deles para ficar como eles cantam até hoje. Hoje em dia, nós percebemos que alguns pássaros cantam ou gritam falando seu próprio nome como o *paipajo* e *aracuã*.

TEMPOS DE REPRODUÇÃO DAS AVES

No inverno, muitas aves como os mutuns, papagaios, araras, tucanos, jacamins, aracuãs, maracanãs, jacus e nambus botam os seus ovos para se reproduzirem. Isso avisa que o inverno está chegando.

No inverno, na época do canto da rã *murawa*, os filhotes saem dos ovos das aves. Por isso nós os chamamos de *murawa rima* (xerimbabos da rã *murawa*). Nesse tempo, se a gente pega os filhotes dessas aves para criar, esses xerimbabos da rã *murawa* não sobrevivem muito tempo e morrem rápido quando a gente cria, porque eles não se acostumam a viver sem as suas mães, não aguentam e morrem de fome.

No verão, algumas aves, como os jacamins e jacus, botam os seus ovos para se reproduzirem. Quando os filhotes saem dos ovos, isso avisa que o verão está acabando, por isso nós chamamos de *kwaray rima* (xerimbabo do verão). Quando a gente pega os filhotes dessas aves para criar, eles sobrevivem muito tempo, porque eles se acostumam a viver sem as suas mães.

Desde antigamente, os nossos ancestrais já conheciam os tempos de reprodução de aves no verão e no inverno, como *kwaray rima* e *murawa rima*. Hoje em dia, os conhecedores wajãpi sabem contar histórias de acordo com os conhecimentos dos antigos.

Aves que botam os seus ovos no tempo do verão: jacamins, jacus, mutuns e nambus.

Aves que botam os seus ovos no inverno, na época do canto da rã *murawa*: araras, cujubins, jacamins, juritis, *kasawa*, *makukawa*, mutuns, nambus, *namu pijonã*, papagaios, tucanos, *uru*.

MUDANÇAS NA REPRODUÇÃO DAS AVES NA TERRA INDÍGENA WAJĀPI

Os conhecedores me contaram que desde há muito tempo os nossos avós conhecem a história da reprodução de aves e a época em que acontece. Hoje em dia, os conhecedores estão muito preocupados com o problema de mudança na reprodução das aves. Eles perceberam que agora algumas aves não se reproduzem mais na época certa, como, por exemplo, mutum, nambu e *sumi*. Somente algumas aves se reproduzem na época certa, como araras, papagaios, juritis e jacamins. Os mais velhos me contaram que antigamente não era assim, todas as aves se reproduziam bem na época certa e botavam bem os seus ovos.

Os conhecedores me contaram que nas aldeias centrais as aves não botam os seus ovos e não se reproduzem na época certa porque os caçadores wajãpi mataram muitas, por isso essas aves estão sumindo. Isso está acontecendo porque as famílias wajãpi estão morando por muito tempo no mesmo lugar e porque, durante a época em que as aves comem as frutas, os caçadores matam muitas com armas de fogo dos não indígenas. Quando os caçadores encontram um bando de jacamins e de mutuns, eles acabam com o bando de uma vez. Isso acontece principalmente com alguns caçadores que têm duas esposas e muitos filhos.

Nas aldeias centrais, os recursos para fazer roças, os peixes, as caças e as matérias primas para a construção de casas estão diminuindo. Algumas famílias estão morando por muito tempo no mesmo lugar. Nas aldeias novas, nos limites da Terra Indígena existem muitos recursos para fazer roças, existem matérias primas para a construção de casas, peixes, caças e frutas. Nos limites, muitas aves se reproduzem na época certa.

Conclusão

Eu já terminei a minha pesquisa. Eu descobri na minha pesquisa porque algumas aves não se reproduzem mais na época certa. Isso está acontecendo porque os Wajãpi moram por muito tempo no mesmo lugar e porque os caçadores wajãpi matam muitas aves (mutuns, jacamins, jacus e nambus) durante a época de frutas.

Nas aldeias nos limites da Terra Indígena Wajãpi, onde as famílias wajãpi moram há menos tempo, as aves como mutuns, jacamins, nambus e papagaios se reproduzem bem, na época certa.

Essa pesquisa vai ajudar muito os Wajãpi a pensarem como as aves podem voltar a se reproduzir novamente. Única coisa que é importante: os Wajãpi precisam ter duas aldeias. Cada família wajãpi tem que se planejar para fazer uma aldeia nos limites da TIW, assim, as aves poderão se reproduzir novamente nas aldeias centrais.

Eu aprendi muitas outras coisas com os conhecedores, como, por exemplo, que, no começo dos tempos, várias aves se pintaram com uma variedade de cores de cocô de cobra grande. Cada ave escolheu um tipo de cor para se pintar. Existe uma ave que é o capitão do mato (*paipajo*), que não se pintou com a cor de cocô de cobra grande. A preguiça não se pintou também, por isso o capitão do mato e a preguiça não são coloridos.

Aves cantam, se reproduzem e marcam o tempo do inverno

Kariki Waiãpi



Meu nome é Kariki Waiãpi, eu moro na aldeia Manilha, sou casado, tenho nove filhos no total, e tenho 36 anos de idade. Trabalho como agente socioambiental. Comecei o curso de formação de agente socioambiental wajãpi em 2015. Terminei a formação em 2019.

Durante o trabalho nas nossas aldeias, fizemos muitas atividades. Nós escolhemos fazer monitoramento das matas de capoeira perto das nossas aldeias. Fizemos plantio de árvores para recuperar mais rápido as matas de capoeiras. Cada agente socioambiental escolheu alguns tipos de árvores para plantar. Eu escolhi plantar minhas árvores nas capoeiras mais novas, que têm a mata mais cerrada do que as capoeiras mais antigas. Eu plantei sementes de andiroba e de bacaba. Plantei 25 mudas de cada tipo, mas elas morreram.

Nós fizemos esse experimento porque nas regiões das aldeias centrais há poucas áreas de mata para fazer nossas roças e recuperar as capoeiras pode ajudar a ter novos lugares bons para fazer as roças.

Em minha comunidade, estamos evitando derrubar matas de capoeiras novas para fazer as roças. Os Wajãpi devem fazer aldeias nos limites da Terra Indígena para deixar os lugares antigos se recuperarem.

Eu escolhi fazer pesquisa sobre as aves de um modo geral, é importante conhecer como elas vivem e como elas se reproduzem e criam seus filhotes, em qual época elas fazem isso.

Então eu procurei os sábios Karara, Japarupi e Aka'upotyry para contarem para mim sobre esse tema. Durante as entrevistas, eu fiz gravações com os sábios, depois eu transcrevi no caderno. Consegui registrar muitas informações. Eles contaram muitas histórias para mim, cada um conta de um jeito diferente do outro. Antes, eu não conhecia essas histórias muito bem e eu achei muito interessante a minha pesquisa.

Objetivos

Quero descobrir sobre o canto e a reprodução das aves, entender por que hoje em dia as aves não estão se reproduzindo bem nas aldeias centrais.

Hipótese

Eu acho que hoje em dia as aves não cantam porque moramos há muito tempo nas aldeias centrais. Nós matamos muitas aves nessas regiões. As aves são poucas por isso não conseguem se reproduzir. Também os não índios matam as aves e isso acaba reduzindo a quantidade delas. Eu acho que, onde tem uma aldeia nova, tem muita fartura de aves, sempre nessa aldeia as aves cantam no tempo certo e se reproduzem bem.

Perguntas de pesquisa

1. Em que época as aves cantam?
2. Em que época as aves botam ovo?
3. Quais aves botam ovo no verão?
4. As aves estão se reproduzindo no tempo certo?
5. Como elas botam ovos?
6. Como as aves se encontram durante o acasalamento?

CANTO, COMPORTAMENTO E REPRODUÇÃO DAS AVES

Juriti

O jutiti-macho inicia seu canto no tempo do inverno. Quando os juritis cantam, estão chamando as fêmeas para ficar com eles. É o tempo em que eles se reproduzem. O inverno é também o tempo que a rã *murua* canta.

A fêmea faz ninho no galho para botar os ovos. Eles vivem nas capoeiras, mas também na mata. No verão eles não produzem ovos, só no período do inverno. Quando elas botam os ovos, ficam chocando para nascer os filhotes. Os ovos são pequenos e brancos, do tamanho dos ovos de codorna.

Eles dormem nas árvores e não na terra, mas vivem na terra e se alimentam de frutas, sementes e areia. Eles cantam de dia e não cantam de noite. O canto deles é assim: *Hëë! Hëë!!* O tempo de engorda deles é no verão.

Makukawa

Os *makukawa* não vivem em qualquer região da Terra Indígena Wajãpi, eles vivem na região do Pypyiny, só tem nessa região. Essa ave é diferente das outras, ela tem as penas cinzas e os ovos são azuis claros, do tamanho do ovo de codorna.

A época da reprodução delas é no inverno. Elas botam seus ovos no chão, em um lugar fixo, e dormem no chão. O canto delas é diferente: *sõõ! makukawa! sõõ, makukawa!!* Eles vivem em casal, os filhotes não vivem com a família, eles são separados quando são grandes.

Eles se alimentam de sementes de *maruka*, sementes de *sara'i* e outras.

O *makukawa* gosta de cantar no inverno e verão.

Jacamim

A época em que o jacamim macho atrai as fêmeas é na época do inverno. Os jacamins vivem em bandos, nunca se separam, sempre vivem juntos. Quando é época de reprodução, um grupo chama outros grupos para ficarem junto com eles.

Eles criam os ovos na época em que as rãs cantam. Os filhotes nascem na época das frutas, no inverno. Eles botam os ovos nas árvores e quando o filhote deles é pequeno, eles esperam crescer. Eles só saem do ninho quando estão grandes. As frutas que eles comem são açaí, bacaba, *jaja'y*, *ajõ'ã* e comem também alguns insetos. O tempo em que eles engordam é o do açaí e do *kupi'y*.

O jacamim é uma ave de pernas longas, ele é alto e de cor preta. Ele não canta direto, só canta quando ouve os outros cantando.

Arara

As araras criam seus filhotes no inverno. Elas botam os ovos nos buracos dos galhos das árvores. Os filhotes nascem no tempo em que o macaco coamba engorda e na época das pupunhas. Elas botam dois ovos, que são pequenos e brancos, e elas vivem no alto das árvores.

Nambu

O nambu começa a cantar no início do inverno. O nambu macho canta para chamar a fêmea. O inverno é o tempo da reprodução deles, quando eles botam os ovos. O tempo que eles botam os ovos é o tempo das frutas. Eles põem os ovos ao lado da sapobemba. Cada fêmea produz dez ovos. Ela bota todos os ovos e vai chocá-los, até o dia em que irão nascer os filhotinhos. Quando nascem os filhotes, a mãe espera eles crescerem. Depois, quando estão grandes, eles começam a caminhar e se alimentar.

Ele tem um jeito de cantar: *Sôô!! Sôô rôô!!* Eles vivem em qualquer mato, na encosta da montanha, na beira do rio, do igapó e na terra plana. As características dele são cor cinza e os ovos azuis.

Namu pignonã

Tem uma ave chamada *namu pignonã* (nambu preto). A época em que ela canta é o inverno. Esse é o tempo em que os machos atraem as fêmeas. No inverno, eles produzem os ovos e os filhotes nascem no tempo chuvoso.

Quando vão botar os ovos, eles criam um ninho em cima da terra. Lá eles põem os ovos para chocar e demora bastante tempo para os filhotes nascerem. Os filhotinhos nascem no tempo das frutas. Eles esperam os filhotinhos crescerem no ninho e, quando estão maiores, eles saem em busca de alimentos.

Eles vivem e andam sozinhos e os filhotes se separam quando ficam todos grandes. Eles dormem no chão e não em cima das árvores.

A cor deles é preta, os ovos são marrons e pequenos. Eles cantam de dia e não cantam de noite. Canto dele é assim: *Sôô, sôô!!!*

Uru (nambu relógio)

Esse pássaro sempre canta no início do inverno, sempre na estação da chuva. O macho canta para chamar a fêmea e para criar os ovos. A época de botar os ovos é sempre o tempo do inverno. O tempo em que não se reproduzem é o tempo do verão. Depois do relacionamento entre macho e fêmea, eles esperam os ovos amadurecerem. Elas põem os ovos todos juntos no ninho e são aproximadamente 15 ovos. As fêmeas botam os ovos no ninho e depois chocam. O ninho deles é no chão e eles fazem amontoados de folhas secas. Essa ave é bem pequena e os ovos são pequenos e brancos. Eles esperam seus filhotes crescerem e, quando eles já estão grandes, eles saem para se alimentar de insetos e formigas.

Vivem em bandos no verão. Durante o inverno, no tempo da reprodução, eles se separam, e no verão seguinte voltam a viver em bandos.

Eles sabem marcar a hora de cantar, cantam sempre no horário certo. Cantam principalmente no inverno e, quando cantam, avisam que vai chover.

Mutum

O mutum começa a cantar no inverno, o mutum macho canta para atrair a fêmea e, no dia em que eles cruzam, já são criados os ovos.

No tempo em que eles vão botar os ovos, as rãs cantam. Antes de botar os ovos, eles fazem ninhos em cima do galho da árvore. No ninho as fêmeas botam os ovos e ficam chocando por um período de mais ou menos dois meses, até nascerem os filhotes.

Os mutuns vivem na mata, nas beiras dos rios, do igapó e dos igarapés; também vivem no topo e nas encostas das montanhas.

De vez em quando, o mutum canta no verão. Ele canta para tirar suas plantações de cará, mas não canta muito. Ele está avisando que está tirando cará.

O tempo da engorda do mutum é no verão, quando ele come várias espécies de sementes. No inverno, ele não engorda.

Sumi

O pássaro *sumi* canta no inverno. O macho canta para chamar a fêmea, porque, na época da saúva, no início do inverno, ela tem que fazer seu ninho. Os machos sempre tentam atrair as fêmeas. Nesse tempo, elas produzem ovos; também tem o período em que elas vão botar os ovos, que é no tempo das frutíferas.

Quando as aves que cantam de dia, (como o tucano, a arara, o papagaio e outras aves), cantam à noite, é sinal de algum perigo. Existem aves que cantam de madrugada: mutum, *uru*, *namu*, jacamim. Essas, não têm perigo quando cantam à noite, pois é a hora certa delas cantarem.

Conclusão

Nas regiões das aldeias centrais, é necessário fazer o manejo das aves, para elas poderem se reproduzir e formar novos bandos nesses lugares. Quando os caçadores encontrarem os bandos de aves, devem matar somente uma ave para não acabar com o bando e as aves não acabarem nas regiões das aldeias centrais.

Nas aldeias fundadas há muito tempo, existem poucas aves por perto – o mutum, por exemplo, é difícil de encontrar. Algumas ainda existem, como jacamim, nambu, nambu relógio. Aves que vivem nas árvores são poucas também.

É muito importante os Wajãpi deixarem as regiões das aldeias centrais se recuperarem, indo fazer, cada vez mais, suas aldeias nos limites da nossa Terra Indígena. Assim, vai ter bastante aves nos lugares, nossa floresta vai continuar rica.

Gordura das caças

Marãte Waiãpi



Meu nome é Marãte Waiãpi, eu tenho 46 anos, sou casado com a Ajãreaty Waiãpi, que também é agente socioambiental. Eu tenho uma filha com ela que se chama Karota Waiãpi. Eu tenho quatro netos – duas netas e dois netos. Eu moro na aldeia Kwapo’ywyry e na aldeia Jiruruwry. Eu entrei no curso de agentes socioambientais em 2015 e terminei em 2019. No ano de 2022, recebi meu certificado.

O tema da minha pesquisa é a gordura das caças. As caças são pássaros, macacos, queixada, caititu, anta e outros. A anta é a caça de tamanho maior entre todas as outras caças.

Tem caças que ficam gordas marcando o tempo do verão, como queixada, caititu, mutum, guariba, tamanduá. No inverno, essas caças precisam andar muito atrás de frutas e, por causa do frio e da chuva, elas não dormem direito e não conseguem descansar. No verão existem muitas sementes. As cutias pegam as frutas e enterram e depois, quando as caças chegam, o igapó está com muitas sementes enterradas.

Somente o macaco coatá e a anta que ficam gordos marcando o tempo do inverno. A anta tem um território onde moram muitas frutas e as frutas que ela gosta dão mais no inverno.

Objetivos

Eu quero descobrir em quais épocas as caças ficam gordas e se elas estão ficando gordas nas regiões das aldeias centrais e nas regiões dos limites.

Hipótese

Eu acho que nas aldeias centrais existem poucas frutas para as caças comerem; por isso, elas atacam as roças dos Wajãpi e não ficam muito nas matas perto das aldeias centrais.

Entrevistas com os conhecedores

Eu entrevistei o Joapirea Waiãpi, o Taoka Waiãpi e a Sawerã Waiãpi. Eu não consegui entrevistar muitas pessoas por causa da COVID 19.

Perguntas da pesquisa

1. Vocês sabem me contar em qual época as caças ficam gordas?
2. Qual tipo de caça fica gorda e marca o tempo do inverno?
3. Qual tipo de caça fica gorda e marca o tempo do verão?
4. O tempo que as caças ficam gordas está mudando?

Explicação geral

O **coamba** (**MACACO ARANHA OU COATÁ**) fica gordo no inverno, em janeiro. Os macacos coamba ficam gordos quando é época de muitas frutas. Eles aproveitam as frutas para comerem e ficam gordos. Eles comem muitos tipos diferentes de frutas, como bacaba, açai, bacuri, cupuí. No mês de outubro os coambas ficam magros, porque no verão não há frutas para comerem.

Os coambas ficam gordos somente no inverno. Quando acabam as frutas que eles comem, eles começam a comer folhas e, por isso, não ficam gordos. Quando comem frutas de *tatajuta*, ainda ficam gordos.

A gordura das aves é diferente da dos macacos. As aves ficam gordas só no verão, quando elas comem muitas sementes. Nesse tempo, além das aves, a queixada também fica gorda. As queixadas gostam de comer semente de andiroba, que tem muito óleo. Além delas, outros animais como o caititu e a paca ficam muito gordos porque comem sementes de andiroba no verão.

As aves gostam de engolir semente de *janytau*. As aves gostam de comer frutas de copaíba. As antas gostam de comer frutas de acapu, por isso elas ficam muito gordas. Depois, quando chega o inverno, as aves ficam muito magras.

Quando é o tempo das frutas de *jaja'y*, que dá muitas frutas, os coambas ficam gordos e não conseguem pular dos galhos muito rápido, de tão gordos que ficam. O corpo e o rosto ficam gordos. Onde tem frutas, eles ficam morando e descansando nesse lugar.

A **sirará**, tipo de cigarra que canta no inverno, passa em cima dos coambas para derreter a gordura deles. A **sirará** queima os pelos dos coambas, tira sua gordura e os coambas ficam fracos e bem magrinhos. Por isso o coamba fica magro no verão e os outros animais ficam gordos no tempo do verão.

As **queixadas** ficam gordas no verão. Quando elas chegam no igapó, procuram as sementes, como as de andiroba, porque a andiroba joga as sementes no igapó. As queixadas podem passar até três dias comendo as sementes de andiroba, até acabar. Por isso elas ficam muito gordas.

As **antas** comem fruta de *tarayka* no inverno. No inverno, existem muitas frutas para elas comerem, como *watyrija*, taperebá, *pinosukwerã* e outras. Todas essas frutas deixam a anta muito gorda. Onde tem muita comida, ela não vai ficar magra.

Na época da fruta de cupiúba (*kupi'y*), os **nambus** ficam gordos, suas costas ficam cheias de gordura. Na época do açai, o jacu fica gordo. Nós chamamos esse tempo de *wasei arã mê*. A **arara** e o **tucano** também ficam gordos por causa do açai. Os **mutuns** ficam gordos só no verão. A **paca** fica gorda, mas ela não para em um lugar para engordar; o **veado** também fica gordo, mas não para em um lugar para ficar engordando.

Existem animais que nunca ficam gordos, como o **nambuzinho** (chamamos de *sumi*), a **cutiara** e a **cutia**.

Antigamente, a cutia ficava gorda. Isso parou de acontecer quando o **tatu** tirou a gordura dela e ele, então, passou a ficar gordo. A cutia não sabia que o tatu ia fazer isso. A cutia come andiroba, castanhas e muitas frutas, mas mesmo assim ela nunca fica gorda.

Cada caça fica gorda em uma determinada época, e tem caças que não ficam gordas. Cada uma tem um jeito. Os pássaros também, cada um fica gordo de um jeito.

A **preguiça** é um tipo de caça que sempre fica gorda, pois ela consegue procurar muito bem as frutas, mais do que os outras caças. Ela anda de noite, e de dia ela consegue pegar frutas que estão muito altas. Quando come uma fruta que chama *kurumã akwerã*, ela fica muito gorda.

O **jabuti** come as frutas de *kurumã* e fica gordo também.

As **pacas** comem qualquer alimento da roça dos Wajãpi e da mata, como andiroba, flor de pequiá, muitos tipos de alimentos.

O **tatuaçu** se alimenta de minhocas e *siripãpã*, cupim, pequiá estragado. Ele fica gordo na época em que colhemos o milho nas nossas roças. Ele se alimenta de algumas frutas também e mora em um buraco que ele mesmo cava. O tatuaçu cava um buraco muito fundo e os caminhos que ele faz debaixo da terra são longos. Ele avisa quando uma pessoa vai morrer, quando faz seus caminhos debaixo da terra onde essa pessoa fica andando.

O **veado vermelho** e o **veado branco** gostam de flor de pequiá, andiroba, flor de castanha, fruta de tatajuba, fruta de *waturija*, *waturã akwerã*, *tumumuri akwerã*, *wasurapo* e *pinosu werã*. São essas as frutas que os veados comem para ficarem gordos na época do verão.

O **caititu** se alimenta das sementes de andiroba, das frutas de pequiá e das sementes de *warusi*. O caititu, como a queixada, quando encontra comida em um igapó fica nesse lugar até a comida acabar.

O **macaco kusiri** se alimenta de grilos; folíolos das plantas; de uma planta parecida com abacaxi, chamada *karawata*; de ingá; de ovos de passarinhos. Ele anda em grupos grandes para se proteger dos predadores. Quando encontram lugares com frutas, eles também ficam morando nesse lugar até as frutas acabarem. O *kusiri pijonã* também anda em grupo e se alimenta de uma fruta que se chama *yvyra tapiriri*.

Os **guaribas** comem frutas de *jaja'y*. Quando encontram um lugar com frutas, eles ficam até as frutas acabarem, por isso eles ficam gordos. Os guaribas dormem nos galhos de *jaja'y* mesmo, e quando terminam de comer vão procurar outro lugar. Se não tiver essa fruta, eles não irão ficar gordos.

Os **jacus** gostam de comer açai, bacaba, buriti. São essas frutas que deixam os jacus gordos. Quando eles estão gordos, as costas deles ficam cheias de gordura. Eles ficam empoleirados nos cachos de açai e bacaba, esperando ficarem pretos, maduros.

Conclusão

Sem as frutas, as caças não podem ficar gordas.

Cada fruta tem que aparecer no tempo certo e, então, as caças ficarão gordas. Onde não há frutas, as caças não ficam, porque elas sempre vão procurar as frutas para se alimentarem.

Nas aldeias centrais, as matas não têm mais frutas porque os Wajãpi estão fazendo muitas roças nas áreas de floresta. Nas aldeias nos limites da TIW, existem muitas frutas para as caças se alimentarem.



Época de flores no verão e no inverno

Sinu Waiãpi



Meu nome é Sinu Waiãpi, eu sou casado, tenho filhos e sou agente socioambiental na Terra Indígena Wajãpi. Eu entrei no curso de formação de agentes socioambientais no ano de 2015. Eu moro na aldeia Kurumuripopy. Eu já terminei meus estudos no Ensino Médio e comecei meus estudos na universidade no ano de 2022.

Na minha pesquisa, percebi que o tempo está mudando porque as árvores não estão tendo as flores no tempo certo. Por isso, hoje em dia não tem tempo certo do florescimento das árvores. Antigamente não era assim, as árvores floresciam sempre no mesmo tempo.

No início de verão, inicia o florescimento de certas árvores: flor de *maruka*, flor de *pirima'y*, flor de *jõemo'i*, flor de *para'y* e flor de *moju akãnytarã*. Essas flores das árvores avisam que o verão está chegando. E existem as flores das árvores que avisam que o inverno está chegando, como, por exemplo, flor de piquiá, flor de *tumumuri*, flor de *jumi'y* e flor de *wakapu*.

Objetivos

Eu quero descobrir se o florescimento das árvores que marcam o tempo do verão e do inverno está marcando o tempo igual ou diferente de antigamente. Cada árvore tem seu tempo de florescer e os conhecedores e conhecedoras sabem muitas histórias sobre esse tema. Eu quero descobrir as histórias que eles contam e descobrir coisas novas sobre esse assunto.

Hipótese

Eu acho que o tempo está mudando hoje e as árvores estão mudando o jeito de florescer ou não estão florescendo.

Perguntas da pesquisa

1. Quando acontece o florescimento das árvores no verão?
2. Quando acontece o florescimento das árvores no inverno?
3. Quais tipos de árvores marcam o tempo de verão com as suas flores?
4. Quais tipos de árvore marcam o tempo de inverno com as suas flores?
5. Hoje em dia, as flores das árvores marcam bem o tempo de verão e de inverno?

FLORESCIMENTO DAS ÁRVORES

Nossos antepassados percebiam a chegada do verão e do inverno pelas flores das árvores.

Tem uma árvore que se chama *maruka*, que existe somente em uma região da Terra Indígena Wajãpi (região do Pypyiny). Quando eu fui para essa região, eu trouxe a semente dessa árvore e plantei no pátio da minha aldeia. Tem outras árvores que também marcam o inverno, como *jumi'y* e *para'y*.

Eu entrevistei os seguintes conhecedores wajãpi: Suinã e Pisika Wajãpi, da aldeia Okora'yry; Turuku'ã, Sare e Seremete Wajãpi, da aldeia Kurumuripopy. Cada conhecedor e conhecedora me contou versões diferentes sobre o florescimento das árvores no verão e no inverno. Esses conhecedores me contaram que, quando o verão está chegando, inicia o florescimento de árvores como, por exemplo, a flor de *maruka*, flor de *pirima'y*, flor de *peke'a* e flor de *jõemo'i*. Essas flores das árvores marcam o tempo de verão. Existem flores de *maruka* que sinalizam que o verão vai durar muito tempo.

Os mais velhos me contaram que existem variedades de flores de árvores que marcam o inverno, como por exemplo: flor de *jumi'y*, flor de *wakapu*, flor de *mykurã nami'y* e flor de *tumumuri*. Essas flores são importantes para alguns animais, porque eles gostam de comê-las. Existem as flores das árvores chamadas *jumi'y*, que florescem na época do inverno, e que as pacas e o veado vermelho gostam de comer.

Na época de verão também existem flores de árvores que alguns animais gostam de comer. Pacas, veados vermelhos, cutiaras, antas e veados brancos gostam de comer as flores de *peke'a*. No verão, tem as frutas de *maruka*, que macacos coamba, mutuns, tucanos, caititus, queixadas, nambus, juparás, jacamins, cutias e vários tipos de macacos gostam de comer.

Os conhecedores me contaram que, antigamente, acontecia bem o florescimento das árvores; hoje em dia, não aparece bem a época do florescimento no verão e no inverno, porque está mudando o tempo das flores.

Na época inverno, algumas árvores não estão dando flores como antigamente, como, por exemplo, o *jumi'y*. Também no verão, *peke'a* e *maruka* não estão dando flor, e antes essas flores avisavam a chegada do verão. Cada vez mais está mudando o tempo de florescimento de algumas árvores. Antigamente não era assim. Portanto, nós, Wajãpi, estamos muito preocupados com a alteração da época de florescimento das árvores. Isso pode afetar a vida dos animais e das aves.

Conclusão

Agora eu aprendi muitas coisas com os conhecedores wajãpi sobre os tempos de florescimento de árvores que marcam o verão, como, por exemplo, *maruka*, *pirima'y*, *peke'a* e *jõemo'i*. E aprendi também sobre as flores de árvores que marcam o tempo de inverno, como, por exemplo, *jumi'y*, *mykurã nami'y* e *tumumuri*. Elas avisam que está chegando o inverno.

Os conhecedores wajãpi estão muito preocupados com as mudanças no tempo de florescimento de cada árvore, porque algumas flores não estão aparecendo mais na época certa, como a flor de *peke'a*. Os mais velhos me contaram que antigamente não era assim, as flores de todas as árvores apareciam na época certa. Essa pesquisa é muito importante para mim, porque através dela eu aprendi e aprofundei coisas que eu não sabia. E estou muito interessado em fazer pesquisa sobre os conhecimentos dos Wajãpi.

Árvores florescem no inverno e no verão

Megõ Waiãpi



Meu nome é Megõ Waiãpi. O chefe da minha aldeia me escolheu para ser agente socioambiental (ASA) no ano de 2015. Eu fiz o curso de formação de agente socioambiental e concluí a formação no ano de 2019. Ao mesmo tempo que terminei a formação de agente socioambiental, eu concluí o Ensino Médio.

O nome do meu pai é Sikuruka Waiãpi e o nome da minha mãe é Jiruri Waiãpi. Sou casado com Sani Waiãpi e Warini Waiãpi. Tenho 10 filhos(as): Sonairu, Paranairu, Mekisania, Wairuana, Mekisawa, Mesakiel, Mesaki, Wakiana, Jesaiki e Jekieusõ. Eu moro na aldeia Yvyrareta.

Eu fiz pesquisa sobre árvores que florescem no início do verão e do inverno. Agora, as árvores que florescem no inverno e no verão não estão mais indicando a chegada dessas estações. Na minha pesquisa, entrevistei o conhecedor Matapi Waiãpi.

Objetivos

Eu quero descobrir por que as árvores não estão florescendo no tempo certo.

Hipótese

Eu acho que hoje em dia o clima está mudando, por isso as árvores não florescem muito no tempo certo. Em volta da nossa Terra Indígena, muitos não indígenas estão destruindo as florestas. Muitos não indígenas estão causando incêndios nas florestas. Eu acho que isso tudo atrapalha o florescimento das árvores que moram nas nossas florestas.

Perguntas da pesquisa

1. Quais árvores florescem no inverno?
2. Quais animais comem flores de árvores?
3. Quais tipos de árvores que, quando florescem, ajudam as abelhas a dar muito mel?
4. Quais caças comem flores de árvores que caem no chão e flores do galho?

ÁRVORES QUE FLORESCEM NO TEMPO DO INVERNO

No início do inverno, as árvores que florescem são: *yvyunã*, *tarayka*, *korõpitã* (bacuri), *jõemo'i*, *waturija*, *waturija siri*, *torõmere*, *kapy'a'i* (cupuí), *kupy wasu*, *arapuru*, *kumesi*, *yvaka*, *moju ãkãnytarã*, *ãniga* e *suirany*. Essas árvores florescem no começo do inverno.

Antigamente, quando as árvores floresciam, a gente conseguia sentir o cheiro de longe, porque o vento traz o cheiro das flores de longe.

Hoje em dia, as árvores não estão florescendo no tempo certo, poucas árvores estão florescendo, por isso quando nós andamos pela mata, nós não sentimos cheiro de flores.

No começo dos tempos, o nosso dono *Janejarã* falou para cada árvore: “você pode florescer no começo do inverno” e falou para outras árvores: “você pode florescer no começo do verão”. Por isso cada árvore floresce no inverno ou no verão.

EXISTEM ANIMAIS QUE COMEM FLORES DE DIA E DE NOITE

Há uma variedade de animais que comem flores de árvores e flores de *jõemo'i*: beija-flor, abelhas, preguiça, o pássaro *wyrakãmatã*, mangangá. Também tem o cipó chamado *moju ãkanytarã*, e pássaros, como arara e papagaio, comem suas flores. Esses animais comem flores de dia.

Tem animais que comem flores de noite, como o jupará (macaco da noite). A paca come a flor de *ãniga* de noite e a arara come de dia.

Quando a flor de *ãniga* cai no rio, os peixes comem. Quando árvores de *ãnigã* florescem na beira do rio, os peixes que comem são: pacu, *myroko*, *pakusi* e aracu. Esses peixes se alimentam de dia.

Os animais que comem flores de dia são: beija-flor, abelha, arara, papagaio e mangangá. A paca e o jupará comem flores à noite. A preguiça come de dia e de noite.

NO COMEÇO DO VERÃO AS ÁRVORES FLORESCEM E AS FOLHAS COMEÇAM A CAIR

No início de verão, algumas árvores florescem e outras árvores deixam suas folhas cair e depois florescem. No começo do tempo, *Janejarã* avisou para cada árvore: “no início do verão, vocês vão florescer”. Por isso que as árvores estão florescendo no início de verão, para marcar o tempo. Essas árvores são *maruka*, *peyryry*, *marukape*, *wakapu*, *takweni*, *murure'y*, *pino* e *waa*.

Quando as folhas do *peyryry* (angelim) começam a cair, indicam a época em que o *kwata* (macaco aranha, coamba) fica gordo.

NO MEIO DO VERÃO TEM ALGUMAS ÁRVORES QUE FLORESCEM

No meio do verão, algumas árvores florescem para mostrar que estamos no meio do verão: *mykura nami'y* e *parapara'y*. Essa última gosta de vento muito forte para balançar e espalhar suas flores. Quando o vento vem muito forte é época de queimar a roça, porque quando o vento fica muito forte, a roça queima bem. Nessa época, as árvores que florescem são: *jariki ruwai*, *suruvira'y*, *jumi'y*, *wasei*, *janytau*, *kupi'y*, *pirima'y*, *kupa'y* (copaíba). São essas árvores que florescem no meio do verão.

Existe muito mel na época dessas flores. No tempo em que o *jariki ruwai* está florescendo, tem muito mel. Quando ele floresce, pode ter mel em qualquer lugar.

Conclusão

Eu cheguei à conclusão de que antigamente as flores das árvores indicavam bem a chegada do inverno e do verão; a floresta estava saudável e nossos antepassados não tinham dúvida quando as estações do ano iam chegar. Hoje, isso não está acontecendo, o tempo está se modificando e o florescimento das árvores também. Os não indígenas estão desmatando muito as florestas fora da nossa terra e poluindo muito o meio ambiente. Por isso está mudando hoje em dia o florescimento das árvores aqui na nossa Terra Indígena.

Frutas das árvores avisam o tempo do inverno e do verão

Ajãreaty Waiãpi



Meu nome é Ajãreaty Waiãpi, eu nasci na aldeia Mariry, tenho 62 anos. Eu tenho seis filhos – quatro mulheres e dois homens. Os nomes dos meus filhos são: Viseni Waiãpi e Marakujawarã Waiãpi. Os nomes das minhas filhas são: Namaira Waiãpi, Monĩ Waiãpi, Maimã Waiãpi e Karota Waiãpi. Eu nasci no dia 8 de maio, o nome da minha mãe é Koruamorã Waiãpi e o nome do meu pai é Paseta Waiãpi. Sou casada com Marãte Waiãpi. Em 2005, eu participei junto com meu marido do curso de formação de pesquisadores e, em 2015, nós fomos escolhidos para fazer a formação de agentes socioambientais. Esse curso terminou em 2019, quando nós também concluímos o Ensino Médio. Eu moro na aldeia Kwapo´ywry e na aldeia Jiruruwry. Eu quero continuar fazendo os meus trabalhos de pesquisa no futuro.

Meu tema de pesquisa é sobre as frutas que as árvores dão no inverno e no verão. Eu estudei e pesquisei alguns tipos de árvores que são importantes para os Waiãpi, para marcar o tempo do inverno e do verão.

Objetivos

Eu quero descobrir os nomes das árvores que dão frutas no inverno e no verão e saber se o tempo de dar frutas está mudando ou se está igual antigamente.

Hipótese

Eu acho que o tempo de dar frutas de algumas árvores está diferente do que era antigamente.

Entrevistas com os conhecedores

Eu entrevistei alguns conhecedores para fazer a minha pesquisa: Sisiwa Waiãpi (aldeia Kwapo´ywry), Taoka Waiãpi (aldeia Jakare), Joapirea (aldeia Jakare), Korõpe (aldeia Warareypykai), Wei Waiãpi (Ytape Miti), Marity Waiãpi e Nawyka Waiãpi (aldeia Mukuru).

Perguntas da pesquisa

1. Quais frutas dão no inverno?
2. Quais frutas dão no verão?
3. O tempo em que as frutas nascem está mudando?
4. Eu perguntei quando nascem alguns tipos de fruta que eu não conhecia.
5. Quais tipos de fruta que existem na floresta?

PRODUÇÃO DAS FRUTAS NO INVERNO E NO VERÃO

Algumas frutas dão bem somente no inverno, como as frutas do *jaja'y*. Essas são frutas que sabemos que dão só no inverno. Tem outro fruto, que nós chamamos *kuremoyvyra*, que só os jabutis gostam de comer, que também dá no inverno.

Árvores como amburana, bacaba, jabuticaba, *kumesi*, bacuri, *waturija*, *turiwararo*, ingá, *aruwaso*, murumuru, *wa'i pijonã*, *akusiākã*, *wakari'y*, *kwapo'y*, *kwasygy*, pequiá, copaíba, *tatuapyterã*, *janytau*, *jiruru*, *murure'y* produzem no inverno.

No verão, só algumas árvores produzem frutas. Existe uma fruta que nós chamamos *yviro*, que o mutum gosta de comer, e também o *jua* – essas frutas só dão no verão. Essa fruta é uma delícia, ela gosta de dar no verão.

ÁRVORES QUE DÃO FRUTA NO INVERNO

Arapuru (cacau)

No começo do verão, o cacau dá suas flores primeiro. Depois, quando chega o inverno, o cacau dá suas frutas. No tempo que a *rã muruwa* começa a cantar, a fruta do cacau está amarelando. Não são somente os animais que comem a fruta do cacau, até os Wajãpi comem sua fruta.

Os animais que comem o cacau são o macaco coatá, o guariba, o quatipuru. O cacau não dá fruta somente nos galhos, mas nos troncos da árvore, perto da terra também. Ela não tem um tronco grosso, a árvore não é alta. Depois, no verão, as frutas secam e fica só a semente.

Aka'y pope

Essa árvore é fina. No começo do verão ela dá suas flores. No verão, suas frutas começam a crescer, mas é no inverno que estão começando a ficar amarelas. Elas começam a ficar maduras junto com o cacau. Essa árvore dá uma fruta amarela. Os animais guariba, macaco preto, coatá, anta, veado gostam de comer essa fruta e os Wajãpi gostam muito dela também. Ela tem uma flor azul.

Aka'u

Aka'u é uma fruta parecida com cupuí (tipo de cupuaçu) e tem uma cor amarela. As flores começam a aparecer no final do verão, no mês de dezembro, a flor dela é rosa. Depois, no inverno, ela vai amarelando. Os Wajãpi comem a semente dessa fruta, os Wajãpi engolem a semente porque é muito gostosa.

Kapya'i (cupuí)

Essa árvore dá flor quando nós estamos derrubando a roça. A fruta brota no inverno e começa a ficar amarela. Os Wajãpi também gostam de comer essa fruta, os animais também gostam. Quando o macaco coatá come muito essa fruta ele fica bem gordo. Os Wajãpi tiram essa fruta para fazer suco; por isso, quando os Wajãpi caçam, eles pegam essa fruta, comem e também trazem para as suas famílias. Muitos animais comem essa fruta: araras, papagaios, macacos etc.

Jãã (castanha do Brasil)

A castanha dá suas flores no inverno e demora um ano, mais ou menos, para as castanhas ficarem maduras. A fruta vai crescendo durante o ano, até que no inverno seguinte, as frutas (ouriços) começam a cair. A castanha gosta de sol, quando o sol começa a ficar quente, a árvore começa a jogar suas frutas. A árvore vai jogando suas frutas devagar, ela não joga suas frutas de uma vez. Quando as frutas estão caindo, as flores começam a nascer de novo.

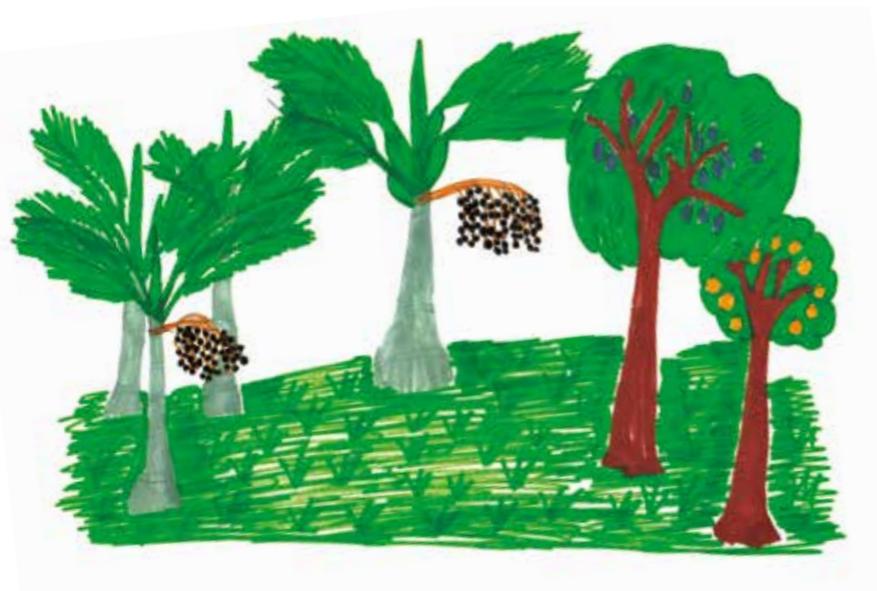
Kunãnã

Primeiro a árvore de *kunãnã* dá seus cachos no verão, depois ela espoca. As abelhas se juntam e quando as abelhas terminam de fazer seu mel dessa flor, o *kunãnã* dá suas frutas, igual o murumuru. A fruta começa a amarelar na época do canto da *rã muruwa*, essa fruta avisa que os coatás estão ficando gordos. O *kunãnã* é importante porque a gente tira o folíolo para fazer nosso abano. A gente come também essa fruta, ela é boa igual a castanha.

Murumuru

Ela também dá seus cachos igual o *kunãñã*. A gente pega a semente dela, descasca, rala e mistura com farinha e damos para as crianças matarem sua fome quando elas estão andando no caminho com a gente. A queixada gosta muito de lugares onde tem murumuru. Onde tem muito murumuru, a queixada e a cutia não vão embora. A cutia gosta de plantar o murumuru.

Pino (bacaba)



A bacaba começa a dar cacho no verão e, quando ele fica grande, espoca igual o *kunãñã*. As abelhas gostam das flores de bacaba, por isso nos bacabais têm muitas abelhas. Quando estão grandes, as frutas de bacaba vão ficando azuladas e amadurecendo. Isso acontece no começo do inverno. No final do inverno, as frutas dos cachos secam e caem. Há vários tipos de bacaba: bacaba de coatá, bacaba de cutia, bacaba de cutiara. Tem um tipo de bacaba (*pino karary*) que não é boa para os Wajãpi comerem, porque não tem gosto. Nós sabemos que tem bacaba boa e bacaba ruim de comer.

Taperebá

Essas árvores dão flores no meio do verão. As flores indicam que vai demorar um pouco para chegar o inverno. Suas frutas demoram para aparecer, só aparecem no inverno. Elas esperam até o inverno chegar, ficam amarelas, quando o sol esquenta, vem o vento, e elas começam a cair no chão.

Quando as frutas caem, fica um cheiro bom e muitos animais gostam de comer. Quando elas caem na água, os peixes gostam de comer também. A anta, por exemplo, come muitas frutas de taperebá, não deixa ninguém comer mais. Ela engole as sementes, e leva o taperebá para outros lugares. Quando chega o tempo dessa fruta, a anta fica muito gorda. Os macacos e pássaros comem essa fruta quando ela está na árvore.

ÁRVORES QUE DÃO FRUTA NO VERÃO

Akusiãkã

Essa árvore dá flor no começo do verão. Nós, Wajãpi, e as caças gostamos de comer a fruta depois que ela fica amarelada, no final do verão. É uma das comidas das caças. Tem essa árvore na floresta e na capoeira também. A fruta gosta de nascer na capoeira. O nome dela significa que a fruta é parecida com a cabeça da cutia. Na árvore, existe um leite que é remédio bom para diarreia. Essa árvore dá muita fruta e o papagaio gosta de comer.

Kwapo 'i

Kwapo 'i dá frutas no verão, como o *yviro*. Ela é comida de tucano. Os Wajãpi gostam de fazer jirau para matar pássaros e macacos em cima dessa árvore. Esse fruto é muito doce e os Wajãpi e os animais gostam de comer. Nessa árvore, tem leite dentro do tronco que serve como remédio. Quando alguém quebra o braço ou a perna, esse leite é bom para sarar logo a fratura do osso. O tronco dela é igual a um cipó. Esse tronco não fica de pé, ele se apoia no tronco de outras árvores.

Yviro

A fruta do *yviro* parece a semente do açai. Mutum e jacamim gostam de comer. A fruta dessa árvore deixa os animais gordos. Quando ela fica madura, os pássaros gostam de comer, o coatá também gosta. Somente na região do rio Inipuku tem muito dessa árvore. Nós usamos a madeira dela para fazer os telhados das nossas casas, é bem fácil de trabalhar com ela, a casca do tronco sai bem fácil.

Nós, Wajãpi, não comemos essa fruta porque ela é amarga, mas ela serve de remédio para febre e dor de cabeça. Fazemos o chá da sua casca para a pessoa que está com malária tomar. Usamos o tronco para fazer caniço e enfeites para festas. Serve também para fazer jirau para moquear a caça e os peixes.

Avy´a

A árvore do *avy´a* dá fruta depois que o açai acaba. Ela dá fruta no verão. Os macacos (coatá, guariba) e pássaros (arara, tucano, papagaio) gostam de comer, porque no tempo do verão não há muitas frutas. Essa fruta cai no chão e as cutias não gostam de comer porque não tem muita polpa e nem semente. Quando as crianças caminham, elas pegam, cortam com o dente e assopram, gostam de brincar com essa fruta. O tronco dela é um tipo de cipó, como o tronco de *kwapo´i*. A folha serve como remédio, quem tem espinha no rosto passa para ficar com o rosto liso. O tronco serve de remédio para picada de cobra.

Tapaka

Essa árvore tem um tronco grosso, mas é baixa. Ela nasce onde tem montanha, gosta desses lugares. A fruta dela é igual castanha, a árvore espera o sol ficar quente, a fruta espoca e ela joga a fruta. A fruta cai a toda hora e a cutia gosta de comer. A cutia também planta a semente em alguns lugares, por isso tem muitas dessas árvores na montanha. O veado branco também gosta de comê-la.

Peyva

É uma fruta parecida com o *tapaka*. Ela gosta de nascer no igapó, na beira do rio. As frutas esperam o sol ficar quente, caem no rio, e os peixes como o *pakuwasu* gostam muito de comê-las e ficam gordos. Essa fruta tem óleo como a castanha, por isso os peixes gostam de comer. Ela gosta de nascer em lugares planos. O quatipuru também planta essa fruta, ele leva a semente lá em cima do tronco da árvore e ela nasce nos buracos do tronco.

Tarara

A fruta dessa árvore gosta do sol quente para poder cair no chão. As folhas também caem todas no chão, como se fossem árvores secas. Os macacos e os Wajãpi gostam de comer essa fruta, ela é muito doce. Mas não podemos engolir os caroços, pois eles são muito grandes; só os macacos engolem esses caroços. O tronco dessa árvore é bem alto e grosso, muito bonito. A queixada, o caititu e a cutia gostam de comer a semente dessa fruta.

Matara

Tem uma árvore chamada *matara* que é parecida com o *tarara*, mas dá uma fruta grande. Nessa árvore, as frutas ficam muito juntas, ela também dá fruta no verão. Os macacos, os pássaros e também os Wajãpi gostam de comer essa fruta.

Wakapu

Essa árvore dá flor no começo do verão e as frutas caem no meio e no final do verão. A queixada e a anta gostam muito de comer, por isso esses animais ficam gordos no verão, por causa dessa fruta. Ela serve como remédio. Na região do Aramirã, dá muito essa fruta, em outras regiões da Terra Indígena não tem.

Wiri e aikatu

O tronco do *wiri* é igual o da pupunha, sua fruta parece a fruta de *kunãñã*, mas o tronco é cheio de espinhos. Tem cacho como o açáí. Os Wajãpi gostam de tirar cacho dessa árvore para comer as frutas.

Tem uma árvore parecida, chamada *anuja wiri* (fruta de rato). Acho que tem esse nome porque os ratos devem ter plantado essa árvore.

Tem uma outra fruta chamada *aikatu*, que tem um gosto igual ao do limão. Os Wajãpi sempre tiram o cacho e comem e, quando estão caçando, pegam essa fruta e comem para não encontrarem as cobras, pois a cobra fica sempre de boca fechada quando os caçadores comem essa fruta. Ela tem um tronco bem baixo.

Maraja'y

É um tipo de árvore que parece pupunha. Ela tem espinho no tronco. No verão, ela dá cachos, depois dá flores e depois frutos. O fruto fica grande e começa a ficar preto no final do verão. Quando os Wajãpi viajam de canoa e ficam com fome, eles comem essas frutas na viagem. É uma fruta muito gostosa. A fruta tem caroço igual ao da pupunha. É muito difícil tirar o cacho dessa fruta, tem que pegar uma vara, colocar um gancho e apanhar os cachos.

Nem caças nem pássaros comem, pois a fruta é dura. Somente os macacos *kusirisi*, *ka'i* (macaco prego) comem. Essa árvore vive em grupo como se fosse o açáí, chamamos o grupo de *maraja'y tyvusu*. Se a gente pisa em cima desse espinho, dói muito; se a gente pisa, muitos espinhos entram na pele da gente. Os pássaros gostam de dormir nessa árvore, porque os predadores não conseguem chegar nela por causa dos espinhos. Os macacos gostam também de dormir nessa árvore.

Tukumã

Essa árvore também dá fruta no verão, igual ao *maraja'y*. Ele é bem parecido com a pupunha, os espinhos dele são iguais aos da pupunha. Essa fruta dá em forma de cachos e ela é amarela, os Wajãpi não comem muito, porque a fruta é dura e difícil de tirar. Ele é igual a fruta do *kunãñã*, mas a folha é bem parecida com a da pupunheira. Os Wajãpi tiram o folíolo e fazem o abano, que chamamos de *tapekwa*.

Pasi'y (paxiuba)

O *pasi'y* também vive em grupo (*pasi'y ty*). Ele é diferente da pupunha, parece um pouco o coqueiro; é diferente do açáí e da bacaba, mas a fruta é igual pupunha. Por isso, quando nossos filhos vão caçar com a gente e veem esse cacho, pensam que é pupunha. Nós não comemos essa fruta, só tucano, quatipuru, macacos, cutias, veados, caititu, queixada e nambus comem essa fruta. O tronco é importante para fazer jirau e tábua para as casas wajãpi, que chamamos de *jura*.

Jyta'i

Primeiro essa árvore dá o cacho, no tempo do verão. O tronco não tem espinho, mas a folha é igual a folha de açáí. A fruta é grande, parecida com a pupunha, nós não comemos, é comida do quatipuru, da anta, da cutia, da paca. A cutia sempre planta essa fruta em todo lugar. A fruta é amarela, mas não tem gosto, não tem doçura.

Kumaka (samaúma)

A samaúma começa a dar suas frutas no verão. A fruta dela é igual a do algodão. A semente também é parecida com a do algodão, por isso falamos para os não índios que essa fruta é algodão dos periquitos.

Essa árvore tem pajé, por isso a gente nunca derruba a samaúma. Quem derruba, fica doente, ou o dono pode matar a pessoa. Ela pode ficar doida também. Se alguém a derrubar, pode chegar um vento forte, que pode derrubar árvores grandes. O dono da samaúma (*ijarã*) pode ficar muito bravo. Muitos espíritos moram nessa árvore, como o dono do tucano, da arara, dono da cobra, dono do vento, donos dos pássaros, como se ela fosse a casa dos donos. A casca dela é remédio para os Wajãpi.

A samaúma vive nas áreas de igapó, somente o pajé pode ver os espíritos que moram nessa árvore.

Warãkatãe

Essa árvore é um marcador do verão, ela dá flor e depois o fruto, ela espera até a fruta ficar grande e, quando a fruta fica grande, vai ficando amarela. Ela é comida das caças, dos pássaros e dos Wajãpi, é muito gostosa. Nós sabemos que o verão está chegando quando essa fruta já está amarelado, isso marca bem o verão.

Pirima'y

Essa árvore dá flor no meio do verão. Ela é um marcador de verão. Ela tem uma flor azul muito bonita. Ela não dá fruta, só flor. As abelhas e os peixes, como o pacu, gostam de comer sua flor. Os beija-flores gostam dela também. Todo dia essa flor chama o vento forte para queimar a roça, o vento balança os galhos e as flores caem. Os peixes sabem que isso vai acontecer e ficam esperando perto delas. Só tem essa árvore na região do Inipuku, na Terra Indígena Wajãpi.

Existe um tipo de árvore parecida, que chamamos de *pirima'yvatã*. A preguiça gosta muito dessa flor, os macacos da noite (juparás) também. Os Wajãpi pegam essa flor e usam de isca para pegar os pacus.

Maruka

O *maruka* também marca o verão. As folhas caem todas antes de começar a dar flores. O *maruka* sempre dá flores no verão e depois dá frutas também nesse mesmo tempo. Nossos antepassados falavam assim sobre essa fruta, quando ela está verde: "*ika'í rãije*", porque parece o dente de macaco *ka'í*. A fruta verde marca o começo do verão. Essa fruta quando está madura é vermelha como pimenta e é muito gostosa de comer. Ela não é muito grande. Só tem na região do Pypyiny e não existe em outros lugares da Terra Indígena. O *maruka* vive em grupo como se fosse açai. Nossos antepassados deram o nome *marukaty* para os lugares onde tem essas árvores.

O que eu descobri até agora com a minha pesquisa?

Eu descobri que muitas frutas não estão ficando mais maduras na época certa. Por exemplo, o *kapyá'í*. Essa árvore começava a amarelar no início do inverno, agora está amarelado no meio do inverno. Além disso, não está dando muita fruta. No caso da bacaba, as árvores demoram mais tempo para dar frutas e algumas árvores estão morrendo e sendo atacadas por pragas.

O açai está mudando seu jeito também. Antigamente, dava muita fruta e com cachos grandes, agora os cachos são menores e o tempo do açai acaba mais rápido.

Isso tudo está acontecendo nas aldeias centrais; nos limites da Terra Indígena, as plantas estão dando bem. Eu acho que isso está acontecendo por causa do lixo e porque tem muita gente morando no mesmo lugar. A natureza está funcionando bem nos limites da Terra Indígena e nas aldeias centrais as coisas estão ficando diferentes, precisamos fazer mais pesquisas para descobrir mais sobre essas mudanças.

Frutificação das árvores no inverno e verão

Pasiku Waiãpi



Meu nome é Pasiku Waiãpi, eu nasci em 1982, na aldeia Mariry. Eu sou casado e o nome da minha esposa é Jamy Waiãpi. Eu tenho duas filhas, uma se chama Janinaira Waiãpi e outra se chama Sônia Waiãpi.

Em 2005, eu entrei no curso de formação de pesquisadores wajãpi e, em 2015, eu entrei no curso de formação de agentes socioambientais. Eu já concluí essa formação e concluí também o Ensino Médio.

Meu tema de pesquisa é a frutificação das árvores que marcam os tempos do inverno e do verão.

Objetivo

Eu quero descobrir se as frutas estão marcando o tempo certo da chegada do inverno e do verão.

Hipótese

Eu acho que algumas frutas das árvores não estão marcando certo o tempo do inverno e do verão.

Perguntas de pesquisa

1. Antigamente dava muitas frutas?
2. As frutas estão dando no tempo certo?
3. Está dando bastante fruta?
4. Está dando bastante fruta no inverno?
5. Está dando bastante fruta no verão?



FRUTIFICAÇÃO DAS ÁRVORES

Eu conversei com quatro conhecedores sobre o tema da minha pesquisa: Pajari, Wyrakatu, Taoka e Waivisiĩ.

Eles me disseram que, antigamente, no inverno, as frutas davam no tempo certo. Tem várias frutas que dão no inverno, como, por exemplo, bacaba, açaí, abio, cupuí, cacau, taperebá, bacuri, pupunha, cabeça de cutia, *waturija*, *waa*, *jaja'y*, *yvy* (maçaranduba), murumuru, *konãã*, *tarayka*, castanha, pequiá, jenipapo e *kumese*. Os conhecedores falaram que, atualmente, muitas estão atrasando no tempo do inverno, como a castanha, bacuri, cupuaçu do mato, jenipapo, murumuru, taperebá, pupunha, acaju e cupuí.

No verão, as frutas também davam no tempo certo, como *waturija*, *wakari'y*, *takuweni*, *akaju*. Hoje em dia, algumas frutas não estão dando no tempo certo do verão, as árvores estão atrasando o tempo de frutificar e, por isso, está muito diferente do tempo passado. Também existem frutas que passam uma estação (que pode ser o inverno ou o verão) sem produzir e depois só vão dar no outro ano. Tem algumas frutas que continuam dando na mesma época do ano, como antigamente.

Conclusão

Eu aprendi com os conhecedores que, no passado, tinha muita variedade de frutas e cada tipo de fruta produzia no tempo certo e avisava bem que o inverno e o verão iriam chegar. Comparando com o passado, os conhecedores me contaram que hoje tem menos variedades de frutas produzindo nas matas, principalmente na região das aldeias centrais e tem algumas frutas que não estão produzindo mais. Contaram também que algumas frutas estão atrasando ou adiantando sua produção. Algumas deveriam dar no verão e produzem no inverno seguinte e outras deveriam dar no inverno e só produzem no verão seguinte. Foi isso que eu aprendi na minha pesquisa até agora.

Reprodução das caças

Jatuta Waiãpi



Eu me chamo Jatuta Wajãpi, fui coordenador da Awatac (Associação Wajãpi Terra, Ambiente e Cultura) e sou conselheiro da COIAB (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira). Eu sou agente socioambiental e técnico em meio ambiente formado. Além disso, eu já concluí o Ensino Médio no SOMEI (Sistema de Organização Modular de Ensino Indígena), na escola Estadual Aramirã, na TIW.

Eu sou casado com a Sikumã, tenho seis filhas, que se chamam Saniuta, Najiuni, Kinaita, Majiumi, Majiana e Maiana. Eu nasci na aldeia Mariry, no dia 13 de junho de 1989. Moro em quatro aldeias: Mairy, Pairakae, Najaty e Jakãrãny. Os nomes dos meus pais são Piku'i e Arawani Wajãpi. Eu tenho cinco irmãos e sete irmãs. O nome do meu avô é Waiwai, ele tinha duas esposas que já faleceram. Elas se chamavam Werena e Paruwa. Essas minhas avós eram do grupo do *Kuu wanã kô*. Existem muitos netos dessas avós na aldeia Mariry, muitos estão casados com mulheres de outras regiões da Terra Indígena Wajãpi, como Yvyrareta, Manilha e Aramirã.

Quando teve oficina de pesquisa para os Agentes Socioambientais Wajãpi (ASA), nós escolhemos pesquisar as transformações ambientais na Terra Indígena Wajãpi. O objetivo da pesquisa foi entender e investigar as transformações ambientais de acordo com os conhecimentos dos Wajãpi. Cada ASA escolheu seu tema de pesquisa, como, por exemplo, a época de canto de cigarra, a reprodução de aves etc. Durante a oficina, eu escolhi o tema da reprodução de caças (*mijarã kô ta'y mã'ë rewarã*). Eu entrevistei quatro conhecedores: Waiwai, Siro, Kumare e Seremete. Eles me contaram muitas coisas sobre a reprodução de caças.

Objetivo da pesquisa

Eu quero aprender e investigar o conhecimento dos Wajãpi sobre as épocas de reprodução das caças. Eu quero investigar também por que algumas caças se reproduzem em épocas diferentes. Quero investigar também se elas estão se reproduzindo na mesma época que se reproduziam no passado.

Hipótese

Eu acho que as caças não estão se reproduzindo mais na época certa, porque parece que o tempo de reprodução de caças está mudando.

Perguntas de pesquisa

1. Que tipo de caça se reproduz no verão?
2. Que tipo de caça se reproduz no inverno?
3. Quais caças se reproduzem em qualquer época?
4. Mudou a época de reprodução das caças? Por que mudou?
5. Antigamente, as caças se reproduziam bem na época certa?
6. No começo dos tempos, as caças se pintaram com os tipos de cores de cocô de cobra grande?
7. No começo dos tempos, os nossos ancestrais se transformaram em caças?
8. No começo dos tempos, como o nosso dono fez as caças?
9. Cada caça tem seu próprio dono (*ijarã*)?

REPRODUÇÃO E JEITOS DE VIVER DAS CAÇAS

No começo dos tempos, o nosso dono *Janejarã* fez a terra, pessoas, sol, lua, rios, caças, peixes, frutas, árvores, verão, chuva e céu. Ele fez a época das caças no verão e no inverno; ele criou e ensinou as formas de cada ser vivo marcar o tempo e as mudanças no ambiente, como, por exemplo, a época do canto das rãs no inverno, a época do canto da cigarra no verão, a época de flores e frutas de cada árvore.

Os conhecedores me contaram que, hoje em dia, mudou um pouco a época de reprodução das caças, especialmente nas aldeias mais antigas. Nesses lugares, as caças não se reproduzem como antigamente, porque hoje em dia muitas pessoas moram por muito tempo no mesmo lugar, na mesma aldeia.

Comparando as aldeias de ocupação mais antiga com as aldeias distantes, que ficam próximas aos limites da TIW, ocupadas há menos tempo, percebemos que nas regiões de ocupação antiga as caças estão diminuindo e nas aldeias distantes as caças ainda se reproduzem bem. As caças se reproduzem bem nos limites, porque lá existem muitas frutas para elas sobreviverem e tem muita fartura de alimentos.

Os chefes Siro e Waiwai me contaram que cada tipo de caça tem um jeito diferente de viver, que existem os lugares onde cada uma delas gosta de morar e que cada uma tem um jeito de se reproduzir.

Existem as caças que se reproduzem em qualquer época, como, por exemplo, queixadas, caititus, guaribas, cutias, macacos-aranha (coambas), macacos prego, antas, veados vermelhos e pacas. Os conhecedores me contaram também onde as caças vivem. Por exemplo: os macacos-aranha vivem nas montanhas, eles dormem na árvore angelim, eles não habitam a mata fechada. Eles se se reproduzem em cima do angelim, o filhote mama, e quando cresce só come frutas. O macaco-aranha-fêmea tem só um filhote. Esses macacos, que chamamos de *kwata*, andam em grupo.

As queixadas, que chamamos de *tajau*, vivem em qualquer lugar, seja nas montanhas, seja no plano. Elas andam em bando. A queixada fêmea se reproduz em qualquer época, não tem época certa para se reproduzir. Ela tem dois filhotes. Os filhotes de

queixada mamam e, quando crescem, comem só frutas. As queixadas andam em qualquer lugar, elas vivem comendo as frutas de buriti, *karamuri* e outros tipos de frutas.



No período de verão, o jacaré, o camaleão e o tracajá botam os seus ovos para se reproduzirem, isso marca o tempo do verão.

O jacaré vive no rio, no igarapé, na lagoa; ele não vive na terra. O jacaré vive comendo peixes e filhotes de caças. No meio do verão, a jacaré fêmea começa a botar os seus ovos na beira d'água. Antes de colocar os seus ovos, ela junta folhas velhas e depois coloca os ovos. Ela não cuida de seus ovos, os filhotes nascem e crescem sozinhos. Os filhotes se alimentam sozinhos, esse é o jeito dos jacarés se reproduzirem. Os jovens wajãpi não podem comer os ovos de jacaré, senão pode dar preguiça para eles. Somente os mais velhos podem comer.

O jabuti vive no plano, ele dorme na mata fechada onde tem árvore caída. O jabuti vive comendo frutas, como taperebá, *tarayka* e outras. No meio do inverno, no mês de abril, o jabuti bota os seus ovos onde

tem árvore podre. Os seus filhotes nascem sozinhos, a mãe não cuida deles. Mas os filhotes de jabuti levam muitos anos para crescer. Na época das frutas, os jabutis se juntam para comer e aproveitam para se reproduzir.

No inverno, os mutuns, jacamins e nambus botam os seus ovos, isso marca a época da chuva, que chamamos, em português, de tempo do inverno.

Os conhecedores Waiwai e Siro me contaram que as aves (jacamins, nambus e mutuns) botam os seus ovos para se reproduzirem na época do canto das rãs *muruwa* – mais ou menos no meio do inverno.

Os mutuns vivem nas montanhas e nos planos, eles andam em grupo e vivem comendo frutas de *kupi'y* e outras frutas. A fêmea faz ninho para botar os seus ovos em cima de galhos. Ela bota dois ovos e esquenta os seus ovos para os filhotes nascerem. Quando os seus filhotes nascem, aí ela os empurra para caírem no chão. Depois a fêmea do mutum anda com os seus filhotes, ela dá frutas para os seus filhotes comerem. Os filhotes de mutum dormem num galho embaixo de uma árvore e a mãe deles dorme em cima do galho.

As fêmeas de jacamins começam a botar os seus ovos no inverno, na época do canto das rãs. Os jacamins vivem em qualquer lugar, seja nas montanhas ou nos planos, eles andam em grupo, e eles vivem comendo frutas de buriti, açai, *jaja'y* e outras frutas. A fêmea bota os seus ovos no buraco de uma árvore. Ela bota muitos ovos e os esquenta para nascerem os filhotes. Quando os seus filhotes nascem, a mãe os empurra para caírem no chão, aí a fêmea do jacamim anda com seus filhotes e eles começam a comer as frutas.

As caças são muito importantes para a vida dos Wajãpi, porque vivemos da caça. Por isso, cada família wajãpi tem que matar as caças de uma forma controlada e pensando em conservar as caças. Isso pode ajudar as caças a se reproduzirem bem.

Os conhecedores Waiwai e Siro me contaram que nossos ancestrais já sabiam contar histórias sobre a reprodução das caças, o território de cada uma delas e como se reproduzem. Então, essas histórias existem há muito tempo, não são recentes.

HISTÓRIAS DE ORIGEM DAS CAÇAS

O chefe Kumare Wajãpi, da aldeia Pairakae, me contou histórias sobre a origem das caças. No começo dos tempos, o nosso dono *Janejarã* fez uma caça chamada *mijarã rōmanã*, que nós chamamos de tamanduá. Os nossos ancestrais viviam comendo essa caça. Em seguida, o nosso dono fez algumas caças a partir da terra. *Ãjã* era uma pessoa má, ele tinha inveja de *Janejãra* e fez também a partir da terra a anta e o veado vermelho. Essas caças eram grandes e até agora elas são grandes. A carne de veado vermelho que *Ãjã* fez não é gostosa. *Ãjã*, hoje em dia, é invisível. *Janejarã* fez as caças bem menores, mas com a carne gostosa de comer, como por exemplo: cutia, macaco-aranha, guariba, queixada, caititu, macaco, tamanduá etc.

No começo dos tempos, as caças eram gente como nossos antepassados, elas falavam a mesma língua que eles. Nossos antepassados não gostavam que as caças conseguiram se comunicar com eles na mesma língua, pois quando eles as flechavam, as caças gritavam igual ao grito deles, por isso eles não gostavam. Eles foram conversar com *Janejãra*, explicaram para ele e pediram para ele mudar a língua das caças. Então, *Janejãra* mudou a língua delas e elas passaram a falar entre elas como nós, Wajãpi, escutamos atualmente. Agora não conseguimos nos comunicar com elas. Atualmente, somente o pajé consegue se comunicar com os donos (*jarã*) das caças, que são seres invisíveis que tomam conta e protegem as caças. Cada caça tem o seu dono que toma conta dela. Os donos continuam falando a nossa língua Wajãpi, no mundo invisível, e o pajé pode falar com eles.

O chefe Kumare me contou também que no começo dos tempos, o jacamim foi quem avisou todas as caças para se pintarem com as cores de cocô da cobra grande. O jacamim foi avisar outras caças e aves para se pintarem. Cada caça se pintou com as cores de cocô da cobra grande que elas queriam e, por isso, nós agora conhecemos as marcas das caças que se originaram dessas pinturas que elas fizeram no passado. A única caça que não se pintou foi a preguiça e, por isso, o pelo dela ficou do mesmo jeito. Teve também o pássaro *paipajo* (capitão do mato) que também não se pintou. Por isso, a penugem do *paipajo* ficou cinza, do mesmo jeito para sempre.

Outra história que o Kumare contou sobre as caças foi que, no começo dos tempos, nossos antepassados foram ver a borda do mundo (*yvy popy*). No caminho, eles encontraram uma lagoa e um tipo de peixe chamado *kwaripapa*. Quando eles comeram esses peixes, seus olhos se fecharam, eles não podiam mais enxergar. Os nossos outros antepassados tentaram levar de volta aqueles que tinham os olhos fechados. Eles pegaram um cipó para os ajudar a subir uma montanha, a corda arreventou e eles caíram e se transformaram em queixadas. Os antepassados que se transformaram em queixada são poucos, e eles, até hoje, vivem em bandos pequenos e não em bandos grandes como as outras queixadas que *Janejãra* fez. Essas queixadas que vivem em bandos pequenos têm um cheiro ruim e as que vivem nos bandos grandes não têm esse cheiro.

O chefe Seremete Wajãpi, da aldeia Ytape, também me contou a história de origem das caças. No começo dos tempos, o nosso dono fez primeiro o tamanduá, o jupará e o beija-flor. Os nossos antigos viviam comendo essas caças. Depois, *Janejarã* pensou em criar mais tipos de caças e aves, ele conseguiu criar antas, caititus, pacas, macacos-aranha, mutuns, jabutis, entre outros.

O chefe Seremete também me contou a história dos antigos sobre como os nossos antepassados se transformaram em algumas caças. No começo dos tempos, nossos antepassados imitavam o jeito dos macacos-aranha (*kwata*) e se transformaram neles. Esses macacos-aranha são grandes e os chamamos de *tãivigwerã kwerã*. Também dois de nossos antigos imitaram o jeito das guaribas *akyky* e depois se transformaram em *akyky*. Essas guaribas são grandes.

O Seremete me contou também a história da moça antiga que se transformou em veado vermelho. Essa moça era devoradora de comida, ela não deixava o marido comer. Por isso, o marido da moça era muito magro. Então o marido levou a sua esposa para comer mel de abelha, fez uma escada para ela subir no tronco de uma árvore e tirar o mel. De repente, o marido cortou a cabeça da sua esposa. A cabeça cortada da moça e o corpo caíram no chão. O corpo cortado pelo marido se transformou em veado vermelho e a cabeça dela se transformou em um sapo, que chamamos de *konawaru*. Esse veado vermelho é grande e o peito dele é preto.

O nosso dono fez o veado vermelho pequeno. Até agora existem estas caças em que os antigos se transformaram.

O Seremete me contou também sobre os donos de cada caça. Cada caça tem seu próprio dono e por isso a gente não pode ferir as caças sem matar, ou deixar as caças estragarem depois que matamos. Seus donos podem ficar zangados e enlouquecer a pessoa que faz isso. Também os donos não vão fazer aparecer mais caças para esta pessoa. Existem caças que a gente não pode lavar o sangue delas no rio, como, por exemplo, cutias, macacos-aranha e guaribas. Se a gente lavar o sangue dessas caças, o dono do rio pode nos fazer adoecer ou morrer. Existem algumas caças que a gente pode lavar o sangue delas no rio, como anta, queixada, caititu, paca, veado branco, capivara e tamanduá. O dono do rio não fica bravo com a gente porque essas caças são alimentos dele.

Conclusão

Eu já terminei de fazer a minha pesquisa sobre a reprodução das caças. Eu descobri a época de reprodução de vários tipos de caça e a mudança na reprodução delas no verão e no inverno. Eu também descobri algumas histórias sobre a origem das caças.

Eu cheguei à conclusão de que as épocas de verão e de inverno estão mudando cada vez mais, porque em volta da nossa terra existem as atividades ilegais e isso traz transformações ambientais.

Eu não entrevistei os conhecedores de outras regiões, devido à disseminação da COVID 19. Mas vou pesquisar e aprofundar mais minha pesquisa sobre a reprodução das caças, porque estou interessado em fazer mais pesquisa sobre os conhecimentos dos Wajãpi. Através da pesquisa, a gente descobre muitas coisas, isso ajuda também a gente a refletir. Portanto, a pesquisa é importante – fazer comparação, investigação, observação, explicação na teoria e na prática.

Eu cheguei à conclusão de que algumas caças não se reproduzem mais como antigamente, como, por exemplo, jacarés, jabutis, macacos-aranha, nambus e mutuns. Isso está acontecendo porque os caçadores wajãpi mataram muito essas caças durante o tempo de reprodução, principalmente na época das frutas, porque as frutas atraem muitas caças.

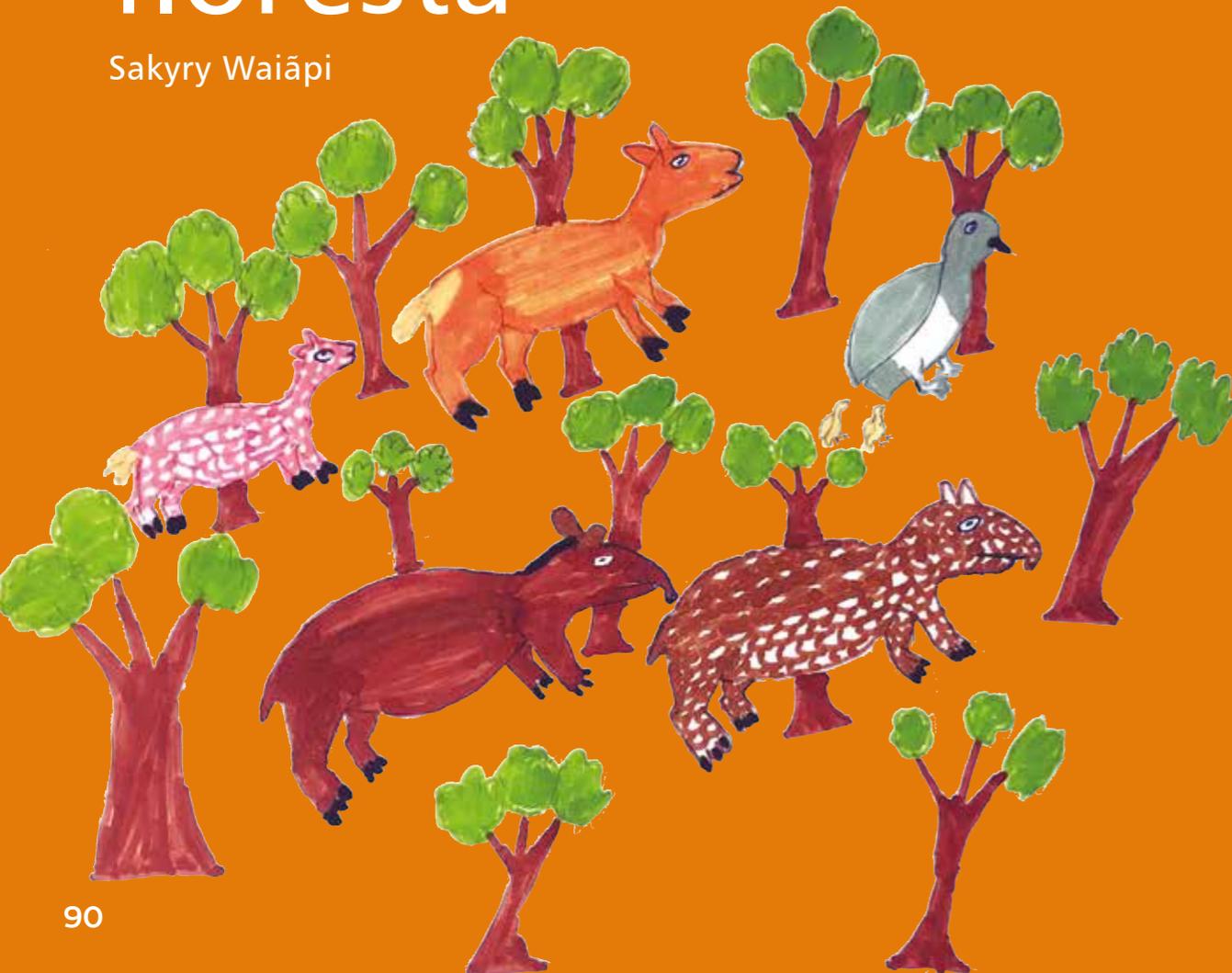
Eu penso que esse problema está acontecendo porque algumas famílias wajãpi estão morando por muito tempo no mesmo lugar, por isso as caças estão diminuindo e pode ser por causa disso que elas não se reproduzem mais na época certa.

Eu penso que cada família tem que planejar como vai viver dentro da nossa terra; viver de um jeito que garanta a boa qualidade de vida e manejar o ambiente de uma forma controlada, garantindo uma vida boa para as próximas gerações.

Os agentes socioambientais devem ajudar os Wajãpi a pensar como podemos conservar as caças. O conhecimento dos Wajãpi possibilita que cada família tenha independência alimentar, temos que continuar colocando esse conhecimento em prática.

Reprodução das caças que vivem no chão da floresta

Sakyry Waiãpi



Eu sou Sakyry Waiãpi, eu moro nas aldeias Ytuwasu e Yjasuko. Sou agente socioambiental wajãpi (ASA) e sou primeiro suplente da diretoria da Associação Wajãpi Terra Ambiente e Cultura (Awatac). Eu sou casado e tenho dois filhos: Kleberon Shawan e Thumás Tuwan. O nome da minha esposa é Anory.

Eu nasci na aldeia Ytuwasu, no dia 14 de abril de 1995, tenho 28 anos. Comecei a estudar aos 7 anos de idade, na Escola Estadual Indígena Ytuwasu, e já terminei Ensino Médio no SOMEI – Sistema Modular de Ensino Indígena. Entrei no curso de formação de agentes socioambientais no ano de 2015.

Durante a oficina de pesquisa, cada um dos 27 agentes socioambientais escolheu um tema, e então eu escolhi pesquisar a reprodução das caças que vivem no chão da floresta (*mijarã yvyrupiwarã imemy ma'e rewarã*). É muito importante essa pesquisa que eu estou fazendo para valorizar os nossos conhecimentos e conhecimentos dos sábios, porque alguns jovens não sabem esses conhecimentos ainda. Por isso, nós, como agentes socioambientais, temos que mostrar as nossas pesquisas para os jovens e crianças, para eles estudarem os conhecimentos wajãpi também pela leitura. Isso pode ajudar a entender como nossos conhecimentos funcionam na prática.

Objetivo

Eu quero descobrir como as caças que vivem no chão se reproduzem e se elas se reproduzem no tempo do inverno ou do verão. Também quero descobrir como cada tipo de caça se reproduz, comparar com as outras e comparar como elas se reproduziram no passado e como se reproduzem no presente.

Hipótese

Eu acho que as caças não estão se reproduzindo mais na época certa, porque o tempo está mudando.

Perguntas da pesquisa

1. Como as caças se reproduzem?
2. Em que tempo as caças fazem filhote?
3. Quantos filhotes cada caça tem?
4. Por que as caças estão diminuindo?

OS TIPOS DE CAÇAS QUE VIVEM NO CHÃO

Eu vou colocar os nomes das caças que vivem no chão da floresta:

- Anta (*tapi'irã*)
- Queixada (*tajau*)
- Porco caititu (*taitetu*)
- Veado vermelho (*so'o pirã*)
- Veado (*so'o si*)
- Cutia (*akusi*)
- Cutiara (*kusiwae*)
- Paca (*pagã*)

REPRODUÇÃO DAS CAÇAS

Eu conversei com três conhecedores sobre o tema da minha pesquisa: Teju, Mojauka e Jurara.

O Teju me contou como as caças se reproduzem e em qual tempo elas se reproduzem. Ele me contou que todas elas se reproduzem no início do inverno, que também é o tempo das frutas. Elas se reproduzem nesse tempo porque depois vai ter frutas para as mães comerem e ficarem fortes. No tempo do verão, não tem frutas.

A reprodução das caças marca para nós o início do inverno. No início do inverno, as fêmeas estão grávidas; no meio do inverno, nascem os filhotes; e no final do inverno os filhotes estão perto de andar sozinhos. Por causa das caças, os nossos antepassados, *tamokõ*, sabiam marcar o início, o meio e o final do inverno.

Teju falou que a diferença entre os tipos de caça é a quantidade de filhotes. Tem caça que só tem um filhote por vez, como a anta e o veado; outras tem dois ou três, como a cutia e a queixada.

Mojauka contou que a anta tem filhote no inverno, só um filhote. Caititu tem filhote no verão, três filhotes, mas o caititu não marca o tempo muito certo pela sua reprodução e pelo nascimento e crescimento dos filhotes. O que é mais certo no verão é o canto da cigarra.

A queixada tem filhote no tempo do inverno, no tempo da rã *muruwa*. O veado tem só um filhote no tempo do canto da cigarra *sirara*. A cutia tem uns quatro filhotes no inverno, no tempo da rã *muruwa*; e a cutiara tem dois filhotes no inverno, no tempo em que a fruta *wakapu* começa a cair. A paca tem um filhote no meio do inverno; o jabuti começa a botar os ovos no início do verão.

Então o chefe Mojauka contou sobre a reprodução das caças, ele falou que cada caça se reproduz de um jeito diferente e que algumas podem ajudar a marcar o inverno e o verão.

Ele falou também que hoje em dia mudou um pouco a reprodução das caças, porque a gente mata muita caça com espingarda e nossos antepassados matavam com flecha. Antes, eles matavam menos caças, hoje em dia, tem gente que mata a caça grávida ou com filhotes pequenos e isso acaba atrapalhando a reprodução delas. As caças estão se reproduzindo cada vez menos e cada vez mais elas estão diminuindo.

O Jurara me contou como as caças se reproduziam antigamente, e ele disse que no passado as caças se reproduziam mais do que hoje em dia. Antigamente, tinha muita caça e os nossos antepassados matavam caça somente com flecha, por isso eles não matavam muita caça igual hoje nós fazemos com a espingarda. Os antigos também escolhiam mais as caças para matar, não matavam as caças grávidas ou com filhotes, eles sabiam o tempo em que elas estavam com os filhotes e evitavam matar nesse tempo.

Os nossos antepassados procuravam matar as caças que estavam com gordura, matavam cada tipo de caça no tempo que elas estavam mais gordas. Outra coisa é que os *tamokō* só caçavam de dia e hoje nós também caçamos de noite. As caças podiam se reproduzir tranquilamente – as flechas, por não fazerem barulho, não assustavam e espantavam as caças.

Os antigos também não ficavam morando muito tempo no mesmo lugar, o que ajudava as caças a se reproduzirem, porque quando eles abandonavam uma aldeia para fazer uma aldeia nova, eles não caçavam muito na região da aldeia abandonada.

Jurara também disse que o território wajãpi era muito maior do que hoje e tinha menos pessoas morando. Os Wajãpi não precisavam se preocupar com a reprodução das caças, elas se reproduziam mais do que hoje em dia.

Hoje em dia, o território dos Wajãpi é menor e os não indígenas também caçam para comer e para vender. Eles estão desmatando e fazendo mais queimadas perto da nossa Terra Indígena. Isso tudo atrapalha as caças a se reproduzirem hoje em dia.

Hoje, estamos morando muito tempo no mesmo lugar, caçando só com a espingarda, que assusta e faz as caças fugirem. Caçar de noite não deixa a gente escolher bem a caça. Tem jovens que não sabem mais o tempo certo de matar cada caça, o tempo da reprodução e o tempo da gordura das caças. Por isso as caças se reproduzem menos e estão diminuindo nos dias de hoje.

O que eu descobri até agora com a minha pesquisa?

Eu já terminei de fazer minha pesquisa sobre os tipos de caça que se reproduzem no início do inverno. Eu entrevistei conhecedores de aldeias diferentes e descobri como as caças que vivem no chão se reproduzem. Cada tipo de caça se reproduz de um jeito diferente. Por isso, eu entrevistei cada conhecedor para explicar esse assunto para mim.

Piracema

Ana Waiāpi



Eu me chamo Ana Waiāpi, sou agente socioambiental, eu já concluí o Ensino Médio na aldeia Aramirã, na TIW.

Sou casada com Marere Wajāpi. Ele também já concluiu o Ensino Médio. Eu tenho 3 filhos, eles se chamam Lana, Dielio e Danilson. Eu nasci na aldeia Taitetuwa, no dia 21 de julho de 1980. Eu tenho duas aldeias, Pairakae e Aramirã. Os nomes dos meus pais são Kumare e Sīgau Waiāpi, tenho seis irmãos e três irmãs.

O meu tema de pesquisa é a reprodução de peixes, que chamamos de piracema. Hoje em dia, não existe mais a piracema, por isso eu escolhi esse tema. Eu entrevistei meu pai, ele explicou bem para mim do jeito que ele sabe. Quando eu fiz as perguntas, ele respondeu bem, ele falou que sabe sobre mudanças ambientais. Também eu entrevistei a minha mãe sobre esse tema e ela explicou do jeito que ela sabe. Depois eu entrevistei outros conhecedores também: o Suinã, o Seremete e o Kasiripina.

Objetivos

Eu quero aprender sobre a época da reprodução dos peixes, de acordo com os conhecimentos wajāpi. Eu quero descobrir por que os peixes se reproduzem em uma época certa e se estão se reproduzindo hoje em época diferente do passado. Quero também descobrir se ainda está acontecendo a piracema na Terra Indígena Wajāpi e se a piracema está acontecendo na época certa ou se está acontecendo de forma diferente do passado.

Hipótese

Eu acho que os peixes não estão fazendo mais piracema para se reproduzirem e os peixes estão se reproduzindo em época diferente.

Perguntas da pesquisa

1. Quais tipos de peixe fazem piracema no verão?
2. Quais tipos de peixe se reproduzem no inverno?
3. Mudou a época da piracema? Por que mudou?
4. Antigamente, a época da piracema era diferente de hoje?
5. Qual peixe aparece primeiro na época da piracema?

TEMPO DA PIRACEMA

Eu conversei primeiro com dois conhecedores sobre o meu tema, Kumare Waiãpi e Sīgau Waiãpi, que são meu pai e minha mãe.

Aprendi que no começo dos tempos o nosso dono fez a terra, caças, frutas, peixes, os tempos do verão e do inverno.

O nosso dono fez as épocas certas de cada ano e fez os marcadores de cada época, como a gordura das caças, época da piracema, época da cigarra etc.

O meu pai e a minha mãe contaram o que eles sabem sobre a piracema. Meu pai contou que, no ano de 2020, não teve piracema na aldeia Pairakae e, no ano de 2021, também não teve. A primeira vez que ele abriu aldeia para morar lá, teve piracema. No ano passado, os não indígenas trabalharam na cabeceira e sujaram o rio e ele acha que por causa disso não teve piracema. Meu pai contou que os não indígenas estão poluindo o ambiente e a poluição chega no rio, por isso os peixes não têm vontade de fazer piracema.

Ele contou que os peixes eram como a gente. Eles falavam na nossa língua. Quando *Janejarã* estava aqui, aí eles faziam festa, cada peixe fazia uma festa, cada um tinha a sua própria festa.

Ele contou que, hoje em dia, o tempo mudou, não tem mais piracema, por isso os peixes não se reproduzem como antes e diminuiu a quantidade de peixes. No passado, tinha muita piracema, os peixes se reproduziam muito no igapó e no igarapé.

Hoje em dia, a quantidade de peixe diminuiu, tem muito igarapé que não tem piracema. No passado, não era assim, todo ano tinha piracema na época certa, hoje em dia não se vê mais piracema.

Os não indígenas que mudaram o tempo, porque eles não respeitam os donos para derrubar as florestas, também não respeitam o dono da floresta. Por isso que está acontecendo a mudança climática.

A minha mãe também contou que a época da piracema é quando a pupunha começa a amarelar e agora, no ano de 2020, não teve mais piracema na aldeia Pairakae, até esse ano de 2022. No passado, quando a pupunha começava a amarelar, era a época da piracema. Mas alguns peixes se reproduzem nos rios das aldeias antigas, como o aracu pequeno (*waraku viri*).

Através da minha pesquisa, eu comecei a aprender sobre a piracema. Os conhecedores me contaram que, hoje em dia, mudou a época da piracema e a reprodução dos peixes, principalmente, nas aldeias mais antigas. Os peixes não estão se reproduzindo como no passado, pois muita gente está morando por muito tempo nas mesmas aldeias. Comparei as aldeias mais antigas com as aldeias que estão nos limites da Terra Indígena e vi que nas regiões das ocupações antigas, os peixes estão diminuindo e, por isso, eles não estão se reproduzindo bem. Nas aldeias de ocupação mais recente, muitos peixes se reproduzem bem, como surubim, aracu, traíra, pacu, piranha e outros.

Os peixes se reproduzem nas regiões dos limites porque há muitas frutas e fartura de alimentos para eles. De acordo com os conhecimentos wajãpi, a piracema não está acontecendo nos lugares onde mora muita gente, por muito tempo, nas mesmas aldeias. A população maior ajuda a diminuir a quantidade de peixes. Na época do verão, as pessoas usam muito timbó para matar peixes e até os peixinhos bem pequenos acabam morrendo por causa disso. Por isso a piracema não está mais acontecendo.

Antigamente, não tinha muito vento forte, que derruba muitas árvores. Na época do verão não chovia e no inverno não tinha vento forte. Hoje em dia, está chovendo no verão e fazendo vento forte no inverno e isso está mudando o comportamento dos marcadores.

O que eu descobri até agora com a minha pesquisa?

Eu aprendi com os conhecedores sobre a piracema, como e quando os peixes fazem piracema, e o jeito que cada grupo de peixes faz piracema.

Na minha pesquisa, eu vi que nas aldeias centrais não tem piracema porque muitas pessoas estão morando nessas regiões e pescando muitos peixes. Hoje em dia, as pessoas estão usando muito veneno de pesca (timbó) e usando materiais de pesca (tipos de anzóis novos e malhadeiras) que matam muitos peixes. Como são poucos peixes, as pessoas estão pescando também à noite, o que diminui ainda mais a população de peixes. Antes, a gente morava mais na cabeceira dos igarapés; hoje, nós moramos nas beiras dos rios maiores e usamos motor de popa, o que deixa os peixes mais medrosos, isso está diminuindo também a piracema.

Canto do *tawatō miti*

Kupenā Waiāpi



Meu nome é Kupena Waiāpi, moro na aldeia Samambaia, sou casado e tenho sete filhos. Tenho 35 anos e eu tenho uma nova aldeia que se chama Aimã. Terminei o Ensino Médio e já tenho certificado como técnico em meio ambiente.

Introdução

Nós, Wajāpi, estamos fazendo uma pesquisa sobre os marcadores do tempo do verão e do inverno. Eu estudo o tempo do verão e o marcador que eu estou pesquisando é o gavião *tawatō miti*. Eu entrevistei Siro, Sekĩ, Marãte, Waiwai e Seremete sobre essa ave.

O *tawatō miti* é um tipo de gavião e o seu canto avisa a chegada do verão. Ele começa a cantar antes da cigarra, antes do final do inverno, quando a chuva começa a terminar. Ele é o primeiro avisador de que o verão vai chegar. Ele canta somente no início do verão e depois ele para de cantar.

Objetivos

Eu fiquei interessado em saber mais sobre como era o verão no passado, se o verão está ficando longo ou mais curto e se ele está mudando em comparação a como ele era no passado. Também quero descobrir se o canto do gavião *tawatō miti*, que avisa a chegada do verão, está mudando.

Hipótese

De acordo com nosso conhecimento, eu acho que hoje em dia o verão está mudando. O verão não está mais longo e está chovendo no meio da estação – isso não acontecia antes. Eu acho também que o *tawatō miti* está mudando o jeito de avisar a chegada do verão. Hoje em dia, as pessoas não estão ouvindo o canto desse pássaro.

Perguntas da pesquisa

1. Em qual tempo o *tawatō miti* começa a cantar?
2. Ele canta também no inverno?
3. Na floresta, ele canta também?
4. Ele canta só para avisar o início do verão? Ou também avisa alguma outra coisa?
5. Em qual época ele começa a ter filhote?

MARCADORES DO VERÃO E CANTO DO TAWATŌ MITI

Eu entrevistei os conhecedores sobre os marcadores do verão e sobre o canto do *tawatō miti*. Conversei com o chefe Siro Waiāpi. Conversei com ele sobre as cigarras que cantam e marcam a chegada do tempo do verão. Durante a entrevista, ele contou todos os tipos de seres que cantam durante o verão, eu não sabia os nomes de todos. Cada cigarra ou "dono do verão" (*kwaray jarā*) tem suas regras e um jeito de cantar. Uma delas canta durante o começo do verão e ela se chama *wasei maraka*. Tem uma que avisa que chegou o meio do verão e essa se chama *tōritōri*, e tem outro tipo de cigarra que avisa o fim do verão, chamada *riō riō*. Se as cigarras não cantarem durante o verão e avisarem que o tempo está mudando, não vamos saber o tempo certo de plantar as roças. Nós, Wajāpi, vamos sofrer a falta de nossa mandioca, e de outros alimentos.

Tem também o pássaro chamado *tarutaru*, que avisa que o verão vai chegar. Esse pássaro é muito importante para o verão, ele canta no alto do céu, sempre durante a madrugada, depois ele desce para cantar na árvore. Nós sempre o escutamos durante a madrugada nessa época. Se ele não cantar, vamos saber que o tempo está mudando totalmente.

Também tem a estrela *eju* que marca o verão. Essa estrela fica no céu, como se fosse uma flauta pequena. O *eju* sempre toca durante o verão, isso é muito importante para nosso conhecimento, sempre olhamos o céu e, se ele aparece, sabemos que vai chegar o verão. Se ele não aparecer, vamos ficar muito preocupados, vamos saber que o verão não vai chegar e não vai dar para abrir a roça. O verão é muito importante para abriremos nossas roças e andarmos pela floresta.

Eu entrevistei os conhecedores sobre o *tawatō miti*. Ele é muito diferente dos outros pássaros. Ele sempre canta durante o começo do verão. Ele canta pela manhã e à tarde; ele é pequeno e não canta durante o inverno, somente no início no verão. Ele começa a botar ovo durante o verão, ele caça para comer e sustentar seus filhotes também. Ele caça os pássaros, como o filhote de nambu. Antigamente, o gaviãozinho era como a gente, ele caçava com a flecha dele, por isso, hoje em dia, ele caça com a ponta do dedo dele. Durante a entrevista com os conhecedores, eles me contaram sobre o clima, eles falaram que, hoje em dia, o tempo está mudando, mas o *tawatō miti* está cantando sempre no início do verão, ele não mudou o jeito dele.

Conclusão

Eu aprendi que é muito importante cuidar e preservar o ambiente sempre, já sabemos que quando não cuidamos do ambiente isso vai trazer grandes problemas para a mudança do tempo e para nós, a terra vai estragar. Pelo nosso conhecimento, estamos muito preocupados, por isso sempre acompanhamos com atenção o começo do verão e o fim do verão. O ar está sendo poluído pelos não indígenas. No passado, o tempo estava normal e essas mudanças nas estações que acontecem hoje não aconteciam.

Assovio do *tōtiākāsere*

Akitu Waiāpi



Eu me chamo Akitu Waiāpi, eu sou agente socioambiental (ASA) na Terra Indígena Wajāpi. Também trabalho na organização Apina - Conselho das Aldeias Wajāpi. Além disso, sou conselheiro do Mosaico da Amazônia Oriental. Eu nasci na aldeia Aramirã, em 24 de setembro de 1993. Eu sou casado com a Sykyry Waiāpi. Eu tenho 5 filhos com ela. Os nomes dos meus filhos são: Suelika Waiāpi, Makejo Waiāpi, Max Nakã, Digõ Waiāpi e Gustavo Waiāpi.

Desde o início dos tempos, nossos antepassados têm marcadores de tempo que avisam o início do verão, isso existe até hoje. Existem vários tipos de marcadores do verão. Um deles é o *tōtiākāsere*, que passa de ano em ano, avisando que está chegando o começo do tempo do verão. Para nós, Wajāpi, é muito importante valorizar esse nosso conhecimento e repassar para as novas gerações; o *tōtiākāsere* é muito importante.

Eu descobri várias coisas na minha pesquisa, como, por exemplo, onde *tōtiākāsere* dorme e o que ele come. Eu fiz essa pesquisa para descobrir como que o *tōtiākāsere* é um marcador verão. Entrevistei Waivĩgatu, Ororiwa e Marãte.

Objetivos

Eu quero descobrir e investigar, de acordo com o conhecimento dos Wajãpi, o *tōtiākāsere*. Se o *tōtiākāsere* morre e se o xerimbabo do *tōti* bota ovo também.

Hipótese

Eu acho que o xerimbabo do *tōtiākāsere* não bota ovo, por isso, às vezes, ele não passa para avisar os Wajãpi que o verão está chegando.

Perguntas da pesquisa

1. Quais são as características do *tōti*?
2. Onde o *tōti* mora?
3. Como e qual *tamō* (antepassado) descobriu a casa dele?
4. Como *tōti* mata os peixes?
5. O xerimbabo dele bota ovo?
6. O *tōti* morre também?
7. O *tōti* se reproduz?
8. O que o xerimbabo dele come?

O CANTO DO TÕTIÃKĀSERE

Antigamente, nossos antepassados já sabiam que ia começar o verão porque existiam vários avisadores para indicar isso para eles. Um desses avisadores é chamado *tōtiākāsere*. Ele é um pássaro, só que ele tem seu dono (*ijarā*) e o nome do seu dono é *tōti*. *Tōti* é como um fantasma, um ser invisível.

Ele passa pelas aldeias wajãpi só de noite, não passa de dia; então ele passa debaixo da casa e assovia para avisar do início do verão. A gente não vê quando ele passa, porque ele é invisível, a gente só escuta o seu assovio. Quando o *tōtiākāsere* assovia, é sinal de que o verão está chegando. O xerimbabo do *tōti* assovia assim: *tōti!! tōti!! ākāsere!!* Então ele fica assoviando e desce para baixo do rio. Quando vai ter verão forte, ele assovia só de uma vez, descendo para baixo do rio. Quando vai ter verão curto, ele fica assoviando várias vezes e subindo para cima do rio. Então, até nos dias de hoje, a gente sabe que o verão vai começar pelo canto do *tōtiākāsere*. O pássaro *tōtiākāsere* tem um rabo comprido, branco e amarelo, e o *tōti*, seu dono, é baixinho, careca e com braços compridos. Ele fica com seu xerimbabo em cima da sua cabeça. O xerimbabo, *tōtiākāsere*, é quem fica assoviando quando seu dono passa à noite.

HISTÓRIAS DOS ANTIGOS SOBRE O TÕTIÃKĀSERE

O *tōtiākāsere* mora junto com seu dono. Eles gostam de morar no mato fechado (*ka'apeevusu*). Eles também gostam de ficar onde tem buraco de pedra grande.

Antigamente, nossos antepassados viram a casa dele. Hoje em dia, a gente não vê mais. Ele não fica em qualquer lugar, fica somente no mato fechado, onde é um pouco escuro. O *tōtiākāsere* come peixe junto com seu dono. Antigamente ele fazia isso e até hoje em dia ele faz.

No passado, o *tōti* aproveitou o verão para ir moquear alguns peixes, como traírao, pacu, aracu, piranhas, surubim e jacaré. Durante o verão é muito fácil de pegar peixes com flecha, porque o

rio fica muito baixo. Quando ele terminou de moquear, ele voltou para sua casa.

Ele também foi muito longe para procurar os rios maiores, porque nesses rios tem muito peixe. Então, o *tōti* falou:

– Hoje eu vou moquear muito peixe porque vai ter verão forte.

Então ele foi comendo peixe pelo caminho e aproveitou para moquear muitos peixes para levar para sua casa. Ele sabia que teria verão só no outro ano, quando ele chegasse na sua casa. Ele comeu o peixe devagar, até chegar o verão do outro ano.

O *tōtiākāsere* fazia isso antigamente e faz até hoje em dia.

Às vezes, o xerimbabo voa em cima da cabeça do seu dono e ele se perde, seu dono fica preocupado e vai procurar o seu xerimbabo. Depois ele acha e o coloca de novo na sua cabeça e leva ele de volta para casa. Depois disso, o xerimbabo não assovia mais de dia.

O xerimbabo do *tōti* bota ovo uma vez durante o ano, e ele gosta de botar ovo no mato fechado. Quando ele bota ovo, ele não fica com seu dono; quando ele termina de chocar seu filhote, o dono dele vem pegá-lo. O *tōti* não fica velho nem morre. O *tōti* come junto com seu xerimbabo. Quando o dono deixa seu xerimbabo, ele come gafanhoto.

As pessoas normais não conseguem ver e nem se comunicar com o *tōti*, pois ele é invisível. Somente quem tem pajé pode ver e conversar com ele. A pessoa que não tem pajé só consegue ver seu xerimbabo.

Quando o *tōti* desce o rio, os nossos antepassados sabiam e a gente, hoje em dia, sabe que vai ter verão. Então, a gente já se prepara para derrubar a roça. Quando *tōtiākāsere* assoviava só uma vez, os nossos antepassados já sabiam que ia ter verão forte e então faziam roças grandes; quando assoviava várias vezes, eles faziam a roça pequena, porque o verão não seria forte.

O SINAL DE VERÃO DO *TŌTIĀKĀSERE* ESTÁ MUDANDO?

Hoje em dia, está muito difícil para nós sabermos se vai ter verão forte ou se vai ter verão curto. O mundo que está mudando, é por isso. Porque nós estamos comparando com o passado. De antigamente para hoje, o *tōtiākāsere* quase não passa para avisar o início do verão para a gente; também alguns marcadores de verão não estão cantando para avisar que o verão está chegando. Eu acho que o tempo que está mudando, porque antigamente o *tōtiākāsere* sinalizava certo o verão e, hoje em dia, os sinais estão mudando de um ano para outro. Aí fica difícil para nós sabermos se vai ter verão e se vai ser curto ou longo, forte ou fraco.

TŌTIĀKĀSERE E OS OUTROS SINAIS DE QUE O VERÃO ESTÁ CHEGANDO

O *tōtiākāsere* só avisa para os Wajãpi, não avisa para outros animais ou plantas.

Existem vários tipos de avisadores do início do verão, como borboleta, cigarra, *riō-riō*, preguiça. Quando vai chegar o verão, eles cantam; ao mesmo tempo que *tōtiākāsere* sinaliza o verão. Esses são os marcadores de início verão.

Conclusão

Eu já terminei de fazer a minha pesquisa sobre *tōtiākāsere* que marca o tempo de início do verão. Eu também descobri algumas histórias de origem do *tōtiākāsere*.

Eu descobri, dentro da minha pesquisa, onde *tōtiākāsere* dorme, que o xerimbabo dele bota ovo, que o dono dele não morre. Isso eu descobri com a minha pesquisa.

É muito importante nós, como agentes socioambientais, fazermos pesquisas com os conhecedores – um dia eles não vão estar aqui na terra para contar as histórias para a gente.

Canto da preguiça

Tuwai Waiāpi



Eu sou Tuwai Waiāpi, sou agente socioambiental (ASA) da aldeia Ytuwasu. Eu comecei o curso de formação de ASA no ano de 2015. Os chefes que me escolheram para eu entrar no curso de formação. Eu concluí o Ensino Médio e me formei técnico em meio ambiente. Eu nasci na aldeia Pypyiny, em maio de 1993. Eu sou casado e o nome da minha esposa é Pororipa Waiāpi, eu tenho 6 filhos.

Eu escolhi fazer minha pesquisa sobre o canto da preguiça. Para mim é muito importante fazer essa pesquisa porque eu não sabia que as preguiças também marcam o início do verão. Por isso foi muito importante eu entrevistar os conhecedores para eles explicarem sobre o canto da preguiça para mim.

Os jovens, hoje em dia, não sabem nossos conhecimentos sobre como funcionam os sinais e marcadores do início do verão. A minha pesquisa também é importante para os jovens estudarem sobre isso. Eu conversei com quatro conhecedores sobre o canto da preguiça: Kapera, Jeremanã, Ajãreaty e Marãte.

Objetivo

Eu quero descobrir em que época do ano a preguiça canta e se o canto da preguiça está avisando sobre o início do verão igual antigamente.

Hipótese

Eu acho que o canto da preguiça não está avisando bem a chegada do verão, pois está chovendo muito nesse tempo e antes não chovia. Eu acho que isso está atrapalhando o canto da preguiça.

Perguntas da pesquisa

1. Em que tempo do ano a preguiça canta?
2. Ela canta todos os dias?
3. Ela canta também no inverno?

O CANTO DA PREGUIÇA AVISA QUE O VERÃO VAI CHEGAR

Primeiro, eu entrevistei o conhecedor Kapera, ele explicou sobre o canto da preguiça. Ele falou que a preguiça marca o início do verão – quando o verão está chegando, a preguiça começa a cantar. O conhecedor Kapera me contou que a preguiça não canta no meio do verão, só canta no início do verão; e ela não canta de qualquer jeito, em qualquer hora - ela canta bem cedo e à noite.

A preguiça não canta no inverno, ela sempre canta no verão. Pelo nosso conhecimento, a preguiça não pode cantar no inverno porque, quando ela canta no inverno, é sinal de que vai acontecer coisa ruim com as pessoas, como crianças e idosos. Chamamos isso de *morawanã*. Quando a preguiça canta no inverno, é *morawanã*. Ela avisa para a pessoa que ela vai ficar doente depois.

Depois eu entrevistei Jeremanã Waiãpi, e ela explicou para mim sobre o canto da preguiça. Ela falou que os nossos antepassados chamavam a preguiça de *eju*. Ela contou que existe também uma estrela com esse nome, que está prendendo o céu no seu lugar. Primeiro a preguiça canta para pedir para a estrela *eju* para trocar o rosto dela, por isso que a preguiça sempre canta no início do verão, para avisar a *eju* que o verão está chegando. Assim que os nossos antepassados sabiam que o verão já estava chegando.

Ela falou também que outros animais, como o macaco de cara branca *ka'i tovasi*, falaram para a preguiça: “- Você está muito velha, agora sua cara está muito velha.” Então a preguiça respondeu: “- Mas o verão está chegando, eu canto para avisar *eju* que o verão já chegou. Por isso, eu vou pedir para *eju* limpar meu rosto, para eu ficar com o rosto bonito.” Então *eju* deixou o rosto da preguiça bem bonito e o macaco de cara branca ficou com o rosto envelhecido no seu lugar.

A conhecedora Jeremanã também falou que a preguiça não pode cantar muito, senão é sinal de *morawanã* (azar). A preguiça pode cantar só duas vezes por dia, uma de manhã e outra de noite.

Eu aprendi que além do nome *a'ykae*, a preguiça tem um apelido, que é *Jõapirimorã*.

Esse apelido foi colocado no tempo do nosso dono *Janejarã*. Quando os animais eram como gente, foram convidados para participar de uma festa junto com outros animais e, nessa festa, eles se pintaram de diferentes cores, com o cocô da cobra grande. O macaco-mão-de-ouro foi avisar a preguiça para se pintar com o cocô de cobra grande. A preguiça não quis se pintar, por isso, hoje em dia, o pelo dela não tem nenhuma cor, é cinza.

A preguiça não foi participar das pinturas porque ela estava de resguardo, por isso que ela não foi. Aí ela pediu para os outros animais avisarem o dono da pintura. Por isso que colocaram o nome dela de *Jõapirimorã*, porque ela foi o único animal que não foi na festa. Depois ela caiu no fogo e queimou as costas, por isso hoje em dia ela tem essa marca do fogo que ficou no costas dela.

A preguiça não vive em qualquer lugar da floresta, como as montanhas. Ela gosta de ficar nas árvores bem baixas, ela gosta de comer folha de embaúba e a época em que ela se reproduz é no inverno.

Além da preguiça *a'ykae*, tem também a preguiça real, que a gente chama *a'y wasu*. A preguiça real é um pouco grande se comparada com a *a'ykae*. A preguiça real também anda muito rápido, e a preguiça *a'ykae* anda bem devagar – elas são bem diferentes uma da outra.

O que eu descobri até agora com a minha pesquisa?

Como ASA, eu aprendi muito com o que os conhecedores contaram. Eles explicaram bem para mim que a preguiça canta só para avisar que o verão está chegando. Eu pensava que a preguiça não marcava o tempo do verão, por isso foi muito importante a minha pesquisa. Os jovens devem aprender esses conhecimentos, minha pesquisa pode servir para eles aprenderem sobre o canto da preguiça. Eu descobri com a minha pesquisa que, hoje em dia, o canto da preguiça está mudando. Ela não canta no começo do verão, porque nós matamos muitas preguiças e, por isso, também ela não está se reproduzindo muito.

Cantos das cigarras

Jakyri Waiãpi



Eu me chamo Jakyri Waiãpi, moro na aldeia Taperyva e moro também na aldeia Mõgywry. Eu sou casado, sou técnico do meio ambiente, formado no curso de formação de Agentes Socioambientais (ASA) realizado pelo Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena. Já concluí o Ensino Médio completo no SOMEI, na Escola Indígena Estadual Aramirã, na Terra Indígena Wajãpi.

No ano de 2015, eu comecei a participar do curso de formação de ASA realizado pelo Iepé. No curso de formação de ASA, eu estudei sobre vários assuntos, como legislação ambiental, produção e sustentabilidade, instrumentos de monitoramento e gestão territorial etc.

Durante a oficina de pesquisa dos ASA, escolhi como tema da pesquisa a época de canto das cigarras. Eu escolhi esse tema porque estou interessado em aprender e investigar por que as cigarras não cantam mais no verão e qual o motivo de elas não cantarem como no passado.

Eu quero descobrir mais coisas sobre a época de canto das cigarras, de acordo com os conhecimentos dos mais velhos, porque eles também sabem explicar sobre as transformações ambientais.

Eu entrevistei somente dois conhecedores, o Ororiwa e o Tapajonã. Eles me contaram que hoje em dia as cigarras não cantam direito, porque a chuva atrapalhou muito a época de canto das cigarras. Esses conhecedores estão muito preocupados com a transformação dos tempos, porque no verão as áreas onde fazemos nossas roças não queimaram bem e por isso quase não tem mandioca.

Eu não entrevistei todos os conhecedores sobre a minha pesquisa, porque eu não pude andar pelas aldeias entrevistando os mais velhos, devido à disseminação e ao agravamento da pandemia de COVID 19.

Objetivo

Eu quero aprender sobre a época de canto das cigarras com os conhecedores Wajãpi nas aldeias.

Hipótese

Eu acho que as cigarras não cantam direito na época do verão, porque mudou a época delas, por isso eu tenho que entender sobre o canto das cigarras, conforme os conhecimentos dos Wajãpi.

Perguntas de pesquisa

1. Qual a época do canto da cigarra?
2. A cigarra está cantando bem na época que ela costumava cantar?
3. Por que a cigarra não está cantando bem nos últimos anos?
4. Antigamente, a cigarra cantava na época certa todos os anos?
5. Em qual época a cigarra para de cantar?

ÉPOCA DO CANTO DAS CIGARRAS

Hoje em dia, mudou a época do canto das cigarras, porque a chuva atrapalhou muito, poucas cigarras cantam no verão. Os conhecedores Ororiwa e Tapajonã falaram que antigamente não era assim, as cigarras cantavam bem no verão, não chovia também no meio do verão.

No início de verão, vários tipos de "donos do verão" (*kwaray jarã*) começam a cantar: *syry*, *namu reakasa* e *tõrĩ tõrĩ*. O *syry* é um tipo de cigarra que avisa que o verão está chegando, o *syry* canta para baixar os rios. Mas ele não está cantando mais no verão, o que deixou a gente preocupada, principalmente os mais velhos. Eles me contaram que no ano retrasado (2020) não deu certo a época do verão, porque virou a época de inverno no meio do verão, e isso afetou a queimada e o plantio das roças.

Pelos conhecimentos dos Wajãpi, há explicação sobre a mudança da época do verão. No começo dos tempos, o nosso dono *Janejarã* falava para os nossos ancestrais: "o mundo pode acabar no futuro, vocês perceberão a transformação dos tempos, as roças não queimarão e as cigarras não cantarão".

Conclusão

No dia 26 de março de 2021, eu terminei de fazer a minha pesquisa sobre a época do canto das cigarras, eu aprendi muitas coisas com os conhecedores. Eu vou continuar aprofundando sobre esse conhecimento, e eu vou continuar entrevistando outros conhecedores, em outras regiões.

Canto da cigarra anuncia o verão

Kapu Waiãpi

EJU SIMI'A



SÔMEI



RIORI

Meu nome é Kapu Waiãpi, eu moro na Aldeia Karapijuty. Além disso, eu moro também na Aldeia Watapyi, no limite da TIW, onde fica a boca do Rio Aimã. Eu sou agente socioambiental e sou sócio da Associação Wajãpi Terra, Ambiente e Cultura - AWATAC. Eu sou casado com Nareni, tenho dois filhos com ela, um menino e uma menina. O nome do meu filho é Wyrau e o nome da minha filha é Natailana.

Eu escolhi como tema da minha pesquisa o canto da cigarra. Durante o curso, na aldeia Aramirã, onde tem o Centro de Formação e Documentação Wajãpi, eu entrevistei dois conhecedores: Siro e Pajari. Eles contaram muitas coisas importantes e eu gravei a fala deles, depois eu transcrevi no meu caderno.

Eu fiz essa minha pesquisa para saber quais tipos de "donos do verão" (*kwaray jarã*) existem e porque as cigarras estão cantando no verão. Eu também fiz essa minha pesquisa para não perder o nosso conhecimento, para os jovens lerem e para quem quiser aprender sobre o canto das cigarras.

Objetivos

Meu objetivo é aprender por que as cigarras estão cantando no início do verão. Eu já descobri muitas coisas sobre esse tema, e agora eu sei explicar para as crianças e para quem ainda não sabe. Eu também queria organizar bem os conhecimentos dos sábios wajāpi, isso é meu objetivo.

Hipótese

A minha hipótese é que, hoje em dia, o tempo está mudando cada vez mais, porque a terra é antiga, já está velha. O tempo está mudando também por causa da população dos não indígenas, porque eles acabam rápido com as florestas. Isso atrapalha os cantos das cigarras. As cidades estão aumentando cada vez mais e as florestas diminuindo; por causa disso, o início do verão está mudando. Essa é a minha hipótese.

Perguntas da pesquisa

1. Quais os nomes dos tipos de "donos do verão" (*kwaray jarã*), quantos tipos existem?
2. Qual cigarra que canta primeiro no início do verão?
3. Como são os cantos dos *kwaray jarã*?
4. Como surgiu a cigarra?
5. Como o verão está hoje em dia? É igual antigamente?
6. Por que está chovendo no verão?
7. Por que está chovendo no verão hoje em dia?

Lista de nomes dos *kwaray jarã* que eu levantei

Somei

Torĩ torĩ

Wasei maraka

Riori

Jakãsi'i

Eju jimí'a

Sainã

Poko poko

FALAS DOS CONHECEDORES

Siro

Antigamente, as cigarras cantavam no mês de julho. Depois, quando terminávamos de queimar as roças, a cigarra parava de cantar, pois as chuvas estavam chegando.

As cigarras antigamente eram gente, elas faziam suas roças, como nós, Wajāpi, fazemos hoje. Elas também bebiam caxiri de cará no meio do verão. Todas as cigarras se reuniam para tomar caxiri de cará e, por isso, elas cantavam no tempo do verão e até hoje elas cantam nesse mesmo tempo.

Hoje em dia, a chuva atrapalha o canto das cigarras, porque quando a chuva cai demais no tempo do verão as cigarras param de cantar.

Antigamente, os mais velhos também percebiam que o verão ia chegar com o florescimento de algumas árvores, porque durante o verão algumas árvores dão flores. Por isso, quando essa época chegava, as abelhas também davam mel.

Hoje em dia o clima está mudando, pois a terra está mais velha. Ele está mudando também porque os brancos estão destruindo o meio ambiente.

Pajari

No início do verão, os vários tipos de *kwaray jarã* cantam. Primeiro, cantam os *wasei maraka*, depois, quando eles terminam de cantar, o *torĩ torĩ* começa a cantar no lugar deles. Depois o *sõmei* canta junto com ele, depois o *jakãsi'i* derruba a mata para fazer a roça dele no meio do verão. Pajari disse que, antigamente, as cigarras eram gente, elas que amolavam os terçados para brocar as roças.

Também as estrelas marcam a época do verão. Quando a estrela *akãgwerã* aparece, aí podemos queimar a mata nos lugares onde vamos fazer nossas roças.

No ano de 2020, os lugares das roças quase não queimaram bem por causa da chuva, por isso algumas pessoas não conseguiram fazer a queimada, a chuva fora do tempo atrapalhou.

O clima está mudando hoje em dia, e Pajari não sabe por quê. Antigamente não acontecia assim. Ele disse que, quando ele era jovem, não era assim.

Explicação geral

No início do verão, primeiro canta *wasei maraka*, que é um tipo cigarra ou "dono do verão" (*kwaray jarã*). Ela canta até no meio do verão. Quando ela para de cantar, tem outra que vai cantar no seu lugar, que nós chamamos *eju jimi'a*, que é outro tipo de cigarra.

Depois, outros *kwaray jarã* irão cantar, que são a *torĩ torĩ* e *sainã*, elas cantam juntas.

No início do verão, as cigarras sempre se preparam para cantar, porque elas vão tomar caxiri de cará para cantar no meio do verão, por isso elas cantam com outros tipos de cigarra.

Antigamente, as cigarras eram gente, por isso elas cantam, para beber caxiri de cará até o fim do verão. Elas vão pescar onde tem rio grande, como oceano. Elas vão trazer moqueado de peixe para suas famílias.

As gorduras de caça, as flores, as abelhas avisam também o tempo de verão. O caju avisa o verão, porque o caju dá fruta sempre no verão. Isso marca o tempo também.

O que eu descobri até agora com a minha pesquisa?

Eu já terminei a minha pesquisa sobre o canto das cigarras, eu descobri muitas coisas através da minha pesquisa, eu aprendi sobre a época do canto de cada cigarra. Eu aprendi muitas coisas que eu não sabia.

Cigarras avisam sobre o tempo do verão

Masakão Waiãpi



Meu nome é Masakão Waiãpi. Eu moro na Aldeia Karapijuty, além disso, eu moro também na aldeia Watapyi. Eu tenho 28 anos de idade e sou casado com a Rosali Wajãpi. Eu tenho uma filha, ela se chama Ixana Waiãpi. Os nomes dos meus pais são Paranawari e Patuku Waiãpi. Eu tenho seis irmãos e três irmãs e eu sou técnico de meio ambiente. Os chefes também me escolheram para ser representante dos Wajãpi no Conselho da RDS do Rio Iratapuru.

Quando tive a oficina de pesquisa para os agentes socioambientais (ASA), eu escolhi como tema da minha pesquisa o surgimento e o canto das cigarras, que na língua wajãpi falamos "*kwaray jarã rewarã*".

Eu entrevistei os conhecedores na aldeia Mukuru: Piriri e Seremete, Jawapini e Sirarã. Eles me contaram muita coisa sobre as cigarras. Contaram as histórias de origem das cigarras, quais alimentos que a cigarra come, quais são os primeiros avisos do início do verão, como *tōtiākāsere*, *jakāsí'i*, *peyryry*, *ka'a parapapa*, *maruka*. Com esses avisos, nós sabemos que o verão está chegando.

Antigamente, as cigarras *torĩtorĩ* e *yirã*, que eu pesquisei mais do que os outros tipos, cantavam no tempo certo, avisando a chegada do verão. Isso eu aprendi com os conhecedores Piriri, Seremete, Jawapini, Sirarã. Eu não sabia as histórias do surgimento das cigarras.

Objetivo da pesquisa

Eu quero aprender e investigar o surgimento da cigarra e qual tipo de cigarra marca o início do verão e se elas estão cantando no tempo certo hoje em dia, de acordo com o conhecimento dos Wajãpi.

Hipótese

Eu acho que as cigarras não cantam bem no início do verão porque hoje em dia está chovendo muito no verão, e isso atrapalha muito o canto das cigarras.

Perguntas de pesquisa

1. Como surgiu a cigarra?
2. O canto da cigarra mudou?
3. Quais cigarras cantam no período de verão?
4. Cigarra canta de qualquer jeito?

OS CONHECEDORES CONTARAM HISTÓRIAS DO SURGIMENTO DAS CIGARRAS

Eles disseram que, antigamente, nossos avós viviam quando a terra era nova. Nesse tempo, não tinha *torĩ torĩ* e *yirã*, como conhecemos hoje em dia. Eles eram seres humanos, caçavam com flecha própria, faziam arcos para sua caçada.

Os conhecedores contaram que antigamente as cigarras, como *torĩ torĩ* e *yirã*, cantavam bem no início do verão e, hoje em dia, eles não cantam no início do verão porque as chuvas atrapalham o canto delas.

Às vezes, *torĩ torĩ* e *yirã* não cantam por causa de dias chuvosos – isso tem acontecido muito no tempo de verão. Por isso, as áreas onde fazemos nossas roças não estão queimando direito.

Eu levantei sete tipos de cigarra:

1. *Namu'a reakasa* – quando o verão começa, ela é a primeira a cantar;
2. *Ejújimi'a* – essa é a segunda a cantar;
3. *Kwasasa* – quando o verão já está no meio, essa cigarra canta;
4. *Saina* – canta junto com a *kwasasa*
5. *Riuri* – canta junto com *ejújimi'a*, *kwasasa* e *saina*
6. *Torĩ torĩ* -- depois, *torĩ torĩ* canta
7. *Yirã* – é a última que canta.

TORĨ TORĨ

Torĩ torĩ gosta de viver na árvore *tasiypy*, lá ela faz sua casa. Ela come sujeira e sereno (*amana rykwerã*) de árvores. Ela canta no início do verão.

ORIGEM DA CIGARRA TORĨ TORĨ

Antigamente, nosso antepassado (*taivigwerã*) estava fazendo um arco e sentiu muita sede durante o trabalho. Ele disse para sua filha:

– Minha filha, vai pegar água, eu estou com muita sede.

A filha dele não acreditou nele.

– Vai pegar água, filha.

– Vai você, eu não vou. A filha falou.

Depois disso, sua filha foi pegar água. Ela disse:

– Vai tomar água pai?

Ele se transformou e saiu voando como *torĩ torĩ*. Ele cantou assim: *turituri! turituri! riiii*.

YIRÃ

Yirã canta no início do verão e alguns tipos de cigarra e outros seres marcam também o início do verão, como *tōtiākāsere*, *jakāsi'i*, *tawatō miti*, *kurijã*. As árvores também marcam o início do verão, como *maruka*, *ka'a parapapa*, *peyryrya*. Esses marcadores indicam que o verão já chegou.

ORIGEM DA CIGARRA YIRÃ

Antigamente, nosso *taivigwerã* fabricou um arco, ele trabalhou e estava com sede. Ele disse para sua filha:

– Minha filha, vai pegar água, eu estou com muita sede.

A filha dele não acreditou nele.

– Vai pegar água, filha.

– Vai você, eu não vou. A filha falou.

Depois disso, sua filha foi pegar água. Ela disse:

– Vai tomar água pai?

Ele saiu voando e cantando assim *yiriririiii!*

Ele deixou o arco.

Conclusão

Eu já terminei de fazer minha pesquisa sobre transformações no canto das cigarras, eu descobri como surgiram *torĩ torĩ* e *yirã* e como eles gostam de viver.

Eu cheguei à conclusão de que o canto da cigarra está muito curto porque hoje em dia tem fábrica e destruição da floresta, por isso dono da cigarra está muito bravo e a chuva não a deixa cantar do mesmo jeito que cantava antigamente.

Eu não entrevistei outros conhecedores de outras regiões porque o coronavírus atacou a gente, por isso foi muito difícil ir para outra aldeia, mas eu vou aprofundar mais a minha pesquisa.

Aparecimento das borboletas avisa a chegada do verão

Motã Waiãpi e Tini Waiãpi



Meu nome é Motã Waiãpi, o nome da minha aldeia é Maita. Atualmente, tenho uma aldeia nova que se chama Castanhal, lá tem muita castanha, por isso ela tem esse nome. Antes, eu morei e cresci na aldeia Taitetuwa. Minha família se mudou para a aldeia Ytuwasu. Depois, o meu avô fundou uma nova aldeia, no ano 2002, que se chama Cinco Minutos.

O nome do meu pai é Kaitonã Waiãpi, ele tinha duas esposas, uma delas é minha mãe, Marikau Waiãpi, e a outra é a Kajamy Waiãpi. O nome do pai dele, meu avô, era Mikutu Waiãpi, e o nome da minha avó era Tajã Waiãpi. Mas eles já se foram. O meu avô tinha também duas esposas; hoje, a outra minha avó está viva e se chama Tapiura Waiãpi.

O nome da mãe da minha mãe é Kanyra Waiãpi e do pai dela é Matia Waiãpi. Ele que fundou a aldeia Cinco Minutos.

Eu comecei a estudar no SOMEI no ano de 2010, e depois entrei na Formação dos Agentes Socioambientais Wajãpi, no ano de 2015. Sou membro do Conselho Local de Saúde Wajãpi e sou também sócio da Associação Wajãpi Terra, Ambiente e Cultura - AWATAC. Atualmente, trabalho na Prefeitura do Município de Pedra Branca do Amapari, na Coordenadoria de Políticas Públicas para o Povo Indígena Wajãpi.

Tenho cinco filhos e uma filha, o nome da minha mulher é Tini Wajãpi. Tenho onze irmãos e as minhas irmãs são sete.

Meu nome é Tini Wajãpi, sou agente socioambiental wajãpi, sou casada com Motã, tenho dois filhos, estou morando na aldeia do meu marido, que é a aldeia Castanhal. O nome do meu pai é Wynamea Waiãpi e da minha mãe Taresa Waiãpi.

Objetivo

Nós queremos aprender e aprofundar nosso conhecimento sobre as histórias das borboletas com os mais velhos, que conhecem as histórias sobre as borboletas que marcam o tempo de verão. Nessa pesquisa, entrevistamos os conhecedores Matia, Kanyra, Matã e Jurara.

Hipótese

Nós achamos que tem época certa para as borboletas aparecerem, queremos saber se elas estão aparecendo na época certa.

Perguntas da pesquisa

1. Como era a terra quando não tinha a borboleta e nem a época do verão?
2. No passado, como era o tempo quando os conhecedores eram crianças?
3. Como as borboletas apareciam no verão quando eles eram jovens? E quando já eram avôs e avós? E hoje como estão?
4. Antigamente, como as borboletas eram? Será que eram iguais à gente?
5. Como elas faziam festas no passado?
6. Como os Wajãpi fazem e aprenderam a fazer as festas de borboleta?

HISTÓRIAS DAS BORBOLETAS

Antigamente, no início do verão, as borboletas voavam em volta das aldeias grandes, ao redor das casas, na beira dos rios e na lama. Elas voavam alinhadas, em fila. Antes de começar a voar, elas faziam seus ovos. O local onde elas costumam botar seus ovos é nos braços de palha preta e folículos das palhas *warakuri* e *ovi*. Eles ficam lá até se transformarem em borboletas.

Geralmente, quando as borboletas costumam voar, a cigarra ainda não está cantando. A cigarra aguarda as borboletas pararem de voar. Depois que a borboleta para de voar, as cigarras começam a cantar.

Tem tipos diferentes de borboletas. *Panã tyty* gostam de voar em duplas e avisam que o verão está chegando; elas dão sinal que o verão já está começando. Elas avisam seus parentes, outros tipos de borboleta, como a borboleta amarela. *Panã tyty* têm cores diferentes. Elas são como chefes das borboletas amarelas e das borboletas *panã arasuka*, que são bem alaranjadas.



APARECIMENTO DAS BORBOLETAS NO VERÃO

No começo dos tempos, o nosso dono *Janejãrã* fez a terra, céu, animais e insetos. Ele fez o tempo de cada ser vivo na terra, como a época de borboletas voando e avisando que o verão está chegando.

Os conhecedores contaram que hoje em dia mudou um pouco a época da borboleta marcando e avisando o início do verão. As borboletas estão sumindo, principalmente nas aldeias mais velhas. Nós descobrimos isso, comparando aldeias mais velhas e centrais com aldeias mais novas, nos limites da Terra Indígena Wajãpi (TIW).

As borboletas amarelas não estão avisando e marcando bem o verão e não estão pousando mais na beira dos rios, igarapés, estradas e nas aldeias. Assim que nós percebemos que o tempo está diferente do que era antes.

Antigamente, as borboletas marcavam certo o tempo do verão. A principal é a borboleta que treme quando está parada (*pana tyty*). Ela é quem avisa a chegada do tempo de verão e dos outros tipos de borboletas: borboleta amarela, borboleta vermelha e branca. Quando essa começa a voar, as outras se juntam na beira dos rios.

A borboleta é um tipo de bicho que bota o seu ovo no tronco de árvores, nas folhas de palha preta e de ubim. Os ovos depois se transformam em lagartas e começam a se transformar em borboletas e a voar sozinhas. Não é em qualquer tempo que elas botam seus ovos – isso acontece, geralmente, na época do verão.

As borboletas comem flores de ingá, flores de conambi, barro e flores de *musukupi*. Quando elas pousam na beira dos rios, elas estão se juntando para se alimentar, isso é o jeito de se alimentar das borboletas. Nós não comemos borboletas, mas elas têm seus predadores, como o gavião (*tawatō miti*) e os pássaros que chamamos *kwe-kwee wyra*, *mypijō* e *wyra sekereju*. Quando elas pousam nas flores, eles começam a atacar.

Os conhecedores contaram que existem 7 tipos de borboletas que são:

Panã tyty (borboleta que treme)

Panã sigã (borboleta branca)

Panã tawa (borboleta amarela)

Panã arasuka (borboleta alaranjada)

Panã aky (borboleta verde)

Panã wae (borboleta com rabo)

Waraperu

Waraperu é uma borboleta diferente das outras, ela gosta de voar sozinha, a asa dela é bem azul. A *waraperu* é *paje ropiwanã* (substância de pajé), quando ela entra nas casas das pessoas, as doenças se espalham nessas aldeias. Ela não marca nenhuma época (inverno ou verão), ela aparece em qualquer época. As outras marcam a chegada do verão.

Nós, Wajãpi, temos regras para tratar as borboletas. A borboleta *panã tyty* sempre treme quando está sentada nas areias e nas lamas, e, por isso, as crianças não podem pegar, senão quando elas crescerem vão ficar com as mãos tremendo para sempre.

Também as crianças não podem brincar com borboletas; se brincarem e matarem elas, as crianças vão ficar doentes, porque sabemos que existem os donos das borboletas. Eles podem levar a alma da criança e colocar dentro das suas cerâmicas, com isso, a criança vai ficar ruim e vai morrer.

As borboletas gostam de voar quando o sol está quente, por cima de rios grandes, da areia e da lama. Elas não voam quando o sol não está quente.

A vida das borboletas é muito importante para os Wajãpi porque através delas nós sabemos quando vai ser o começo do tempo de verão, e, sem elas, ficamos sem orientação para fazer as roças. Por isso é muito importante a pesquisa sobre a borboleta e registrar o conhecimento dos mais velhos.

FESTA DAS BORBOLETAS

A borboleta faz sua própria festa que é *panamay*. Esse nome nosso dono citou nos tempos das origens, e é o nome de uma das festas de borboleta que os Wajãpi fazem. Existe também um outro nome de festa de borboleta, que é *paname'e*. Cada uma dessas festas tem tipos de cantos diferentes.

Geralmente, a festa da borboleta começa à noite e vai até de manhã. Se a gente começar a festa de dia, vai acontecer coisa ruim com uma pessoa ou parentes, crianças ou bebês recém-nascidos irão morrer. Então as festas da borboleta têm essa regra.

A gente aprendeu a festa *panamay* com nossos inimigos *Warikenã*. Antigamente, eles roubaram as crianças dos nossos antepassados e levaram para sua aldeia. Foram três crianças, dois homens e uma mulher. Depois, mataram e comeram um homem quando ele cresceu. A irmã deles casou e teve filhos e logo ela ficou por lá, não voltou para sua família. O irmão mais velho dos três fugiu e voltou para sua aldeia, trazendo essas festas de *panamay* e *paname'e*. Até agora existem essas festas e seus cantos.

Para fazer as flautas que usamos na festa, nós precisamos de taboquinha, algodão, embaúba, bebida de mandioca e urucum.

Antigamente, as borboletas fizeram uma festa que durou a noite e a manhã, porque o céu caiu na terra, então as borboletas se uniram e fizeram a festa para levantar o céu novamente. Elas, ao mesmo tempo, amarraram a terra com cipó para que a terra não desmorone. Então, até hoje existem histórias de borboletas, festas de borboletas, cantos e regras.

O que descobrimos até agora com a nossa pesquisa sobre as borboletas?

Nós descobrimos muitas coisas através dos conhecedores, que a gente não sabia antes. Aprendemos sobre as lagartas que se transformam em borboletas; sobre os tipos de borboletas e suas diferentes cores. Aprendemos que cada tipo não se mistura com outros de cores diferentes, cada tipo forma seu grupo. Aprendemos também que elas comem lama, flores de ingá, flores de *konami* e flores de *musukupi*. Aprendemos também sobre a vida delas no passado, sobre as festas das borboletas dos Wajãpi, seus cantos e as mudanças no comportamento delas de avisar que o verão está chegando.

Canto do *tarutaru*

Kenajarō Waiāpi



Meu nome é Kenajarō Waiāpi, sou técnico em meio ambiente e agente socioambiental. Eu nasci na aldeia Ytuwasu, em 1989. A minha família morava nessa aldeia, depois nós mudamos para aldeia Kuruwaty. Eu comecei a estudar com os professores Parara Waiāpi, Viseni Waiāpi e Sekī Waiāpi. Eu frequentei a escola no Aramirā. Depois eu estudei na aldeia Manilha, com o professor Japarupi. Passei depois a estudar com professor não indígena. Eu já concluí o Ensino Médio e, em 2022, eu recebi o certificado como técnico em meio ambiente. Sou casado com a Najuku Waiāpi, tenho 5 filhos, o nome do meu pai é Tawatō Waiāpi e da minha mãe Kumarawāni Waiāpi.

Quando teve a oficina de pesquisa para os agentes socioambientais wajāpi (ASA), eu escolhi pesquisar o canto do *tarutaru*, que marca o início do tempo do verão.

Eu entrevistei três conhecedores: Tawatō Waiāpi, Kumarawāni Waiāpi e Romāna Waiāpi.

Objetivos

Eu quero descobrir por que o tempo está mudando hoje em dia, para eu comparar com o tempo de quando viviam os nossos antepassados. Antigamente, o tempo era muito diferente do que é hoje; atualmente, o tempo está diferente, sobre isso que eu quero pesquisar, é muito importante a minha pesquisa sobre indicador de verão.

Hipótese

Muitos conhecedores me falaram que o tempo está mudando e eu quero saber mais sobre essas mudanças. Muitas vezes os avisadores cantam pouco para avisar que o tempo do verão vai chegar. No passado, muitos indicadores marcavam bem o tempo do verão e quando as coisas vão acontecer, como, por exemplo, quando o verão vai terminar. Hoje em dia poucos indicadores avisam como antigamente.

Perguntas da pesquisa

1. Em qual horário o *tarutaru* canta?
2. De madrugada ele canta também?
3. O *tarutaru* canta somente no verão?

O CANTO DO TARUTARU

Eu pedi para os sábios me explicarem sobre o canto do *tarutaru*.

Primeiro, eu conversei com meu pai, Tawāto Waiāpi. “Esse *tarutaru* canta a que horas?”, eu perguntei para ele. Ele me explicou: “Esse *tarutaru* não canta no inverno, esse *tarutaru* canta só quando vai acontecer verão”. Por isso, o *tarutaru* é muito importante para marcar o verão. Se o verão vai chegar, ele canta “*tarutaru tarutaru tarutaru!!*”. Aí nós já sabemos que é verão. Nossos avós faziam a festa do *tarutaru*. Essa festa sempre acontece no verão. A pessoa que organiza a festa pede para quem sabe, fazer a festa de *tarutaru*. Depois que organiza, pede para fazer *karary* (caxiri de cará). Nossos avós não faziam festa de *tarutaru* com caxiri de mandioca, somente com caxiride cará.

Pedi para meu pai me explicar sobre *tarutaru*, onde o *tarutaru* está. O *tarutaru* está no céu, a gente só escuta o canto dele. Nem nossos antepassados viram *tarutaru*. O *tarutaru* não está na floresta, só está no céu. Tem pássaros na floresta, e eu acho que *tarutaru* parece um pássaro. O canto de *tarutaru* não mudou até hoje em dia.

Depois eu conversei com Kumurawāni Waiāpi.

Ela disse que o *tarutaru* não canta no inverno, só canta quando vai chegar o verão. Mas a gente não vê *tarutaru*, a gente só escuta o canto dele. Os *tarutaru* são invisíveis. Eu perguntei para a sábia: “Será que é um pássaro? Porque a gente nunca viu, por isso ninguém sabe”. Ela falou: “Eu acho que é pássaro”.

Depois eu conversei com Romanā Waiāpi. Foi dito que o canto de *tarutaru* é sinal para marcar que vai acontecer o verão, ele sempre canta no início de verão. Nunca atrasa, sempre canta, aí brocamos as áreas onde vamos fazer nossas roças. Foi dito que alguns de nossos antepassados viram o *tarutaru*. Falaram que o *tarutaru* não é grande, é pequeno. Também não mudou, desde antigamente até hoje em dia, ouvimos o canto do *tarutaru*. Tem outra ave chamada *karija*, que, como o *tarutaru*, só canta no verão, não canta no inverno.

Quando nossos avós fizeram a festa do *tarutaru*, eles usaram o cocar *ākānytarā*. Nessa festa, sempre é servido o caxiri de cará (*karary*). Ela começa às sete horas da manhã e termina às cinco da tarde, essa festa não acontece no período da noite.

EXPLICAÇÃO SOBRE AS MUDANÇAS NO TEMPO E NOS SINAIS, MARCADORES E AVISADORES

Eu pedi para o sábio Tawatō, meu pai, me explicar sobre mudança no tempo, ele explicou e eu anotei.

Ele disse que antigamente era diferente, o verão ia até o final do mês de dezembro. Hoje em dia, vai até o mês de outubro. Depois, logo vem a chuva. Por isso, hoje em dia, as áreas de plantar as roças não queimam tão bem, porque a chuva cai rapidamente. Antigamente, não era assim, demorava para cair a chuva. Por isso as áreas de roça queimavam melhor antigamente.

Eu pedi para ele contar como eram as frutas antigamente. Ele me explicou que antigamente as frutas davam muito bem, hoje em dia não. Frutas como açaí não estão dando bem, bacaba não está dando bem, e outras. Também a alimentação para as caças não está dando bem. Na época dos nossos avós tinha muitas frutas, por isso tinha muita caça gorda. Hoje em dia isso mudou.

Eu pedi para ele me explicar sobre as árvores. As árvores estão caindo muito no mato hoje em dia. Ele me explicou que antigamente não era assim, não caía muita árvore.

Hoje em dia o tempo mudou, por isso cai muita árvore no mato.

Também eu pedi para ele me explicar sobre piracema, se está acontecendo ainda hoje em dia. Meu pai me explicou que hoje em dia não está tendo piracema. Nós não vimos em nenhum lugar aqui na minha região acontecendo piracema. Antigamente tinha muita piracema, hoje em dia mudou.

Eu pedi para ele me explicar sobre a época em que o tucano come açaí, ele falou que os tucanos ainda comem na época certa, mas menos do que antigamente.

Eu entrevistei a sábia Kumarawāni Waiāpi junto com minha avó Romanā Waiāpi, na aldeia Kuruwaty, sobre esse mesmo assunto.

Quando chegava o verão (*kwaraypy*), nosso avô não tinha pressa para abrir as áreas das roças. Hoje em dia, nós estamos muito apressados para abrir as áreas das roças. Porque hoje em dia não dá bem o verão, ele é rápido, e a chuva cai. Antigamente, não era assim, verão ia até final do mês de dezembro, por isso as áreas de

roças queimavam muito bem. Hoje em dia não dá tempo de queimar bem as áreas onde vamos plantar as roças. Por isso alguns Wajāpi não queimaram suas áreas de roça nesses últimos tempos. Isso traz muitos problemas para nós.

As mulheres mais velhas falaram que antigamente havia bastante fruta e hoje também, que isso não mudou muito. Também tem bastante frutas para alimentação das caças, como *tarayka*, *korēmoyvyra*, *waturija*, *turiwaroro yvyōnā*, *waa*. Mas não tem muitas dessas árvores na minha região.

Eu pedi para elas me explicarem sobre piracema. Hoje em dia não está acontecendo bem a piracema, nós não vimos em nenhum lugar acontecendo. Antigamente, acontecia muito, com muitos peixes como aracu, *warapa*, mandim, *wajapyrea* e outros. Os peixes se reproduziam bem.

O que eu descobri até agora com a minha pesquisa?

Eu já terminei de fazer a minha pesquisa sobre *tarutaru*, eu já descobri sobre o canto do *tarutaru*, como a festa acontece e porque no inverno não se faz a festa do *tarutaru*. Esse tema que eu escolhi é de meu interesse pesquisar, para ver nosso conhecimento na prática.

Canto do gafanhoto *syry*

Nuwara Waiāpi



Eu me chamo Nuwarā Waiāpi, sou agente socioambiental e técnico em meio ambiente, eu já concluí o Ensino Médio. Eu sou casado com Jinaira Waiāpi, tenho 27 anos e ainda não tenho filho. Nasci na aldeia Pypyiny, no dia 07 de agosto de 1994. Os nomes do meu pai e da minha mãe são Sirarā Waiāpi e Kumaja Waiāpi. Eu tenho cinco irmãos e cinco irmãs.

Quando teve a oficina de pesquisa, cada agente socioambiental escolheu um tema de pesquisa sobre transformações ambientais. Eu tentei investigar as mudanças dos tempos do inverno e verão. Eu escolhi pesquisar o gafanhoto *syry*.

Objetivo

Hoje em dia é importante fazer pesquisa com as histórias para sair em um livro. Hoje em dia tem mudanças climáticas, por isso, eu fiz pesquisa sobre os sinais do tempo. Eu já estou comparando os sinais no passado e no presente. Também é importante para não perder a nossa história.

Hipótese

Hoje em dia cada vez mais o verão está mudando. Quando é época de verão, a chuva cai ao mesmo tempo. A chuva está caindo forte e o verão está durando menos tempo. Eu acho que está chovendo na época do verão e quero descobrir por que isso está acontecendo.

Explicação geral

Eu entrevistei alguns conhecedores, eles me contaram histórias.

No tempo do verão, as cigarras e o gafanhoto *syry* começam a cantar. O gafanhoto começa a cantar quando os rios começam a secar. Isso acontece no mês de julho, mas ainda os igapós estão cheios. Ele canta muito em agosto e setembro. Em setembro, não tem mais igapó e, em novembro, seca demais o rio, os igarapés e o igapó. As folhas secas já fazem muito barulho no mês de setembro, quando a gente anda pelo mato. Eu já percebi como o rio fica seco e as folhas também secam, isso até hoje continua assim para mim. Todos os anos isso acontece desde a origem dos sinais.

No tempo do verão, já estão cantando as cigarras como o *riōri*, *torĩ torĩ*, *syāna*, e cada chefe contou suas histórias que são muito diferentes e importantes para nós, Wajãpi. Esses são nossos conhecimentos.

Não é somente *syry* que marca o tempo do verão, vários tipos de cigarras marcam também o verão. No verão, cigarras cantam misturadas com o *syry*, como *torĩ torĩ*. O *syry* é muito importante para nós, porque a gente percebe que os rios vão secar no verão. Quando cigarras e gafanhoto cantam muito, isso indica que o verão vai durar muito; quando cantam menos, o verão vai durar pouco.

Eu comecei a fazer a minha pesquisa aqui na aldeia Wakaputy, e depois fui em quatro aldeias para conversar com os conhecedores. No começo do trabalho, eu expliquei para eles a minha pesquisa.

O chefe Suinã Waiãpi contou histórias dele de antigamente, quando ele vivia nas aldeias antigas. Ele morava tranquilo na aldeia antiga e, então, no começo do verão, ele sempre estava pensando em abrir roças, ele procurava um lugar para fazer a roça quando já estava começando o verão.

No verão, nessa época, sempre cantava um pássaro chamado *kōrija*, depois cantava a cigarra, isso no mês de julho. Existem tipos de cigarras diferentes e com nomes diferentes como eu disse. Na época de verão as folhas estão secando, já está chegando o tempo de queimar a área da roça.

Eu fiz a minha pesquisa e ela é muito importante para entender as diferentes histórias que contam os conhecedores, eles explicaram muito bem sobre a cigarra e os tipos de sinais que aparecem na época do verão. Cada um explicou a origem dos sinais e eu aprendi muito com eles.

Conclusão

Eu já terminei de fazer a minha pesquisa.

Eu já concluí a minha pesquisa sobre o indicador do verão que chamamos em nossa língua de *syry*. *Syry* sempre avisa o tempo do verão. Eu não sabia que *syry* marcava o tempo do verão, mas agora eu sei que é indicador do verão e indicador de que o rio vai secar. Eu descobri que, atualmente, *syry* está mudando: quando ele canta, mesmo assim chove no meio do verão.

A chuva não está respeitando o canto do *syry*, porque o dono da chuva está bravo. *Syry* canta do início até o meio do verão. No meio do verão ele para de cantar, leva mais ou menos até o mês de novembro. Quando *syry* para de cantar, a chuva começa a cair.

Aparecimento das estrelas *sirike*, *akãgwerã* e *eju*

Janaimã Waiãpi



Eu me chamo Janaimã Waiãpi. Sou casado e tenho sete filhos. O nome da minha esposa é Mawi. Eu nasci em 1982 na aldeia Ytumiti, no dia 17 de abril. Eu morava junto com meu pai na aldeia Tajau'ywry. Quando me casei, me mudei para a aldeia Mariry, porque minha esposa é dessa região. Eu fui morar junto com ela e ajudar o meu sogro. Além do Mariry e do Tajau'ywry, eu tenho uma aldeia que se chama Pasisiwry.

Durante as oficinas de pesquisas para os agentes socioambientais wajãpi, nós discutimos sobre as transformações ambientais na Terra Indígena Wajãpi e resolvemos fazer uma pesquisa sobre esse tema e sobre os marcadores do tempo de inverno e do verão. Cada ASA escolheu um marcador para fazer a sua pesquisa, alguns escolheram marcadores do verão e outros do inverno. Eu escolhi pesquisar as estrelas que avisam o início do verão e do inverno, as estrelas que eu estudei se chamam *sirike*, *akãgwerã* e *eju*. Elas são importantes marcadores do tempo para os Wajãpi. Eu entrevistei os conhecedores Wei Waiãpi e Romã Waiãpi.

Objetivos

Eu quero descobrir sobre os indicadores e se eles estão marcando o tempo do mesmo jeito que antigamente. Quero saber se as estrelas *sirike*, *akāgwerã* e *eju* estão marcando o tempo e sinalizando mudanças junto com outros indicadores, como por exemplo, o tucano comendo açaí. Eu também quero descobrir se existem outros tipos de estrelas além dessas que eu estou pesquisando, por isso eu vou conversar com as conhecedoras e conhecedores.

Hipótese

Na minha hipótese o tempo está mudando cada vez mais. Hoje em dia, o verão não é forte e os marcadores não estão avisando sobre as mudanças na época certa. As rãs não estão cantando na época certa, as flores e frutas estão mudando de tempo também. Além disso, a chuva tem atrapalhado nossos trabalhos, principalmente no verão.

Perguntas da pesquisa

1. Como nossos antepassados conheceram os marcadores do tempo?
2. Eles existem desde o tempo dos nossos ancestrais?
3. O que eles fazem quando o inverno chega?
4. O que eles fazem quando chega o verão?
5. Como as estrelas marcam o tempo?
6. Como elas surgiram?

Explicação geral

A estrela *eju* marca a chegada do inverno e do verão, ela que aparece primeiro para avisar que o verão e o inverno estão chegando, ela aparece antes do que *sirike* e *akāgwerã*.

Sirike é um tipo de estrela, ela aparece no céu avisando o início do verão. *Sirike* aparece no céu somente à noite. Quando olhamos o céu à noite, ela aparece bem agrupada. Ela não se mistura com outras constelações. Ela também aparece avisando o início do inverno, quando ela aparece onde o sol se põe, ela vai ficar de cabeça para baixo, avisando que o inverno está chegando.

A estrela *akāgwerã* foi o urubu quem colou ela no céu, ela também é um marcador do tempo, ela avisa se o verão vai ser grande ou se vai ser pequeno; ela avisa também o início do verão e do inverno. Quando ela aparece bem no meio do céu, ela avisa que vai ter um verão grande e quando ela fica de cabeça para baixo, ela avisa que está com sede e que agora vai chover e o inverno vai chegar. Quando o inverno chega, ela desaparece e vai aparecer somente no outro ano. Ela também só aparece de noite, de dia é muito difícil vê-la.

A preguiça canta para avisar também que a estrela *eju* vai aparecer, essa estrela também marca o tempo.

Esses tipos de estrela são muito importantes para o calendário do povo Wajãpi, não é de hoje, mas de muito tempo atrás.

Eu descobri com a minha pesquisa que a estrela *akāgwerã* era uma moça, que nós Wajãpi chamamos de *Akāgwerã* mesmo. Quando ela ia buscar a mandioca na roça, sempre se pintava com urucum. Quando ela terminava de arrancar mandioca, voltava para a sua casa, para ralar mandioca e ela nunca queria jogar a casca de mandioca fora. A mãe dela pedia para ela jogar, mas ela não queria. A mãe dizia para ela que tinha que jogar a casca de mandioca para fora da casa, não podia acumular. Ela nunca queria jogar a casca da mandioca e ela sempre se sentava em cima das cascas.

A mãe não sabia que ela tinha um namorado embaixo das cascas de mandioca, que era um peixe, que chamamos *warapa*. Um dia, de manhã cedo, a moça foi novamente na roça e a mãe dela começou a limpar e a jogar as cascas de mandioca para fora e viu um peixe

que estava lá. Ela matou, cozinhou o peixe, colocou muita pimenta, e assim que a filha chegou da roça falou para ela: “seus irmãos mataram um peixe e eu cozinhei para você comer”. Ela nem sabia que a mãe dela matou o seu namorado. A moça comeu e pediu água para a sua mãe. A mãe não quis dar água para ela e falou para ela buscar a água no rio. Ela foi correndo buscar e de repente ela caiu no chão e o pescoço arreventou e a cabeça separou do corpo. O corpo dela virou um veado vermelho e correu para o mato. Ficou só a cabeça dela. A mãe dela pediu para o genro ver por que a moça não chegava do rio, o marido da moça foi ver e viu só a cabeça dela que ficou no chão, viva. Quando ele chegou perto da cabeça da moça, a cabeça pulou e grudou na nuca dele. Depois, ela não deixava mais o seu marido comer, ela sempre comia a comida dele, ele estava passando fome. Um dia, ele pensou como poderia tirar a cabeça do corpo dele. Ele a convidou para buscar castanha e quando eles chegaram lá, o rapaz pediu para ela descer da nuca dele e ela desceu. Ele subiu na castanheira e falou: cuidado para não cair ouriço da castanha em cima de você. A moça ficou mais longe da castanheira e o moço desceu no chão e saiu correndo, foi embora, ela ficou sozinha lá. De repente, uma cutia chegou na castanheira, comeu as castanhas e ela pulou no pescoço da cutia. Depois, não deixava a cutia comer, a cutia morreu de fome. Outro dia, chegou um veado para comer a castanha e ela pulou no pescoço do veado, e não deixava o veado comer, o veado também morreu de fome. Um dia se aproximou uma anta, passou perto da castanheira e ela também fez a mesma coisa. Quando a anta começou a apodrecer depois que morreu, a cabeça ficou um pouco distante. Quando os urubus começaram a comer a anta, ela pulou no pescoço do urubu, que foi embora com ela para o céu, e colou ela na borda do céu. Por isso que ela está lá até hoje.

O que eu descobri até agora com a minha pesquisa?

Eu entrevistei os conhecedores sobre os marcadores de início de verão e inverno. Conversei com o chefe Wei Wajãpi, conversei com ele sobre os marcadores que marcam o início de verão. Ele me falou que o *eju* aparece primeiro, avisando que o verão está chegando. Durante da entrevista, ele contou que tem três tipos de marcadores no céu, que são *eju*, *akãgwerã* e *sirike*. Eles são marcadores do inverno também. O sábio me falou também que essas estrelas ficam de cabeça pra baixo, avisando que o inverno está chegando. Elas são o calendário dos nossos antepassados.

Tem uma conhecedora que falou que *akãgwerã* tem dois nomes: *eju* e *akãgwerã*. Outros falaram, como eu disse, que são marcadores diferentes.

Eu também descobri que a moça que menstrua pela primeira vez não pode olhar os marcadores no céu, quando eles aparecem; se a moça olhar esses marcadores, vai ficar cheia de espinhas no rosto. Então, durante a pesquisa eu descobri muitas coisas novas que eu não sabia antes.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Livro dos Saberes Wajãpi sobre transformações ambientais e climáticas / organização Igor Scaramuzzi ; Agentes Socioambientais Wajãpi. -- 1. ed. -- Macapá, AP : Iepé - Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2023.

Vários autores.
ISBN 978-65-89357-09-4

1. Amazônia - Aspectos ambientais 2. Cultura indígena
3. Ecossistemas - Aspectos ambientais 4. Meio ambiente - Amazônia 5. Povos indígenas (Wajãpi) - Identidade étnica 6. Povos indígenas (Wajãpi) - Usos e costumes
I. Scaramuzzi, Igor. II. Rosalen, Juliana. III. Szmrecsányi, Lúcia.

23-187009

CDD-304.209811

Índices para catálogo sistemático:

1. Amazônia : Meio ambiente : Preservação : Ecologia
304.209811

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Em suas conclusões, os pesquisadores não identificaram uma causa única, nem mesmo um conjunto consolidado de causas e fatores para as transformações percebidas pelos Wajãpi. Mas é interessante notar que quase todos os fatores e causas levantados estão relacionados com os modos de vida dos não indígenas. Essas relações e conexões foram feitas tanto com alusão aos impactos das sociedades urbanas e industriais sobre o meio ambiente e sobre as vidas dos povos indígenas, de uma maneira geral, como, também, pensando e refletindo sobre o quanto a proximidade cada vez maior dos não indígenas tem impactado a vida dos Wajãpi.

A Terra Indígena Wajãpi está localizada no oeste do Amapá, na Amazônia, e tem hoje uma população de cerca de 1700 pessoas, vivendo em mais de 140 aldeias. Também existem subgrupos wajãpi na Guiana Francesa, perto da fronteira com o Brasil, e algumas famílias vivendo nas Terras Indígenas Paru d'Este e Parque do Tumucumaque, no norte do Pará. O povo Wajãpi passou a manter contato contínuo com a sociedade não indígena a partir da década de 1970. No Brasil, isso se deu principalmente pela abertura da Rodovia Perimetral Norte (BR-210), que cortou parte do território tradicionalmente ocupado por seus subgrupos.



Nós, Wajãpi, conhecemos muitos sinalizadores e marcadores – animais, vegetais, astros, donos e espíritos da floresta – que nos avisam e orientam sobre as mudanças no tempo e nos ambientes e que são importantes para nosso jeito de viver. Este livro é uma pesquisa sobre esses sinalizadores e sobre transformações ambientais que estamos percebendo na nossa Terra Indígena, que são diferentes das mudanças que aconteciam antigamente, todos os anos. Queremos contar e explicar essas transformações para outros Wajãpi, para outros povos indígenas e para os não-indígenas.

